

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 4 DE JULHO DE 1969 N.º 16 716 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SABADOS



Karim Latabrie conseguiu qualificar-se para a final da eleição de «Miss Feiticeira-69», actualmente a decorrer em Paris, no Olimpia. Na foto, vê-mo-la num fato «enfitecido», especialmente criado para ela pelo costureiro da B. B., J. Bouquin

Militares portugueses absolvidos na Zâmbia

LUSAKA, 4 — (R.) — O Supremo Tribunal de Justiça desta cidade anulou as sentenças decretadas contra dois soldados portugueses acusados de terem entrado ilegalmente no território da Zâmbia, no dia 16 de Junho.

Os dois militares, um tenente e um sargento, que cumprem serviço militar em Angola, haviam sido condenados a uma pesada multa que, no caso de não ser paga, envolveria dois anos de prisão.

O Supremo Tribunal absolveu-os por não concordar com a «severidade da condenação e com o facto de não terem sido devidamente consideradas as atenuantes».

HOJE 36 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

DISTÚRBIOS EM TURIM

Mais salários menos trabalho — gritaram os manifestantes

TURIM, 4 — (F. P. e R.) — Brigadas da Polícia de choque lutavam às primeiras horas de hoje em Turim com multidões enfurecidas durante as piores desordens que se registam há anos nas ruas desta cidade.

Uma paz podre foi restaurada antes do alvoecer, após nove horas de violência que deixou 150 pessoas feridas — 70 delas polícias. Contudo, alguns pequenos distúrbios registavam-se ainda nos arredores.

Quando nuvens de gás lacrimogénio pairavam ainda nos ares e a Polícia de choque patrulhava as ruas cobertas de destroços, um informador da Polícia disse que 167 manifestantes tinham sido presos.

Vários dos 20 automóveis e três autocarros incendiados pelos manifestantes viam-se abandonados nas ruas, cobertos de pedras atiradas contra a Polícia. Cerca de 70 guardas, incluindo o chefe da Polícia

de Turim, Marcello Guida, ficaram feridos em consequência dos incidentes.

Os recontros seguiram-se a uma greve de 500 000 operários, incluindo dezenas de milhares da gigantesca fábrica de automóveis Fiat, protestando contra os aumentos nas rendas de casa e a falta de habitações.

«As desordens mais sérias foram provocadas por jovens nas zonas mais pobres da cidade» — disse o informador da Polícia. «A greve em si foi pacífica, mas os recontros começaram à tarde, após jovens operários tentarem realizar uma marcha proibida».

No auge das desordens,

(Continua na 14.ª pág.)

AVIÃO DESVIADO PARA CUBA

HAVANA, 4 — (F. P.) — Um avião comercial equatoguineense desviado para Cuba por «piratas do ar» aterrou esta madrugada no aeroporto de Santiago de Cuba.

O aparelho, um «DC-3», da companhia SAETA, transportava 23 passageiros e 3 tripulantes.



Ralph Abernathy, dirigente dos direitos civis dos negros norte-americanos, que hoje foi posto em liberdade. Abernathy deu a entender que vai chefiar novas manifestações nas ruas como aquela que o levou à prisão há duas semanas. (Ler na pág. 14)

CONVITE PARA O JAPÃO

O «Diário de Lisboa» leva a Tóquio uma jovem portuguesa

A partir de hoje, as jovens portuguesas que quiserem participar em «Convite para o Japão», devem preencher, cuidadosamente, o cupão que publicamos e as habilitará a uma maravilhosa viagem a Tóquio.

Com o cupão é também obrigatório que sejam remetidas duas fotografias, de busto e de corpo inteiro, formato grande, a preto e branco ou a cores. Recordamos que a data de nascimento, de cada candidata tem de ser pos-

(Continua na última página)

Aprenderam pela TV e os seus pontos vão ser vistos por computadores



Sete mil alunos da Telescola estão desde ontem em exame. Tal como no ano passado (mas ainda com um ar de extrema novidade) os pontos vão ser vistos e classificados por computadores. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

ora diga-nos...

— Já viu algum Festival de Canções?

O rosário começou a desfilar em San Remo. Primeiro, titubeante. Depois, proliferando com força, tomou conta de meio mundo. Benidorm, Barcelona, Aranda Del Duero, Orense, Braga, Luanda, Figueira da Foz, Espinho, Viña del Mar, Cidade do México, Rio de Janeiro, Atenas. O Eurofestival de melodias (sobretudo esse) traz milhões de alvoroçados. Qualquer dia, pelos vistos, chegará a vez a Alcochete e Régua, Portalegre e Sines. Ou talvez não.

● Distribuidor de correio, o sr. João Correia Adelino tem opinião pessoal:

— Pessoalmente, nunca assisti a nenhum, mas tenho visto diversos pela televisão.

— Por exemplo — O último... Ora deixem-me ver... Pois, o último: creio que era da Alemanha.

— Da Alemanha? Tem a certeza?

Poucas dúvidas: — Quase. E só foi pena não entrar a minha vedeta, o Manuel de Almeida. Aquilo é que é ser fadista!



● É estudante, frequenta o ensino particular e chama-se Maria Leonor Candeias.

— Vejo todos. Sempre que posso, é claro...

— O mais recente?

— O da TV, ali no São Luiz. Infelizmente não entrou o Calvário...

— Gostou das melodias?

— A «Desfolhada» é uma «tara». Porque é que não a têm tocado na Rádio?

● O sr. Eduardo da Costa vinha muito cansado, quase vergado ao

peso de uma velha pasta.

— Sou cobrador, mas estou à espera da reforma na Caixa de Previdência.

— Quanto a festivais...

O sr. Costa atalha logo:

— Não ligo. Na minha idade já não se perde tempo com isso.

Imediatamente:

— Para evitar complicações, ponha lá o que quiser. Também sou reformado da Marinha, mas como arranji este lugarzinho, venho de me defender... Ponha a resposta como entender. Tá bem?



COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

1.º Sector — Concelho de Lisboa: Largo da Ajuda e imediações. (Das 8 às 12 horas).

4.º e 8.º Sector — Rua Joaquim António de Aguiar 1 a 37, P.º Marquês de Pombal 3 a 8 e Metropolitano. (Das 8 às 12 horas).

6.º Sector — Av.ª da Liberdade, 167 a 193. (Das 8 às 12 horas).

8.º Sector — Azinhaga do Arcoiro a Telheiras e imediações. (Das 8 às 12 horas).

10.º Sector — Azinhaga da Torrinha a Ameixoeira e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.º Zona — Concelho de Oeiras: Bairro da Reboleira — Amadora. (Das 8 às 13 horas).

2.º Zona — AMADORA: Rua Candido dos Reis, Rua Henrique Nogueira, Rua Guerra Junqueiro, Rua dos Bombeiros Vo-

luntários, Rua Eça de Queirós, Rua Duarte Pacheco, Rua Infanta D. Maria, Rua D. João de Castro, Av.ª Marechal Carmona, Av.ª Marquês de Pombal, Rua Manuel de Arriaga, Praceta 28 de Maio, Praceta Mestre Simão de Almeida e Estrada de Falcagreira. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — LINDA-A-VELHA: Av.ª Pedro Álvares Cabral (parte), Av.ª Dr. Oliveira Salazar, (parte), Av.ª Tomaz Ribeiro (parte), Av.ª Fontes Pereira de Melo (parte) e Cd.ª do Chafariz. (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona — Concelho de Cascais: CASCAIS: Av.ª Valbom, Rua da Palmeira e Rua Sapadores Caminhos de Ferro. (Das 8 às 15 horas).

Passagem de modelos em Moçambique e na África do Sul

Por via aérea, seguiu hoje para Moçambique o costureiro Nelson que em Lourenço Marques apresentará a coleção de modelos de alta costura para Verão, com o patrocínio da esposa do governador-geral, senhora de Rebelo de Sousa. O elegante desfile será, depois, apresentado em Joanesburgo.

VIDA SOCIAL

CAPITÃO FRANCISCO LARCHER

Recolheu a um quarto do Pavilhão da Família Militar, do Hospital da Estrela, para se submeter a uma intervenção cirúrgica, o distinto oficial aviador sr. capitão Francisco Larcher.

DE ONTEM PARA HOJE

ASSOCIAÇÕES DE ADVOGADOS

No mundo dos nossos dias, a especialização é essencial. O âmbito da ciência tomou proporções de tal modo tentaculares que se torna impossível um só espírito abarcá-la. E até nos seus ramos as subespecializações se impõem. Quando se fala num médico, acrescenta-se-lhe ao nome a sua especialização — estomatologista, radiologista, pediatra, etc. Pois não é só nas ciências médicas que tal acontece. No estrangeiro, os advogados adoptaram a especialização há muito tempo, em diversos países. Os advogados portugueses estão, porém, atentos à evolução da sua profissão e aos problemas da sua classe. A noite passada, o dr. João Paulo Cancela de Abreu falou na Ordem para os seus colegas com o bastonário Pedro Pita a presidir. Pronunciou-se aquele caudilco sobre «As sociedades civis de advogados». Salientou a posição, cada vez mais difícil, do advogado isolado, cultor de todos os ramos de Direito. Concluiu que as circunstâncias impõem a colaboração entre advogados, colaboração essa que melhor se realizará através da constituição de sociedades profissionais. «Na lei portuguesa — como disse o dr. Cancela de Abreu — nada obsta à constituição imediata das sociedades civis de advogados».

VERSOS E PEDRAS

As pedras do mosteiro dos Jerónimos dormiram tarde, que muitos foram os que lá estiveram, de vigília, para ouvir versos, escutar musica, ver ballado. O Chefe do Estado deu o exemplo. Foi noite rica, de nação rica, com libré, cabeleiras empoadas, arautos dispendiosos, montagem grandiosa, orquestra sinfónica, dois maestros e muita gente que ali passou o resto da noite e o princípio do dia. Houve

quem visse pela Televisão. O pretexto foi a distribuição dos prémios dos Jogos Florais da Emissora Nacional, versos que quatro declamadores, quatro, atiraram para a velha ressonância das pedras espantadas. Aconteceu uma noite muito semelhante aquela dos primeiros Jogos Florais de Toulouse, como o padre Moreira das Neves salientou, referindo-se a essa memorável sessão de 1324. De facto, o lo-

cal não era o mesmo, as pessoas eram outras, os versos não têm comparação e as intenções foram muito diferentes. A Idade Média, afinal, não está nada longe.

PROGRAMA DO MAIS ANTIGO

Salu daqui com dois meses e foi para o Brasil, filho de emigrantes. Voltou agora para conhecer a terra dos pais e a sua também, que o seu passaporte continua português. Angélio José Simões é o mais antigo re-

NEUROLOGIA E ENSINO

«É indispensável que institutos especializados de Neurologia sejam integrados nas Universidades, recebam directivas do Estado e o respectivo auxílio necessário e a criação do tempo integral para um certo número dos seus colaboradores, o que tem como consequência uma remuneração suficiente.» — disse o prof. Almeida Lima, numa comunicação na Academia das Ciências de Lisboa, acerca da posição da Neurologia no ensino médico.

sidente português no Brasil. Falou ontem com o prof. Marcello Caetano, com o secretário de Estado da Informação e Turismo, com o director-geral do Turismo e agradeceu a Varig a oferta das passagens.

Reunião dos alunos do antigo «Grande Colégio Universal»

Na Quinta de S. Tiago, em Leça da Palmeira, para o efeito cedida pela Câmara Municipal de Matosinhos, realizou-se depois de amanhã o XXI almoço de confraternização do antigo «Grande Colégio Universal».

A concentração é feita às 11 horas na Avenida dos Aliados, junto à Câmara Municipal do Porto.

«CRISE DE ABUNDÂNCIA» DE AGÊNCIA DE VIAGENS

Os corpos gerentes do Grémio das Agências de Viagens e Turismo foram recebidos pelo Secretário de Estado de Informação e Turismo, a quem expuseram os problemas com que actualmente se debate a sua actividade. O sr. Albino André, presidente do Grémio, pronunciou algumas palavras,

em nome de todos os seus colegas, para abordar assuntos relativos à sua profissão. Entre as questões postas salienta-se o do numero excessivo de agências de viagens em relação às necessidades do turismo nacional. «Há uma crise de abundância» salientou o presidente do Grémio.



Um grupo de estudantes e professores da Universidade brasileira do Recife, que se encontra actualmente em visita de estudo ao nosso País, ao abrigo do intercâmbio universitário luso-brasileiro, esteve no Banco Nacional Ultramarino. Acompanhados por directores do Banco, visitaram as modelares instalações daquela instituição de crédito, pelas quais demonstraram o maior interesse e admiração.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação no uso os comboios eléctricos

COZINHA VELHA

QUELUZ — Telefone 950232

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que amanhã, sábado, dia 5, a nossa «SALA», «COZINHA VELHA» e o «TERRAÇO», se encontram reservados para um LANCHE DE CASAMENTO, servindo-se no entanto na «SALA DE BANQUETES» os nossos habituais Almoços, Chás e Jantares.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até às 19 horas.

Cruzeiro CVR IV

CONHEÇA, VIVA, REALIZE-SE

Lisboa-Barcelona-Palma de Maiorca-Gibraltar-Lisboa

De 25 de Outubro a 1 de Novembro

Paquete «Moçambique»

Saida de Lisboa a ... 25 de Outubro

Estadia em Barcelona em ... 27 e 28 de Outubro

Estadia em Palma de Maiorca a ... 29 de Outubro

Estadia em Gibraltar a ... 31 de Outubro

Chegada a Lisboa a ... 1 de Novembro

Preços desde 1900\$00

Aconselham-se todos os interessados a proceder à reserva do seu lugar, dado o reduzido número de lugares disponíveis neste cruzeiro.

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Rua do Comércio, 85 — Telef. 32 30 21 — Lisboa
Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22438 — Porto



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

PARA SALVAR A EUROPA DOS «SEIS» É URGENTE E NECESSÁRIO RECORRER A UMA POLÍTICA INDUSTRIAL COMUM

MILÃO — Julho — A União aduaneira, que enriqueceu durante dez anos os seis associados da C. E. E., «explodirá», se cada país membro prosseguir uma política económica nacional tendente, *in limite*, a substituir pela concorrência entre Estados a concorrência entre empresas.

É este o vigoroso aviso lançado em Milão, perante um público reunido sobre o tema da política industrial comunitária, por Guido Colonna di Paliano, membro da comissão de Bruxelas encarregado precisamente das questões industriais.

Exprimindo-se a título privado, ao mesmo tempo que sublinhava serem as suas ideias objecto de um consenso dos meios comunitários, Colonna di Paliano pergunta como se chegou a semelhante situação. A sua resposta é que se assiste a uma mudança de carácter da Comunidade europeia que não fora prevista pelos autores do tratado de Roma: a competição nos produtos joga actualmente entre os fabricantes destes produtos, as empresas. Por conseguinte, teria sido preciso que estas se adaptassem sem demora às dimensões do novo mercado único para o interditar aos americanos, ou, pelo menos, para os impedir de neste lançarem dezenas de testas de ponte. Sabe-se o que se passou: as empresas permaneceram nacionais num mercado já europeu.

Os Estados nacionais passaram fortemente neste sentido. Razão disso? Globalmente, as suas empresas públicas e privadas não tinham fôlego suficiente para, simultaneamente, conquistar o mercado carregado que lhes era aberto e substituir, no âmbito nacional, os sectores em declínio que não têm lugar num sistema económico de competição.

Daqui as intervenções de Estado múltiplas a favor de indústrias moribundas,

por razões sociais, onerosamente acumuladas com iniciativas — desta vez em nome do prestígio nacional — a favor das actividades chamadas «de ponta», que tardam em tornar-se «operacionais» e cujas «recaídas» tecnológicas se fazem no vazio, por falta de terreno para as receber.

A concentração dos esforços públicos nas indústrias de ponta e de cauda fez-se em detrimento das indústrias de transformação a que incumbe aumentar a prosperidade geral. Os concorrentes de

uma situação social tanto menos suportável quanto se concentraria num único Estado membro».

Ainda sobre o mesmo assunto, o relator, aludindo ao I. R. C. inglês, pergunta «se não seria oportuno criar organismos privados ou públicos, especializados no financiamento das operações de fusão tanto no plano comunitário como nos planos nacionais». Outra tomada de posição notável: «a política dos Seis em relação aos investimentos dos países terceiros já não pode ser puramente

volvimento pede a mobilização dos recursos comunitários, verifica-se a seu respeito um a espécie de exagero dos particularismos nacionais. Os Estados, em caso de cooperação europeia neste campo, exigem a sua participação nos resultados do ratelo da sua entrada, colocando o princípio do equilíbrio contabilista acima do da eficácia. Ora «é evidente que uma cooperação limitada por sector corre o risco, caso se baseie exclusivamente no princípio da eficácia, de reforçar as disparidades existentes, dado que, normalmente, é o país que, num sector determinado, dispõe do património técnico mais importante que pode utilizar mais eficazmente os meios colocados à disposição da cooperação».

A situação é complicada pelo facto de «a procura dos produtos «avanzados» emanar, em grande parte, dos serviços públicos ou de economia mista, quer dizer, de um mercado comumente qualificado como mercado artificial ou garantido. Ora as administrações públicas até agora reservaram quase exclusivamente os seus pedidos às indústrias nacionais, donde resulta que, para estes produtos, o mercado, em grande medida, permaneceu compartimentado. Abrir o mercado significa, neste caso, liberalizar os mercados públicos. Mas a liberalização dos mercados dos serviços públicos apresenta novamente, sob um aspecto diferente, o problema do «justo retorno». Para este problema não existe outra solução que promover a criação de grupos plurinacionais, onde estariam representadas as empresas dos diversos países».

Afinal de contas — é a conclusão geral da argumentação de Colonna di Paliano, a integração do mercado exige a integração das estruturas de produção. Os Seis estão, na verdade, apanhados na armadilha da Europa. Custar-lhes-ia muito mais procurarem desenvolver-se dela do que de prosseguir no caminho aberto há dez anos.

Declarações de Colonna di Paliano ao jornalista Alain Murcier enviado especial do «Le Monde»

países terceiros que não têm de suportar semelhante carga definitiva ou provisoriamente improdutiva tiram as castanhas do lume...

Os quase monopólios nacionais em acusação

Como remediar este estado de coisas? Dos longos desenvolvimentos do relatório Colonna di Paliano sobre a política de adaptação estrutural das empresas, reteremos o que se refere ao «agrupamento transnacionais». O risco de agrupamentos numa base estritamente nacional, nota ele, é de levar à constituição de quase monopólios nacionais (é visado o V Plano francês directamente) tentados a procurar tirar-se de embaraços fazendo intervir os seus Governos de preferência a melhorar a sua gestão ou a sua estratégia.

O outro risco assinalado é a transformação da selecção desejada pelo tratado de Roma «num jogo de tirar ou dobrar, cujo objectivo se tornará a existência dum sector industrial inteiro de um país membro... Esta situação pode conduzir ao rebentamento parcial da comunidade ou a

nacional», sob pena de malogro e de contravenção das disposições do tratado.

A política dos Seis apanhada na armadilha da Europa

No capítulo da política das estruturas sectoriais, o relator quer que seja abandonada a orientação «essencialmente negativa» que consiste em concentrar o esforço nos sectores que não são «automotores». A acção de promoção a conduzir visa a parte «sã» da indústria, sem naturalmente desprezar os sectores de vanguarda.

Alguns reparos de bom-senso são feitos a este propósito. Todos os sectores, mesmo os mais tradicionais, desenvolvem e utilizam, pouco ou muito, técnicas novas e merecem, a este respeito, atenção. Dito isto, a distinção entre sectores de ponta e sectores convencionais «depende, sobretudo, da relação que se estabelece entre estes sectores e a realidade do mercado». O arranque dos sectores de tecnologia avançada exige intervenções artificiais para fazer face às insuficiências iniciais da procura. Mas, enquanto que o seu desen-

Nota
do dia

UM PREÇO CARO

APARECEU PEIXE MORTO, não se sabe muito bem como nem de onde, na praia de Santo Amaro de Oeiras. As autoridades mandaram enterrar o peixe para evitar perigos à saúde pública. Já tem aparecido peixe morto nalguns rios ou ribeiras de vários pontos do País, por origens identificadas e regularmente situadas na proximidade de instalações industriais que nesses cursos de água fazem a descarga dos resíduos da sua produção. Não há muitos anos que se discutiu apaixonadamente a poluição das águas da barra de Setúbal. Há poucos dias houve o caso, que deu a volta ao mundo, dos peixes mortos pela toxicidade das águas do Reno, com os alarmes que se sabem causados pela proibição de consumo de água distribuída pela habitual rede de abastecimento em algumas cidades holandesas.

Este fenómeno da poluição das águas que importância e que influência é que tem? Antes de mais nada há o sinal de alarme representado pela morte de verdadeiros cardumes da população piscícola. E daí o perguntar-se: pois se a água mata os peixes que confiança é que podemos ter nós para a beber? Para a beber ou para a usar, por exemplo, nos preparos de cozinha ou na rega das hortas e pomares, já de si, antes disso, sujeitos aos riscos dos pesticidas com que pretendemos salvá-los de outros riscos. Não é verdade que já algumas vezes se considera o bicho na fruta como certificado de que podemos comê-la sem receio de venenos?

E os fumos das chaminés, os fumos das fábricas e dos automóveis? Não é só a poluição das águas que bebemos ou em que nos lavamos, é também a da atmosfera que respiramos. Ninguém se lembra de retilhar com os fumos, por exemplo, da Sacor, retilha-se é com os cheiros... De resto, cita-se um nome apenas porque, de certo modo, ele vale como um símbolo para a poluição lisboeta. Mas o que é, por exemplo, o escape de seis ou sete filas de automóveis, de motores a trepidar, quando fecham os empregos, a subir e a descer a nossa proverbialmente bela Avenida da Liberdade? E os óleos pesados dos carros pesados? O que é que se respira? Como é que se respira? Por quanto tempo?

Se quisermos alinhar novas interrogações, elas não nos faltam, capítulo a capítulo. E as poeiras radioactivas dos ensaios de explosão nuclear, cujos «cogumelos» famosos nem sempre se dispersam prontamente e se passeiam compactos pelo universo, levados pelo capricho dos ventos? O emprego crescente de isótopos na medicina, na agricultura, nas experiências laboratoriais, que riscos comporta? Onde e como é que se faz a descarga dos respectivos resíduos? Nos esgotos correntes? Em canalizações que vão dar às praias? E, para cúmulo, já se pergunta agora que espécie de contaminações é que podem trazer para a Terra os homens que vão pôr os pés na Lua...

Parece que este é o preço que pagamos pelo que chamamos o progresso técnico da nossa civilização, que todos os dias nos oferece novos requintes e novas comodidades sem nos lembrar a contrapartida de degradação do meio ambiente em cujo condicionamento estamos conformados para viver. Por quanto tempo? Até onde é que se pode esticar a nossa capacidade de adaptação? Estas inquietações e estas interrogações já saíram do sector dos homens de ciência para encontrarem eco e formulação nos altos sectores políticos. Chegaram à O. N. U. e, aí, houve uma consciência universal que conduziu a um voto por unanimidade. Vamos ter uma experiência mundial para daqui a dois ou três anos. O mundo de hoje fez-se tão pequeno relativamente à dimensão dos problemas que em casos como este as decisões locais ou os arranjos regionais perdem todo o sentido e toda a eficácia. Só à escala mundial. Será a consciência deste risco, que é de todos, capaz de arredar as «grandes» questões de prestígio ou de ambição em que os homens e os países distraidamente consomem o seu tempo?

A MENINA DAS TRÊS FACES

Conhecia-a de a ver passar para a pequena igreja do bairro nos seus trajes de menina cheia de candura e ingenuidade. Achava até curiosa a simplicidade com que, aos domingos, empunhava na missa a pequena bandeja de prata e recolhia para a paróquia o óbolo dos fiéis.

Depois passei a vê-la nos comboios da linha, certamente a caminho do seu primeiro emprego, com o mesmo ar gaiato e feliz de outrora, sem conhecer ainda o trabalho a acra da amargura e desilusão, que a existência em proporções mais ou menos férteis, sempre prodigaliza.

Assisti, portanto aos seus primeiros passos numa vida de trabalho

com a alegria própria dos que começam uma actividade desconhecida, onde ela contactava com um mundo de deslumbramento e onde, certamente, não cabiam as bonecas das primeiras primaveras.

Agora, «moça-donzele», encontrava-a ainda, frequentemente nas estações que ambos utilizamos. Mas, acompanhada. Já — suponho — tem namorado. E toda ela, agora, é diferente nesses momentos de êxtase, em que uma inefável ventura se lhe lê nos olhos e lhe alegria o rosto. É feliz nesses instantes em que vive o seu despertar para o amor.

Depois o comboio parte. Ela, normalmente, viaja só. E quando no pequeno apeadeiro do bairro des-

ce da carruagem de primeira classe apercebo-me do ar circunspeto com que caminha senhora de si. Perdeu naturalidade e já não sabe olhar as coisas ao seu redor com a ingenuidade dos tempos não muito distantes quando se dirigia para a pequena capela com o pensamento unicamente dirigido para o sobrenatural. Exibe um semblante carregado de responsabilidade que cret se contraído. Mostra outra face.

E das três que lhe conheço, muitas vezes me interrogo: qual será a verdadeira, a autêntica, que corresponda à sua verdadeira personalidade? Pois se ela é já mulher...

ENCARNAÇÃO VIEGAS



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«Vender gasolina é fraco negócio»

Continuamos a receber infindáveis provas da grande repercussão provocada pelos artigos que publicámos sobre «Vender gasolina é fraco negócio». De Évora foi-nos enviado o seguinte telegrama:

«Revendedores de combustíveis distrito de Évora reconhecendo-se a alguns dos contratos exclusividades de que auferem comissões provavelmente insuficientes, sujeitos a constantes aumentos seus encargos exploração e cansados pedir em companhias distribuidoras que termine insustentável situação actual, agradecem vosso jornal oportuna concisa análise seus problemas. Reafirmam incondicional apoio seu Grémio para diligências junto entidades oficiais. — Archimínio Caeiro, Lda. Auto Serviço Calipolense, Lda., Co-

mercial do Alentejo Lda., Tibério Ramos Benjamin e C., Bernardino José de Mira Cavaco e Irmão, Lda., José Lameiras, Feliciano Leitão e Filho, Lda., Fernando dos Prazeres e Filhos, Lda., Francisco Mendes Serpa, João Joaquim Rodrigues e Irmão, Lda., João Manuel, José Francisco Beja e Irmão, José Simões Alves, Lda., Laurentino José dos Reis, Jaime Ernesto Nogueira Martinho Velez, Peças Pacheco & Irmão Lda., João Rafael Cortes, Pedro Benito Garcia, Sociedade Comercial Guerin, S. A. R. L., Évora Sociedade Comercial e Moagem, Lda., Vicente A. Mendes, Victor José Gonçalves Sousa e Marques, Lda., Viuva de Manuel João Caeiro, Luís Pereira Torráo, José Lopes Borrego, Transportes Alberto Farina, Mário Bernardino Caeiro, Manuel António Nunes Mar-

ques & Filho, Faustino Filho, Gomes & Irmão, Lino Vilaz, Viuva de António José Claudino, Manuel de Sousa, Francisco J. Maçarico, João Maria Seródio e Manuel António Abreu».

Também de S. Pedro do Sul, da estação de serviço «Sacor», da firma Silva & Carvalhas, Lda., recebemos um telegrama de agradecimento pelos nossos artigos.

Imposto profissional

A Tesouraria da Fazenda Publica do 2.º Bairro Fiscal de Lisboa pede-nos para lembrar que o imposto profissional de 1968 e a liquidação definitiva da contribuição predial de 1968 estão á cobrança na referida tesouraria, durante o corrente mês.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 4. — (A. N. I. e L.) — O boletim informativo das Forças Armadas de Angola, relativo ao período de 22 a 28 de Junho, é do seguinte teor:

«A actividade geral dos bandoleiros revelou as características anteriores. Verificaram-se algumas reacções á actualização da nossa tropa, á abertura de itinerários e protecção ás actividades económicas em Cabinda, junto da fronteira, perto de Milonge».

Durante um reconhecimento, foi accionado um engenho explosivo implantado pelos terroristas. Um ataque dos bandoleiros á uma fazenda, na região de Tati, causou um morto entre os trabalhadores e provocou uma reacção das nossas forças que, durante a perseguição, fizeram dois mortos e vários feridos.

No distrito do Cuanza Nor-

te foi assinalado um grupo de bandoleiros, que procurava aliciar a população, a noroeste de Camabateia. Foi-lhe movida perseguição e capturado material.

A nordeste de Terreiro, os bandoleiros montaram uma emboscada a uma viatura civil e assassinaram o condutor.

Na Lunda, verificou-se um assalto praticado pelos bandoleiros a uma aldeia, a leste de Nova Chaves, que produziu três mortos e quatro feridos.

No Moxico, as nossas tropas e as milícias atacaram um acampamento, á sul de Macondo, capturado material de guerra, equipamento e munições, e infligiram um morto e vários feridos aos terroristas, antes que estes se tivessem conseguido pôr á salvo para além da fronteira da Zâmbia. Durante uma operação, a noroeste de Lutembo, também com a colaboração das milícias, foi assaltado outro acampamento e feitos três mortos e três feridos, e apreendidas duas espingardas automáticas e uma pistola-metralhadora de origem soviética e munições.

Noutra acção, a oeste de Cangamba, foi libertada cerca de uma centena de pessoas, que os inimigos mantinham em cativeiro, e capturadas munições e variados artigos.

Também no decurso de uma batida na região de Sete, a que os bandoleiros opuseram certa resistência, foram ocasionados dois mortos e um ferido.

No distrito do Cuando Cubango, os bandoleiros efectuaram um ataque á viatura da Junta Provincial de Povoamento, e ocasionaram sete mortos, entre os quais duas mulheres e duas crianças, e quatro feridos, sendo três crianças. Atacaram outra viatura civil, a norte de Serpa Pinto, e mataram um dos ocupantes, e montaram uma emboscada ás forças militares, entre Cuitocuanavale e Lupire.

As nossas tropas tiveram dois mortos e oito feridos em combate. Verificaram-se ainda um morto e um ferido das milícias, igualmente em combate, e dez mortos e oito feridos entre a população civil.»

EXPOSIÇÃO DE LIVROS INGLESES SOBRE PESCA

PORTIMAO, 4 — Nos Paços do Concelho desta cidade, é inaugurada amanhã á tarde uma exposição de livros modernos ingleses sobre pesca que foi organizada pelo British Council em Londres para ser apresentada nos principais países pesqueiros do Mundo, por ocasião das recentes Conferências Internacionais de Pesca.

A exposição estará patente ao publico até ao dia 10, e a sua inauguração é assinalada por uma conferência sobre «A problemática das conservas de peixe», pelo eng.º Hélio Paulino Pereira, presidente do Instituto Português de Peixe.

No dia do encerramento, o capitão-de-fragata Estiveira de Ataíde falará sobre «A oceanografia na expansão económica do Mundo Português». Ambas as conferências se realizam no Hotel da Penina.

ECONOMISTAS (curso de 1945/49) CONFRATERNIZAM

No sábado, decorre um encontro dos licenciados em Ciências Económicas e Financeiras do curso de 1945-1949, que comemoram o 20.º aniversário da sua formatura. O programa é o seguinte: ás 10 horas, missa na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora das Oficinas de S. José, por intenção de professores e condiscipulos já falecidos; ás 11 e 30, visita ás instalações do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, onde um membro do curso saudará o corpo docente e um antigo professor dará uma aula, após o que será descerrada uma placa comemorativa; ás 13 e 30, almoço na cantina do Instituto; e ás 20 e 30, jantar de confraternização num hotel do Estoril.

As inscrições ainda hoje podem ser feitas pelo telefone 72 66 88 ou directamente para os colegas dr.ª Maria Adelaide Vale Barata e drs. Pedro Palmela, Vítor Carmo e Costa e Eduardo Braumann.

A FORD NO MERCADO EUROPEU

Conforme foi anunciado pelo sr. Semon Knudsen, presidente da Ford Motor Company, esta empresa vai proceder á construção de um estúdio de desenho na Itália, que se destina aos trabalhos de desenvolvimento de novos conceitos de desenho de automóveis destinados aos mercados europeus.

O sr. Knudsen fez esta declaração durante a visita que realizou a Copenhague, para celebrar o 50.º aniversário da Ford da Dinamarca. «Decidimos construir este estúdio em Turim por ser um dos maiores centros creativos de desenho para automóveis» — declarou numa conferência de Imprensa.

A organização Ford europeia é, mais do que nunca, multinacional, sendo composta por representantes de quase todos os países da Europa Ocidental. A nossa política consiste em encontrar os melhores elementos para desempenharem as mais variadas funções, quaisquer que sejam as suas nacionalidades. A Ford britânica e a Ford alemã já possuem os seus estúdios de desenho. Este estúdio na Itália desempenhará um papel importante na contribuição dos

projectos da Ford na Europa».

Na Grã-Bretanha, o sr. Joseph Oros, desenhador chefe da Ford na Europa, declarou: «O estúdio será um complemento dos departamentos de desenho da Ford alemã e da Ford britânica, não se destinando a substituir os estúdios de desenho desta companhia mas apenas a actuar como apoio destinado a estimular novas ideias e também a encontrar melhores soluções».

O novo estúdio será inaugurado logo que o respectivo pessoal tenha sido admitido e as instalações apetrechadas com todo o necessário equipamento. Será de sua exclusiva responsabilidade o desenvolvimento de desenhos a partir da sua fase inicial, incluindo os aspectos relativos aos processos de engenharia que levarão á fabricação de modelos em escala em fibra de vidro.

Em Roma, o sr. R. di Piramo, director da Ford de Itália, declarou: «Estou certo que o nosso novo estúdio contribuirá grandemente para a descoberta dos novos conceitos relativos a desenhos de automóveis.»

AVISO

O IMPOSTO PROFISSIONAL está a pagamento no corrente mês.

Contactando-nos já, poderá pagar o seu imposto em 12 mensalidades suaves.

Peça um impresso explicativo deste serviço que o Banco criou para si.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
ONCE TEM UM CONTA MAIS DO QUE A SUA CONTA

O DISCO VEM AÍ

Para a etiqueta «Atmosfera» o conjunto regional Júlio Marinho gravou «Batatas com bacalhau», «Aonde está o dinheiro», «Rusga de S. João» (do próprio Júlio Marinho) e, ainda, «De olho porro na mão» (Rafael Carvalho).

Outro agrupamento típico (o de Nel Garcia) gravou um 45 rpm para a «Rádio Triunfo». Interpretações: «Ora dá, dá», «Ó rapaz, tu larga a moça», «Olha o trevo» e «Vejam que bom».

José Julio de Moraes tem fados gravados para a «Aqui-la» acompanhado pelo conjunto de guitarras de Raul Nery em quatro melodias: «Eu nasci a ouvir o fado»; «Amor-te tanto e perdi-te»; «Tinha o nome de saudade»; e «Cabelo branco é saudade».

A «Copacabana» introduziu o selmista no mercado do disco. Através de um 45 r. p. m. com «A bonequinha»; «Fim do Mundo»; «Geografia do amor» e «Não vai brincar».

O espectacular Ray Conniff gravou «Those were the days»; «I love how you love me»; «Wichita Lineman»; e «Sunny», para a etiqueta C. B. S.

Espectáculos do «Verde Gaio»

O Grupo de Bailados «Verde-Gaio», da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, apresenta-se amanhã, em Castelo Branco, no dia 12 em Tomar, e, 25 em Leiria.

O «Verde-Gaio» cuja direcção artística continua confiada a Margarida de Abreu e Fernando Lima, estreará os bailados «Sinfonia», com música de Bizet e coreografia de Fernando Lima, e ainda «Movimento», música de Cordeiro da Silva e coreografia de Margarida de Abreu.

Do elenco fazem parte os bailarinos Maria José de Azevedo, Neilma Williams, Magda Cardoso, Paula Gareya, Klaus Götz, Heitor Salcedo, Ana Lorena, Jenny Parkers e outros.

IMAGEM DO DIA

Para comemorar o 25.º aniversário do desembarque na Normandia das forças aliadas comandadas pelo general Eisenhower, Parry Zanuck resolveu reexibir nos palcos de todo o mundo «O DIA MAIS LONGO», agora em versão monumental de 70 milímetros. Como se sabe além de se tratar de uma reconstituição escrupulosamente realizada com a colaboração dos Governos da América, Inglaterra, França e Alemanha, «O DIA MAIS LONGO», que inicia hoje a sua reexibição no TIVOLI, é interpretada por 42 grandes artistas internacionais.

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores de 12 anos)
O GRANDIOSO FILME
A TUNICA
com Richard Burton
Amanhã
A tarde e à noite

1944
1969

HOJE DE NOVO SENSACIONAL APRESENTAÇÃO NO

TIVOLI

DO MAIS NOTÁVEL
DOCUMENTO HISTÓRICO

25.º ANIVERSÁRIO
DO FAMOSO DIA-D



MAIORES DE 12 ANOS



Produção de
DARRYL F. ZANUCK

O DIA MAIS LONGO
(THE LONGEST DAY)

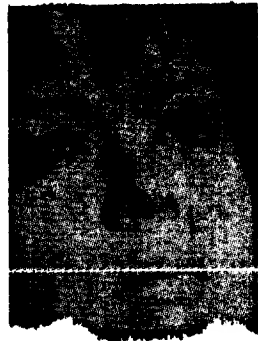
Baseado no livro de CORNELIUS RYAN

AGORA EM
70 MM

SÓ ATÉ DOMINGO

HOJE, às 21.45 h., espectáculo a favor
do **CENTRO HELLEN KELLER**
(BILHETES A VENDA)

VASCO MORGADO
e RAUL SOLNADO
apresentam
**UM EMOCIONANTE
ESPECTÁCULO**



AR CONDICIONADO
**TEATRO
VILLARET**
o mais moderno e confortável de Lisboa

BLACK-OUT

OLHOS NA ESCURIDÃO

com JO ALVARENGA na protagonista e por ordem de entrada em cena **ADRIANO REYS** — **JOÃO GUEDES** — **SINDE FILIPE** — **ROLANDO ALVES** — **CÉLIA DE SOUSA** — **GILBERTO GONÇALVES** — **COSTA VAZ**

UMA EXCITANTE EXPERIÊNCIA
EM «SUSPENSE»

HOJE-GRANDE NOITE DA MODA-HOJE

NA **FEIRA POPULAR
de LISBOA**

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»

E COMO SEMPRE SERÁ O DIVERTIMENTO
DA POPULAÇÃO DE LISBOA

Stands de exposições — Divertimentos — Restaurantes — Retiros — Sorteios — Etc.

ABERTURA AS 19 HORAS

HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL, LDA, DE AVEIRO

UNIVERSAL
SONORO FILME

SEXO
DROGAS
CRIME
ARMAS DE ÓDIO E CORRUPÇÃO!



**DON MURRAY
INGER STEVENS**

**F.B.I.
CONTRA**

A MAFIA

HOJE

ESTREIA DE «SUSPENSE»

TECHNICOLOR — M. 12 anos

EDEN



SANYO

UM GIGANTE DA MARAVILHOSA INDÚSTRIA JAPONESA

RÁDIOS, TRANSISTORES, RÁDIO-GIRA DISCOS, GRAVADORES/ALTA FIDELIDADE

DISTRIBUIDORES **Frigel** LISBOA

***** **NINA** *****
NIGHT CLUB Maiores de 21 anos
Apresenta um extraordinário programa internacional
SANDRA MOURA (baile moderno)
ELIOTE (sambista)
KAY CANDY (baile moderno)
Matinées todos os dias das 18.30 às 20.30 com atracções
AR REFRIGERADO



NOVO CASINO ESTORIL

apresenta



THE FOURMOST

de novo
UM DOS GRANDES EXITOS de 1968



JOHN SEIDEL AND PARTNER

Natércia da Conceição



BENTYBER DANCERS

com CLAUDETTE WALKER e LINDSAY DOLAN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

CASSANDRA

SO NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e às 21.30 h.

O SALTO

(M. 17 anos)

Mais de vinte conjuntos participam no festival de música moderna da Costa do Sol

Os ritmos modernos vão entusiasmar a juventude, durante alguns dias, no ambiente cosmopolita do Estoril. Mais de vinte conjuntos constituídos por artistas valiosos participarão no 1.º Festival de Música Moderna, organizado pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

As provas eliminatórias realizar-se-ão já no próximo dia 9. Um júri, composto por um maestro, um compositor, um jornalista, e um poeta escolherão os 8 conjuntos que se apresentarão na final a realizar no Pavilhão da Juventude Salesiana, em 16 de Julho.

Cada conjunto tocará, na eliminatória, um ou dois números seguidos. Se tocar dois números, um deles pelo menos, será obrigatoriamente original e da autoria do próprio conjunto.

O júri da classificação será composto pelo júri de selecção e por mais quatro individualidades, representando, respectivamente, a Junta de Turismo da Costa do Sol, a Rádio, a Televisão e ainda por um elemento das editoras de discos.

Todos os conjuntos participantes na final receberão

troféus comemorativos do Festival e os que se classificarem em 1.º, 2.º e 3.º lugares terão prémios de 15, 10 e 5 mil escudos respectivamente. Além destes prémios todos os componentes dos conjuntos receberão medalhas. Será criado um troféu, perpétuo, onde se gravará, anualmente, o nome do conjunto classificado em 1.º lugar.

A Junta de Turismo da Costa do Sol mandará gravar um disco com as músicas apresentadas pelos conjuntos classificados em 1.º e 2.º lugares na Final do Festival.

A FILARMÓNICA PEDROGUENSE EM LISBOA

Depois de amanhã, realiza-se em Lisboa a reunião da colónia pedroguense a fim de receber a sua banda de música que vem agradecer o auxílio recebido sem o qual não poderia sobreviver.

ESTREIAS DE HOJE

No Eden
Título em Português — «F. B. I. contra a Magia».
Produção — Americana.
Realização — David Cowell Rich.
Intérpretes — Dom Murray, Inger Stevens, Fritz Weaver e Barry Nelson.
Género — Aventuras.
Distribuição — Universal — Sonoro Filme.
Processo — Technicolor.
Classificação — 12 anos.

Pepsie

Últimas representações

UMA BELA COMÉDIA no

TEATRO LAURA ALVES

Tel 864756 (ADULTOS)

HOJE, 2 SESSÕES
20.45 e 23 h.

no elenco

com IRENE CRUZ
JOÃO LOURENÇO
ANTÓNIO ANJOS
GRACA LOBO
DAVID SILVA

12.ª SEMANA
2 HORAS A RIR!



A Grande Revista

DOS PARODIANTES DE LISBOA

com

CAMILO e FLORBELA

NO MONUMENTAL

TEATRO COM AR REFRIGERADO
UM ESP. DE VASCO MORGADO
HOJE 2 SESSÕES 20.45 e 23 H.
UM ÉXITO COMO NÃO HA MEMÓRIA
DOMINGO, A TARDE, AS 16 HORAS

PAUL McCARTNEY
(BEATLES)
COMPÓS

CARLOS MENDES

CANTA

PENINA

DISCO PARLOPHONE PM-144

PENINA WINGS OF REVENGE

UM DISCO QUE JÁ ERA SUCESSO

ANTES DE PUBLICADO

A VENDA NOS REVENDEDORES HABITUAIS E EM

VALENTIM DE CARVALHO CI SARL



SÓ ATÉ DOMINGO!

AS 20.45 E AS 23 HORAS

NO • MARIA VITÓRIA •

O ADEUS A LISBOA DA ENGRAÇADÍSSIMA REVISTA

• MÃOS À OBRA! •

O TRIUNFO DE UM GRANDE ELENCO, COM
SALVADOR • VIANA • MARIEMA
MAX • ANITA • DORA • VITOR
MENDES • HELENA CARDINALI •
• MARIANO FRANCO • VITOR ES-
PADINHA • DINA MARIA
com a atracção INÉS MARCO

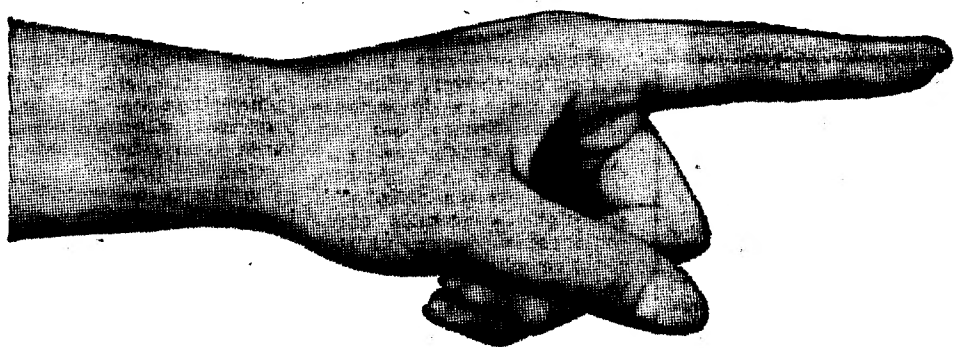
ADULTOS



JOSÉ VIANA, o brilhante artista que acaba de conquistar, pela 2.ª vez, o «PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO ESTEVO AMARANTE», PELO S. N. I. AO SEU TRABALHO NAS REVISTAS «GRANDE POETA E O ZÉ» E «MÃOS À OBRA»

• DOMINGO, ÚLTIMA «MATINÉE», AS 16 HORAS •

torralta dã



8 a 12% na compra de um apartamento em Alvor, no Algarve.

Os nossos técnicos elaboraram um rigoroso estudo da valorização dos apartamentos, nessa zona. Em consequência garantimos, na compra de um apartamento, o rendimento de 8%, nos primeiros cinco anos, 10% nos cinco anos seguintes e 12% no período entre os 10 e os 15 anos.

SE JÁ É POSSUIDOR DE ACÇÕES «TÍTULOS DE FÉRIAS» E QUISER COMPRAR UM APARTAMENTO, PODE PARA PAGAMENTO DAR AS SUAS ACÇÕES.

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A
Telefs. 51748, 54479 e 555681

LAGOS — Hotel Golfinho — Telefs.
302-481/2

PRAIA DE ALVOR — Telefs. 3128 e
3211 (Portimão)

TORRALTA A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL



TORRALTA
CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS SARL

TAUROMAQUIA

CORTEJO À ANTIGA E TOURADA À MODERNA

Integrada nas Festas da Cidade, promovidas pela Câmara Municipal de Lisboa, tivemos no Campo Pequeno, ontem, à noite — foise o Sol e veio a Lua — uma tourada precedida por aquele cortejo que os turistas, que quase encheram a praça, puderam admirar no luxo dos coches e na indumentária da figuração. Depois, seis cavaleiros lidaram seis touros nas modernas regras, e em toda a tourada nada houve da classificação total das antigas corridas à portuguesa, nem aquele salto de vara, que em Lisboa já não vemos, e que Madrid não esqueceu em mais uma semelhante evocação, efectuada ali na semana última. Cá, nem aquela «Casa da Guarda», em que os forcados deram o nome aos pegadores. Enfim, cortejo talvez à antiga, mas tourada à moderna.

O primeiro touro, de Barbosa Coimbra, refugiava-se nas tábuas, mas Manuel Conde cravou, com sua reconhecida maestria, duas boas farpas e duas curvas aplaudidas. Tancredo, do Grupo de Amadores de Santarém, pegou bem e deu volta à arena com o cavaleiro. O 2.º, colaborando melhor, foi muito

bem lidado e bem farpeado por David Ribeiro Teles, a terceira de frente e também as curvas, com aplausos e volta à arena com Tavares, que pegou bem. Brindaram os dois cavaleiros ao sr. ministro do Interior e ao sr. presidente do Município, respectivamente. O terceiro foi para José Maldonado Cortes, que, após quatro farpas, foi, pelo seu cavalo de pelagem Isabel, para boas curvas, sempre bem lidando com alegria. Brindando a mestre João Nuncio, pegou bem, ao segundo intento. Nuno Megri, que, com o cavaleiro, deu volta à arena, o intervalo, exibiu Alfredo Conde seus dotes de bom equitador em belas curvas, e, recostando bem, cravou uma farpa com exposição e outra de frente, sendo aplaudido. Vasco Delgado pegou bem, sofrendo derrotas e dando volta à arena a coxear. O penúltimo da noite via mal e só corria atrás do vulto do cavalo, mas Fernando Andrade Salgueiro farpeou com inteligência e deu volta à arena com Salazar Lebre, que pegou bem, sofrendo derrotas e ficando a coxear. E o último foi para D. Francisco Azarujinha, que está prestando serviço militar e não pôde bem preparar os seus cavalos, apesar do que farpeou bem e deu volta à arena com Brillante, que, pegando valente, como todos do famoso grupo, brindou à inolvidável Conchita Citron. Conseguiu Joaquim Oliveira que a tourada durasse duas horas, fora o cortejo.

«EL PEREZ»

«A MELODIA É QUE ERA JÁ CONHECIDÍSSIMA»

A propósito de «Quatro estações», canção de José Mesquita interpretada por Paula Ribas na revista «Ritmo», em cena desde 27 de Junho no Teatro Monumental, escrevemos o dr. Anjos Madeira, advogado do compositor, solicitando em nome deste que esclareça o sentido da frase subscrita no meu apontamento crítica da estreia («a melodia, único número bisado durante o espectáculo, é que já era conhecida»).

Segundo o dr. Anjos Madeira, o seu cliente «produziu trabalho absolutamente inédito» para a revista. Só acho, pois, uma explicação, e vai nela (tardamente) o elogio devido ao compositor: tendo entrado no meu ouvido — e certamente no do público que pediu bis —, a melodia deu-me depois, ao ser repetida, a impressão de que eu já a conhecia. O seu a seu dono: repare-se o atingido, José Mesquita, e veja-se a ausência de má fé por parte do crítico de má memória.

FERNANDO ASSIS
PACHECO



LOUIS F. POLK JR.

O sr. Louis F. Polk Jr. foi eleito para o cargo de presidente da M-G-M Inc. de New York, em substituição do sr. Robert O'Brien, que tinha ocupado idêntico cargo desde 1963. O sr. Louis F. Polk Jr., por seu turno, designou ultimamente as personalidades que ocuparão os seguintes postos: o sr. Seymour R. Mayer foi nomeado presidente da mesma firma com sede em New York, em substituição do Senhor Maurice R. Silverstein; o sr. Benjamin Melniker ocupará o lugar de vice-presidente do mesmo organismo; o sr. MacAfee foi nomeado director administrativo para a Europa, com sede em Paris; o sr. Myron Karlin foi nomeado director de vendas para a Europa, com sede em Roma.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação util.

Use os comboios eléctricos.

LEIA um caso vivido

O AGENTE DE MOSCOVO

de GREVILLE WYNNE

livro documentado com ilustrações

Edição da EDITORIAL MINERVA — LISBOA

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO S. JORGE

TÍTULO — «Não se foga para sempre» («Nobody Runs Forever»).

REALIZADOR — Ralph Thomas (1968).

INTERPRETES — Rod Taylor, Christopher Plummer, Lili Palmer, Camilla Sparv, Daliah Lavi.

Estamos perante um filme comercial. Isto é, temos uma história de aventuras, com vários ingredientes sem grande originalidade. O que se pretende é distrair, emocionar, comover. O objectivo é, aqui ou ali, atingido. O mais importante a fazer notar é a correcção, a seriedade, a dignidade com que a obra é conduzida. Sem transigências excessivas em relação ao gosto do público. Sem abandonar o terreno do puro divertimento. Sem desequilíbrio. Combinam-se várias histórias com certa desenvoltura. As personagens vão-se desenhando com maior ou menor segurança. Rod Taylor está muito bem no papel de um australiano pouco civilizado, pouco diplomático mas eficiente, desajeitado mas simpático. É uma interpretação um pouco diferente do habitual. Isso ajuda, é claro. Quanto a Lili Palmer, ela é excelente de firmeza e personalidade. Christopher Plummer (o da «Música no Coração») consegue ser agradável e convincente. Importante, sobretudo para ver, é Camilla Sparv — porque é muito bonita (já o sabíamos desde «Arquivo K») e muito elegante (considerações pouco intelectuais). eu sei, mas que contam para um espectáculo comercial).

Eis um filme de aventuras que sabe ser lento. Que pre-

tende ser emocionante e dramático, mas que o faz sem garra. Que pretende ser inteligente, e nem sempre o é. Quanto a estilo, ele está mais certo sempre que menos se faz sentir. Também aqui Ralph Thomas não nos deslumbra. Mas não aborrece. Correcto, nada mais.

EM COMPLEMENTO: Perante um panorama cada vez mais desolador, vale a pena notar que o São Jorge tenta evitar que a primeira parte dos seus programas se transforme num «mau bocado» de que o espectador se deseja livrar a todo o custo. Os complementos do São Jorge, baseados muitas vezes na produção canadiana, têm frequentemente bastante interesse. Desta feita, a par de um «Carrocel» aceitável, temos um curto, mas muito bem elaborado, filme didáctico contra o uso do tabaco. A imaginação gráfica está aqui magnificamente aproveitada. Vale a pena.

E. P. C.

A «ANTIGONA» (DE ANOUILH) EM ALGÉS

O «Primeiro Acto — Clube de Teatro de Algés» leva hoje à cena, mais uma vez, a peça «Antígona» de Jean Anouilh que será repetida amanhã e no domingo, às 21 e 45.

A repetição da peça é imposta pelo interesse suscitado não só pela peça mas também pelo jovem grupo de teatro de Algés.

CAPITÓLIO

Telef. 32 03 79

HOJE AS 22 HORAS

(M. 17 horas)

«O 2.º TIRO»

de Robert Thomas
com Maria Dulce — Pedro Lemos — Batista Fernandes — Varela Silva e Paiva Raposo.
Amanhã: Tarde às 16 horas
Últimas apresentações

DOMINGO, 6 DE JULHO
AS 17.45 HORAS
GRANDIOSA
CORRIDA DE TOIROS

INTEGRADA NAS TRADIÇÕES
FESTAS DO
COLETE ENCARNADO

CAVALEIROS
MESTRE BATISTA • JOSÉ LUPI
ESPADAS

A COMPETIÇÃO QUE O PÚBLICO DESEJAVA
JOSÉ JÚLIO • MÁRIO COELHO
FORCADOS AMADORES DE LISBOA
COMANDADOS POR SALVAÇÃO BARRETO

8 TOIROS

DE CASTA ESPANHOLA DA SOC. AGRO-PECUÁRIA DO VALE DO SADO

VENDA DE BILHETES: Lisboa — AG ABEF, Praça dos Restauradores; TAB. FREITAS, Rua 1.ª de Dezembro, 85

Vila Franca — CAFE CENTRAL, E LOCAIS DO COSTUME



José Júlio



Mário Coelho

NA NOITE DE SÁBADO, 5, PARA DOMINGO, 6, ÀS 2.45 H.
Festival Tauromáquico da Sardinha Assada
ENTRADAS E LARGADAS DE TOIROS

REPOSIÇÕES

• NO ROMA

TÍTULO — «Rocco e seus Irmãos» («Rocco e suoi fratelli»).

REALIZADOR — Luchino Visconti (1959).

INTERPRETES — Alain Delon, Annie Girardot, Renato Salvatore, Claudia Cardinale.

O público de Lisboa pode, apesar de tudo e a partir de agora, considerar-se com uma certa sorte. Não falamos do tempo (que melhora, muito embora as nuvens de ameaça se mantenham...), mas sim de cinema. Na verdade, cinematograficamente o espectador lisboeta tem presente alguns bons filmes para rever, mesmo deixando de lado o ciclo da Casa da Imprensa. Assim, depois de «Muriel», de Alain Resnais, e de «Ladrões de Bicicletas», de Vittorio de Sica, duas novas películas se lhes vieram juntar durante as reposições de ontem à noite. Referimo-nos a «Rocco e seus Irmãos», admirável obra-prima de Luchino Visconti, e a espantosa comédia norte-americana de Leo McCarey «O Estravagante Senhor Ruggles».

Perante a impossibilidade prática de revisitar os simultaneamente estas duas obras, mas admitindo como urgentíssima uma tomada de posição que alertasse o leitor para o significado e a importância das películas, citadas, resolvemos aqui assinalar o acontecimento, transcrevendo opiniões que de algum modo permitam o esclarecimento e, sobretudo, uma mobilização.

Sobre «Rocco», disse Georges Sadoul: «Devo afirmar primeiramente que «Rocco» é um admirável «Cine-Romance», mais importante ainda que «Senso», essa inquestionável «Cine-Ópera». (...) «Rocco» pode comparar-se, pela sua riqueza psicológica e social, às grandes obras romanesco destes últimos cento e cinquenta anos e, antes de tudo o mais, a Dostoevsky, quer pelo seu gosto pela violência, quer pela sua inquietação. Um pouco também porque o filme não se entrega de imediato na primeira leitura (digo visão), onde a sua violência, o seu ritmo um tanto precipitado mas também lento poderiam chocar ou decepcionar. A obra ganha muitíssimo com uma segunda visão e ainda mais com uma terceira» (1).

Sobre o mesmo filme afirmou Robert Benayoun: «Visconti, que não tem medo da literatura e como tem razão, não hesita em citar as suas fontes. São todas de carácter romanesco: Verga, Dostoevsky, Thomas Mann e não será a Bíblia que me contradirá. Surgem imediatamente os arquétipos. Rocco-Muichkine-Joseph, que se sacrifica para lavar a honra da família, será o Bem e Simone o ladrão, o assassino, a ovelha negra, será o Mal. Ciro, o irmão positivo, extraindo a moral do drama,

• NO VOX

TÍTULO — «O Extravagante Senhor Ruggles» («Ruggles of Red Cap»).

REALIZADOR — Leo McCarey (1934).

INTERPRETES — Charles Laughton, Mary Boland, Zasu Pitts, Roland Young.

incita-nos a verificar: «A maldade de Simone é tão prejudicial como a bondade de Rocco. Rocco é um santo, mas no mundo onde vivemos não se pode perdoar sempre. Na sociedade que os homens criaram não há lugar para os santos; a sua piedade provoca desastres.» Notemos que este resumo se assemelha bastante ao de «Nazarin», no qual um sacerdote explica na prisão: «Se a sociedade não nos destrói a nós, santos e criminosos, nós destruí-la-emos.» O vocabulário empregado num e noutro caso é muito revelador. O bem e o mal, noções ultrapassadas, estão presentes por um simples acidente de antíteses. A fábula viscontiana é mais subversiva que edificante...» (2).

Quanto a «O Extravagante Senhor Ruggles», vejamos o que dele disse Claude Beylie, no «Cinema 68»: «MacCarrey, que dirigiu os Marx no seu filme mais famoso e foi o «gagman» de alguns dos melhores cómicos mudos da época heróica, deve certamente muito à tradição burlesca. Mas deve ainda muito mais, parece-me, a uma concepção «clássica» da comédia de caracteres, indo de Molière a Feydeau e Guitry (com uma breve pausa em Pirandello), fundada sobre os desenhos, os usos, os intermédios galantes, os efeitos de repetição, etc. Acrescenta-lhe ainda um sentido do pormenor, pitoresco e comovido, uma sensibilidade autêntica, um lirismo que atinge o limite do melodrama, bastante imprevisível em semelhante contexto, mas cujo aparecimento surge perfeitamente natural, vindo até, paradoxalmente, reforçar o realismo das situações. O riso nunca se encontra longe das lágrimas. Se não acreditais, correi a ver «O Extravagante Senhor Ruggles» que os distribuidores tiveram a excelente ideia de repor» (3).

Aqui fica, portanto, o aviso aos incautos: cinema a não perder, películas que como poucas justificam inteiramente as honras de uma reexibição. Diga-se de passagem: reexibição que tardava e não é mais do que um acto de justiça e também um serviço prestado à cultura cinematográfica nacional. Que o exemplo frutifique e os critérios de selecção de reposições adquiram uma certa sanidade... são os votos.

LAURO ANTÓNIO

(1) — in Lettres Françaises, n.º 807, Março de 1960.
(2) — in Positif, n.º 40, 1961.
(3) — in Cinema 68, n.º 128, Agosto, Setembro de 1968.

PRÉDIO

VILA FRANCA XIRA

Muito bem situado, construção cimento armada, grande volume, comp. de 7 pisos, 14 inq., habit. de 4 cs., coz., c. banho, grande marq., desp., hall, elevador. Rende 135 600\$, todo alug., rendas baixas. Preço 2260 contos.

MOSTRA E TRATA:

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3, 2.º — Telef. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

O COLÓQUIO SOBRE A POLÍTICA DE HABITAÇÃO

A GRAVIDADE DO PROBLEMA EXIGE A CRIAÇÃO DE UM MINISTÉRIO PRÓPRIO

O Colóquio sobre Política de Habitação continuou ontem, a discutir um tema fundamental («Estrutura Orgânica do Sector Público no Domínio da Habitação»), abordando-o pelos esquemas de acção: ao nível do planeamento e coordenação gerais, ao nível executivo das administrações central e local e no que toca à intervenção do Ministério das Obras Públicas.

Constituíam a mesa (de que era coordenador o eng.º Ferreira da Cunha) os arquitectos Mota Antunes e Nuno Portas, eng.º Mário de Azevedo, Santos Costa, Jorge Mesquita, Tomás Rito, Noronha e Távora e drs. Maia Alves, Gonçalves Lourenço e Casimiro Pires.

Além do subsecretário de Estado das Obras Públicas, encontravam-se presentes os secretários-gerais das Pres-

ra, alertando os presentes para a importância do tema a desenvolver:

— Na sessão de hoje ire-

«É preciso alojar em habitações provisórias os actuais moradores dos abaracamentos. À força de viverem como animais alguns homens já não sabem viver como homens — e precisam, portanto, de um período de transição» — afirmou o dr. Gonçalves Lourenço na sessão de ontem.

dências da República e do Conselho.

Depois da apresentação dos intervenientes, o eng.º Ferreira da Cunha proferiu algumas palavras de abertu-

mos tratar da forma como se encarará o lançamento da «política da habitação» — instrumento primeiro de acção governamental coordenado no sector — através de

uma estrutura organica eficiente. Como é sobejamente conhecido, e tem sido evidenciado neste Colóquio, as entidades promotoras da execução da habitação, quer do sector público e semipúblico, quer do sector privado, enfrentam estrangulamentos que não lhes permitem acelerar o ritmo de actividade que as circunstâncias impõem e as suas possibilidades admitem. Tais estrangulamentos são, em princípio, devidos à ausência de uma política da habitação, mas também resultantes, e com peso apreciável, da falta da coordenação das estruturas existentes; isto é, os canais de ligação entre os diversos organismos intervenientes no problema da habitação encontram-se, a maioria das

vezes, estrangulados na mesma, obstruídos, e isto em grande parte devido ao espírito muito cerrado, aliás, mas extremamente fechado dos vários escalões da administração.

E a terminar:

— Não se devia descurar a existência actual de estruturas que se ocupam especificamente do sector e que constituindo, certamente, meios válidos para uma acção imediata, como se im-

Reclama-se um Ministério da Habitação

Coube a primeira intervenção ao eng.º Santos Costa, que acentuou a necessidade de criar-se um organismo que se ocupe da política habitacional e funções com ela relacionadas: um novo ministério, como sucede noutros países — precisou —, e dotado de verdadeiros poderes. Sem isso não se poderá sair da situação actual.

Depois de referir que não se deveria ceder a fórmulas de aparente facilidade que podiam atenuar o alcance de metas desejadas, o eng.º Santos Costa preconizou a concessão de empréstimos aos Municípios das regiões favoráveis à expansão industrial, para construção de habitações; a fiscalização intensiva para que se cumprira a actual legislação; e o fomento da construção de casas de renda limitada. O orador terminou a sua intervenção propondo a constituição de um quadro geral técnico municipal, nos moldes do quadro técnico administrativo.

Após uma observação do dr. Maia Alves, que discor-

dou com a ideia de fomentar a construção de casas de renda limitada — sistema caído em desuso por ter deixado de satisfazer necessidades devido aos males de que enferma, segundo precisou — falou o dr. Casimiro Pires. Este orador ocupou-se de problemas respeitantes ao nível de planeamento e referiu-se à falta de um órgão de apoio, o que não dá possibilidades de se avançar na resolução dos problemas. Falou, seguidamente, dos investimentos públicos directos e sublinhou a existência de deficiências de apoio estatístico.

No centro está o homem

O dr. Gonçalves Lourenço, que se dirigiu ao uso da palavra, começou por afirmar fazer a sua intervenção na posição de «homem da rua», precisando que se devia considerar o Homem como o centro do problema habitacional. Disse, também, não compreender a razão da não intervenção dos poderes públicos no que toca à habitação, á semelhança do que se faz no domínio dos produtos alimentares. Depois de salientar que não interessava qual o órgão que se ocupasse do problema habitacional — desde que fosse eficiente a sua actuação por forma a modificar, bem e depressa, o actual estado de coisas —, disse derivar do mesmo uma grave erosão familiar. A terminar, o orador referiu-se á conveniência de alojar, em habitações provisórias, os actuais utentes dos abaracamentos. Isto — acentou — até porque a força de vivem como animais alguns

(Continua na 16.ª página)

Sugerida durante o debate a participação de estudantes no ataque ao problema

A viabilidade da participação de estudantes universitários no ataque ao grave problema da habitação em Portugal foi ontem lembrada, no debate da noite, por um aluno da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, e corroborada pelo arquitecto Nuno Portas, professor daquela escola.

A questão foi levantada, já no final da longa maratona oratória de 25 inscritos para o debate, pelo estudante ANTONIO MARQUES MIGUEL, que lembrou haver, ao curso, 2300 horas por alunos dedicadas ao estudo de tura Analítica, composição disciplinada base (Arquitectura, Arquitectura e Urbanologia), lembrando que os futuros arquitectos poderão vir a ser chamados a «participar na solução de um problema de âmbito nacional».

— Há que construir também, e objectivamente, com a argamassa humana que são os estudantes — afirmou. E terminou, citando Gropius:

— O verdadeiro objectivo de toda a educação — apesar de muitas vezes esquecido — é estimular o entusiasmo por um maior esforço.

Apoiando a sugestão, disse depois o arquitecto Nuno Portas que se impõe uma reconversão das profissões ligadas ao sector da habitação, lembrando a necessidade de criação de um ensino interdisciplinar, o qual tem sido mal recebido pela estrutura universitária. «As experiências que se têm feito nesse sentido» — afirmou — «têm suscitado reacções das instituições, contrárias a tudo o que sejam aberturas no exterior».

Mais «esquerda» e «direita»

Teve alguns momentos especialmente significativos o

debate de ontem, travado, como todos os outros, na presença corajosa do subsecretário de Estado das Obras Públicas. Expressaram-se, uma vez mais, vozes da esquerda e da direita — como se assinalou nos anteriores debates.

Assim foi que o arquitecto PEDRO VIEIRA DE ALMEIDA veio a público defender a tese segundo a qual se deve encontrar primeiro o método de actuação e só depois os instrumentos.

E concluiu a sua breve intervenção (muito aplaudida) nos seguintes termos:

— Não desejaria que o tema de uma alteração da estrutura sócio-política fosse — ainda por cima com o apoio de tantos técnicos aqui presentes — o alibi para não se encarar uma vez mais o problema de frente. Nessa altura aceitar-se-ia que o problema das carências habitacionais era o preço por que se pagavam todas as benesses da ordem política estabelecida.

Portanto, em conclusão, parece-me:

1.º — que o sentido de chamar a atenção para a dimensão política do problema deve ser, e é, quase que exclusivamente o sentido de responsabilizar o Governo pela sua solução;

2.º — que o resultado das recomendações técnicas deste colóquio devem ser no sentido de provar ao Governo que existem soluções técnicas a tentar e caminhos a seguir, deixando em aberto que seguitos, ou não, é da sua responsabilidade política, que entenderá assumir ou não.

O exemplo (mau) da Baixa da Banheira

Igualmente aplaudida pelos restantes participantes no

Colóquio foi a intervenção do sr. VÍTOR SILVA, presidente da Câmara Municipal da Moita do Ribatejo, que lamentou a ausência de outros presidentes de municípios e aproveitou para fazer diversas considerações ao modo como nasceu a Baixa da Banheira.

Surgiu o «baitro» — segundo explicou — há três décadas, mercê de autoconstrução sem qualquer orientação dos poderes públicos.

— O pior — acrescentou — é que o caso da Baixa da Banheira não serviu para alertar os responsáveis e eu continuo a ter mais «Baixas da Banheira» em embrião.

E referiu as razões de tal situação: a especulação provocada pelo loteamento ilegal de terrenos, que só beneficia os especuladores e deixa «frente a frente, numa luta tremenda, como num jogo de polícia e ladrões, as autarquias locais e os desprotegidos que compraram esses lotes de terrenos».

Adepto da autoconstrução dirigida e orientada pelas Câmaras Municipais, o sr. Vítor Silva pediu, para os Municípios, possibilidades de aquisição de terrenos «que possam ser postos à disposição dos trabalhadores em condições de preço acessíveis às suas magríssimas poupanças».

Por fim, criticou veementemente o regime de mais-valia criado no sul do Tejo, o qual — disse — «muito tem contribuído para a paralisação da construção».

E pouco mais foi dito de interesse no debate de ontem. Entretanto o eng.º FRANCISCO DE LANCASTRE GARRETT (visconde de Almeida Garrett) sugeriu que «enquanto se não criar a Secretaria de Estado da Habi-

tação, o ministro das Obras Públicas e o Governo da Nação determinem que o cargo de subsecretário de Estado das Obras Públicas se denomine subsecretário de Estado das Obras Públicas e da Habitação, com a alta missão de coordenação do problema, através da direcção-geral para tal criada».

A caminho de conclusões

O quarto foi o último dia de verdadeiro colóquio, uma vez que o quinto já é de proposta e discussão de conclusões.

O tema do quarto dia era a «estrutura orgânica do sector público no domínio da habitação». Como seria de esperar, a iniciativa do Ministério das Obras Públicas voltou atenções para o Ministério das Obras Públicas. Não se estranha, portanto, que algumas propostas ou votos, o tenham visado. Desde a simples mudança de nome até à afirmação da prioridade absoluta para a reforma dos serviços dentro do Ministério.

Confesse-se que, no plano de afirmação de prioridades, ou retiradas peso ao sentido que tem a expressão, ou de pararmos com prioridades que só com boa vontade podem aceitar...

Uma coisa tem estado latente, desde uma dúvida expressa no pri-

meiro dia. «Para que sociedade queremos tender? Não tem havido tarde ou noite em que a dúvida se não renove. Nalguns casos, parecendo que a questão perturbou e inquietou uma certa determinação para encontrar soluções técnicas; noutros, revelando a expressão de um sentido que não nasceu no colóquio. Nem feneceu segunda-feira, dia em que, muito pertinentemente, se colocou o início aféridor desta maratona, talvez corrida para dizer das «bancadas» que há desporto em Portugal. São é poucos a praticá-lo, e o tempo é bem limitado para que os participantes façam a corrida toda...

Apanhámos durante a sessão, dois sustos. Um, quando se entrou em discussão e análise de organigramas («line» e «staff») sem se definirem funções e sem a ajuda de técnicos de administração e gestão (mas este

foi mais o sobressalto de tecnocrata que em nós dormira); outro, quando vislumbrámos, e tememos ver o problema da política da habitação alargado ao espaço único português (então é que a quadratura do círculo também seria a circunscritura do quadrado...).

Talvez um oportuno referir, antes das conclusões, a conclusão de um estudo da O.C.D.E., segundo a qual a habitação não é factor determinante de fixação de populações em situação de subdesenvolvimento. A habitação, para essas populações, ainda é necessidade de pouco exigente satisfação (decente, claro, do subdesenvolvimento social nas suas facetas culturais). Entre melhor salário e pior habitação, e razão de habitação, e pior salário, as populações subdesenvolvidas movimentam-se no «salto» para locais de melhor salário.

SÉRGIO RIBEIRO

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

ENSINO LICEAL 2.º Ciclo 2.ª chamada Prova escrita de Francês

Pendant son enfance, le petit Daniel était très heureux quand il jouait dans son jardin ou dans la fabrique de M. Eyssette, le héros du roman qu'il adorait. Mais le malheur survint: sa famille est ruinée.

Le soir, à souper, M. Eyssette nous annonça solennellement que la fabrique était vendue et que, dans un mois, nous partirions tous pour Lyon, où nous allions demeurer désormais.

Ce fut un coup terrible. Il me sembla que le ciel croulait. La fabrique vendue!... Eh bien! et mon fle, mes grottes, mes cabanes?

Hélas! l'île, les grottes, les cabanes, M. Eyssette avait tout vendu; il fallait tout quitter. Dieu, que je pleurai!

Pendant un mois, tandis qu'à la maison on emballait les glaces, la vaisselle, je me promenais triste et seul dans ma chère fabrique. Je n'avais plus le cœur à jouer, vous pensez... Oh! Non... J'allais m'asseoir dans tous les coins, et regardant les objets autour de moi, je leur parlais comme à des personnes; je disais aux platanes: «Adieu, mes chers amis!» et aux bassins: «C'est fini, nous ne nous verrons plus!» Il y avait dans le fond du jardin un grand grenadier dont les belles fleurs rouges s'épanouissaient au soleil. Je lui dis en sanglotant: «Donne-moi une de tes fleurs.» Il me la donna. Je la mis dans ma poitrine en souvenir de lui. J'étais très malheureux.

Pourtant, au milieu de cette grande douleur, deux choses me faisaient sourire: d'abord la pensée de monter sur un navire, puis la permission qu'on m'avait donnée d'emporter mon perroquet avec moi. Je me disais que Robinson avait quitté son île dans des conditions à peu près semblables et cela me donnait du courage.

Alphonse Daudet, «Le petit chapeau»

Questionnaire A
Expliquez le sens des expressions suivantes:

a) «Ce fut un coup terrible» (ligne 4).

b) «Il me sembla que le ciel croulait» (ligne 4).

c) «Je n'avais plus cœur à jouer...» (lignes 9-10).

Questionnaire B
Répondez aux questions suivantes:

a) La phrase: «Dieu! que je pleurai!» est la conclusion logique d'une situation qui affectait le petit Daniel. Expliquez cette situation.

b) Pourquoi parlait-il aux choses comme s'il s'adressait à des personnes?

c) Quand l'auteur nous montre l'enfant dans son jardin, il nous présente une scène poétique et un contraste touchant. Quel est ce contraste?

d) Cependant, quels étaient les faits réels qui soulaient l'enfant?

e) Comment le héros de son cher roman Robinson Crusoe l'aiderait-il aussi?

II

Rendez en français:

a) Como em todas as casas, havia em casa de meus pais, quando eu era garoto, uma porta de entrada com uma campainha.

Logo pela manhã davam-me o meu copo de leite, lavavam-me, vestiam-me o bibe e deixavam-me livre para eu fazer o que entendesse — ir

à varanda ver a rua ou correr no comprido corredor.

b) Mas, logo pela manhã também, começava a tocar repetidamente a campainha da porta. Eu nunca a ouvia sem sobressalto. E nunca compreendi o mau humor, a impaciência da serva que se lamentava.

c) Eu, ao contrário, achava aquilo delicioso. Porque, com certeza, tudo quanto estava no patamar da escada à espera que abrissem, era uma coisa boa, era, sem dúvida, uma coisa nova.

Ramada Curto, «Do Diário do José Maria» (adaptado)

III

Le texte français et le texte portugais évoquent des souvenirs. Certainement vous vous souvenez aussi de quelques scènes de votre enfance. Vous allez nous en raconter une dans une composition qui aura comme titre: UN SOUVENIR DE MON ENFANCE

IV

Traduisez le texte depuis: «J'allais m'asseoir dans tous les coins...» (ligne 10), jusqu'à: «en souvenir de lui» (ligne 16).

2.º Ciclo 2.ª chamada

ENSINO LICEAL

Prova escrita de Matemática

Leia com atenção os enunciados. Indique os cálculos que tiver de efectuar.

a) Mostre que o resto da divisão do polinómio

$$A = -4x^3 - \frac{1}{3}x + 2,$$

pelo polinómio

$$B = \frac{1}{2}x^2 - x$$

é

$$R = -\frac{49}{3}x + 2.$$

b) Para que valores de x, é positivo aquele resto?

II

Simplifique o mais possível a expressão:

$$\frac{(1+b-a-1)}{a-1-b-1}$$

$$\frac{b-a-1-a-b-1}{em\ que\ a \neq 0,\ b \neq 0,\ a^2 \neq b^2}$$

III

O quinto e o sexto termos de uma progressão geométrica são, respectivamente,

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{\sqrt{2}} \text{ e } 1 + \sqrt{2}.$$

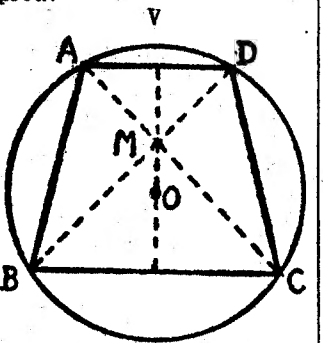
Calcule o décimo termo dessa progressão.

IV

Resolva o seguinte problema:

Um negociante comprou um certo número de camisolas de lã, todas do mesmo preço, por 960\$00 e vendeu-se a 100\$00 cada uma. Ganhou na venda o preço do custo de três camisolas.

Quantas camisolas comprou?



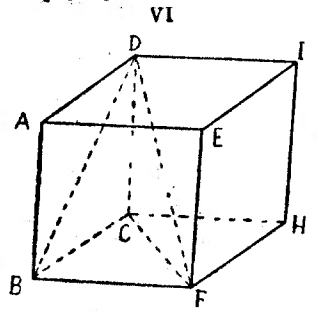
[ABCD], é um trapézio inscrito na circunferência de centro O e de raio r (fig. 1).

a) O trapézio é isósceles. Justifique.

b) Prove que os triângulos

[AMD] e [MBC] são semelhantes.

c) Supondo que AD e BC são, respectivamente, os lados do hexágono regular e do triângulo equilátero, inscritos na circunferência, exprima a área do trapézio em função de r.



A fig. 2 representa um cubo.

a) A aresta AE é perpendicular à diagonal BD da face [ABCD]. Porquê?

b) Qual é a posição da aresta AB em relação ao plano que contém as arestas CD e FE? Porquê?

c) A diagonal CF, da face [BFHC] mede $8\sqrt{2}$ metros.

Calcule o volume da pirâmide, cujo vértice é o ponto D e cuja base é o triângulo [BFC].

ENSINO TÉCNICO

PROFISSIONAL

1.ª CHAMADA

Cursos de formação industrial

Elementos de Física e Química

Leia os enunciados com cuidado, pense com calma, procurando justificar as respostas concisamente.

I

1. Um areómetro de peso constante marca determinado valor quando introduzido em certo líquido. Quando introduzido noutro líquido de peso específico superior, mergulhará mais ou menos do que no anterior? Justifique a resposta.

2. Explique a diferença entre pressão e força de pressão, exercidas sobre o fundo de um vaso pelo líquido nele contido.

3. Justifique a possibilidade de usar um barómetro como altímetro.

4. Qual é a altura da coluna de álcool (peso específico 0,8 g/cm³) que equilibra a pressão atmosférica normal? (O peso específico do mercúrio é 13,6 g/cm³).

II

5. Os corpos dilatam-se pela elevação da sua temperatura. Dê um exemplo da aplicação das vantagens deste efeito, para o caso de corpos sólidos.

6. De entre os processos de transmissão do calor indique aquele que não necessita de suporte material para se realizar.

7. Que justificação se pode apresentar para a escolha da temperatura do gelo fundente como ponto fixo da escala Celsius (também designada por centígrada)?

Sugestão: recorde uma das leis das mudanças de estado, que conhece.

8. Um corpo com o peso de 500 gramas e a temperatura de -10°C foi aquecido (sem mudança de estado) até a temperatura de 150°C pelo fornecimento de 20 000 calorias. Determine o calor específico da substância de que o corpo é formado.

III

9. Quais são as características das imagens dadas pelos espelhos esféricos convexos?

10. Que entende por lente esférica delgada?

11. Quando um feixe de luz branca atravessa um prisma de vidro emerge decomposto em feixes de cores diversas. Como se chama o fenómeno observado?

12. Calcule o raio de curvatura de um espelho esférico côncavo que dá uma imagem real a um metro do espelho quando o objecto se encontra a 25 cm desse espelho.

IV

13. Na redução, a quente, do óxido de cobre pelo hidrogénio, liberta-se cobre. Qual é o outro produto da reacção? (Justifique a resposta escrevendo a respectiva equação química).

14. Em tempos utilizou-se o gás de iluminação para encher balões aerostáticos. Explique porque não se pode utilizar, para o mesmo fim, o gás propano (que actualmente se vende liquefeito, em botijas), cuja fórmula química molecular é C_3H_8 .

Sugestão: determine a densidade deste gás em relação ao ar.

$$C = 12; H = 1$$

15. O soluto alcoólico de fenolftaleína é um indicador. Que cor apresenta em meio básico?

16. Num livro de Química ao descrever-se determinada reacção afirmou-se que ela era exotérmica. Que se queria dizer com tal afirmação?

17. Na transformação, sem perdas, de cloreto de sódio em ácido clorídrico consumem-se 234 g do sal indicado. Qual foi a quantidade de ácido obtido?

$$Cl = 35,5; Na = 23; H = 1$$

18. Escreva os nomes dos compostos que correspondem às fórmulas seguintes:

a) ZnCl_2 ; b) SO_2 ; c) NH_4Cl ; d) CuSO_4 .

19. Que aplicações conhece (cite, pelo menos, duas) do nitrato de potássio?

20. Qual é o nome genérico das ligas de mercúrio?

21. No seu curso fez um breve estudo da acetona. Qual é a propriedade mais importante desta substância?

(Só para os cursos de Serralheiro, Montador Electricista, Electromecânico e Técnico de Tecelagem)

22. Como sabe, as forças produzem efeitos estáticos e efeitos dinâmicos. Quais destes efeitos são utilizados nos dinamómetros?

23. Qual é o tipo de alavancas em que a resistência é sempre maior do que a potência? Justifique a resposta.

24. Um corpo de 300 kg só escorrega sobre um plano horizontal sob a acção de uma força superior a 60 kg. Qual é o valor do coeficiente de atrito?

25. Uma pedra leva três segundos a chegar ao fundo de um poço. Qual é a profundidade desse poço e qual é a velocidade da pedra ao atingir o fundo do mesmo? (Sabe-se que $g = 9,8 \text{ m/s}^2$).

V

(Só para os cursos não indicados no grupo anterior de perguntas).

22. Cite uma aplicação industrial da transformação de energia eléctrica em energia mecânica.

23. Diga como são constituídas as principais partes

do elemento de pilha Leclanché (refira-se especialmente aos electrólitos e ao electrólito).

24. Porque se faz a transmissão de energia eléctrica, a grande distância, sob a forma de corrente alternada de alta tensão?

25. Uma corrente eléctrica de 4 mA percorre uma resistência de 30 000 Ω . Qual é a diferença de potencial existente entre os terminais da resistência?

ENSINO TÉCNICO

PROFISSIONAL

Prova escrita de

Elementos de Física e Química

SOLUÇÃO

I

1. O areómetro mergulhará menos porque a impulsão, directamente proporcional à densidade do líquido, será maior.

2. A força de pressão exercida pelo líquido é igual ao peso da coluna vertical com base no fundo e altura até ao nível livre. A pressão é essa força por unidade de superfície do fundo considerado.

3. A pressão atmosférica diminui com o aumento da altitude, porque diminui a altura da coluna de ar acima do local. Portanto, um barómetro dá indicações sobre as variações de altitude.

$$4. \frac{76 \text{ cm}}{h} = \frac{0,8 \text{ g/cm}^3}{13,6 \text{ g/cm}^3}$$

$$h = \frac{13,6 \times 76}{0,8} = 1292 \text{ cm}$$

II

5. A dilatação dos sólidos aproveita-se, por ex., na colocação dum aro metálico numa roda. Aproveita-se também para medir temperaturas altas, nos pirómetros.

6. A irradiação.

7. O gelo fundente mantém constante a temperatura, enquanto houver gelo no recipiente utilizado.

$$8. C = \frac{Q}{m(t' - t)} = \frac{20\,000}{500 \times 160} = 0,25 \text{ cal/g}^{\circ}\text{C}$$

III

9. As imagens dadas pelos espelhos esféricos convexos são virtuais, directas e menores que o objecto.

10. Lente esférica delgada é um meio óptico limitado por duas superfícies esféricas que deixam entre si uma espessura, medida no eixo óptico, bastante inferior ao diâmetro.

11. Dispersão da luz branca.

$$12. \frac{1}{p} + \frac{1}{p'} = \frac{1}{f}$$

$$\text{ou } \frac{1}{25} + \frac{1}{100} = \frac{1}{f}$$

Portanto $f = 20 \text{ cm}$, e o raio será $2f = 40 \text{ cm}$.

IV

(Continua na pág. seguinte)

ENSINO TÉCNICO

PROFISSIONAL

1.ª chamada

Cursos de Formação Comercial

Ciências Físico-Naturais

O tempo de que dispõe para a resolução do ponto é suficiente; por isso, resolva-o calmamente.

Apresente todos os esquemas e cálculos que tiver necessidade de efectuar.

I

Talvez já hoje tenha tomado leite, ao seu pequeno almoço.

A figura representa um jarro com esse líquido, cuja densidade é 1,03.

SÁ DE MIRANDA

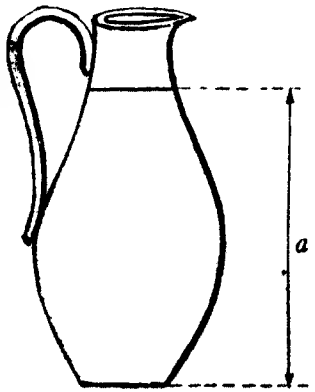
EXTERNATO LICEAL E PRIMARIO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 — TELS. 45310 E 507532

OS EXAMES DOS ENSINOS LICEAL E TÉCNICO

[Continuação da pág. anterior]

a) Como se apresenta a superfície livre do leite?



b) O jarro tem uma superfície de fundo de 30 cm². O leite nele existente exerce, nessa superfície, uma força de pressão de 0,618 kg. Que altura (a) tem o leite no jarro?

c) Suponha que deitando deste leite para uma proveta, com a superfície de fundo igual à do jarro, o líquido também ficou à mesma altura a. Que força de pressão exerceria, agora, o leite no fundo da proveta? Justifique a resposta.

II

Um dos processos de conservação do leite, que mais tarde deverá estudar, é a pasteurização; nela tem de se aquecer este líquido a uma temperatura próxima do seu ponto de ebulição.

a) O ponto de ebulição do leite é de 100° C, à pressão normal. Explique o que é ponto de ebulição.

b) Se consultasse uma tabela de escala Fahrenheit, que valor encontraria para ponto de ebulição do leite?

c) O leite será um líquido volátil? Justifique a resposta.

Ao chegarmos à janela, por descuido, deixámos cair livremente uma borracha que atingiu a rua em 1,5 s.

a) De que movimento foi animada a borracha?

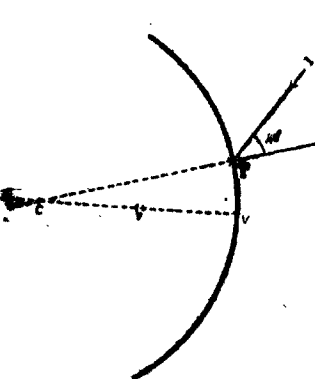
b) A aceleração da gravidade é, entre nós, de 9,8 m/s². Que significa este valor?

c) A que altura da rua se encontra a janela?

IV

Nos cruzamentos das ruas vemos, em algumas localidades, espelhos esféricos que facilitam a circulação de automóveis e peões.

A figura reproduz, em esquema, um desses espelhos.



a) De que tipo de espelho esférico se trata?

b) O foco deste espelho é um ponto virtual. Porquê?

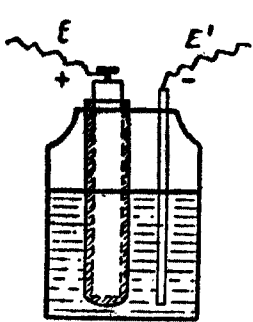
c) NP é um eixo do espelho e o raio incidente IP faz com este eixo um ângulo de 40°. Marque o raio reflectido

correspondente ao raio incidente IP e justifique a representação que fez.

V

Nas suas aulas de Electricidade teve ocasião de estudar diversos geradores de corrente eléctrica.

A figura mostra, em esquema, um elemento Leclanché.



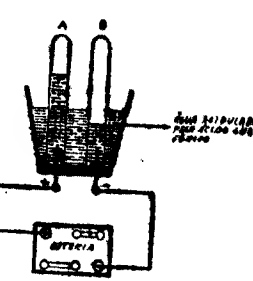
a) De que substâncias são constituídos os electrodos E e E'?

b) Que líquido se utiliza, neste elemento, como electrolito?

c) Com que intuito se associam em série estes elementos?

VI

A figura representa um voltmetro que, por certo, viu nas suas aulas de Química.



a) Que reacção se está a verificar na água do voltmetro?

b) Escreva a equação química que traduz a reacção indicada.

c) Como procede para reconhecer o gás que se recolhe em cada um dos tubos de ensaio, A e B?

VII

Um dos ácidos que estudou e de que voltará a ocupar-se no próximo ano é o fluoreto de hidrogénio (ou ácido fluorídrico).

a) O esquema a seguir indicado respeita à preparação deste ácido:

Ácido sulfúrico + Fluoreto de cálcio →

Complete-o escrevendo a equação química respectiva e ainda os nomes dos produtos da reacção.

b) Calcule o volume de fluoreto de hidrogénio (ou ácido fluorídrico) que se obtém nas condições normais de P. T. a partir da reacção, a quente, de 147 g de ácido sulfúrico sobre fluoreto de cálcio, considerados ambos puros.

(Pesos atômicos: S=32; O=16; H=1)

VIII

Preste atenção às fórmulas moleculares a seguir indicadas, que respeitam, todas elas, a compostos que conhece bastante bem:

n.º 1 NaOH (ou OHNa)
n.º 2 HNO₃ (ou NO₃H)
n.º 3 Na₂CO₃ (ou CO₃Na₂)
n.º 4 CO₂

a) Escreva o nome de cada um dos compostos referidos, mantendo a numeração que lhe foi atribuída.

b) O composto n.º 2 é um oxidante. Que significa esta propriedade?

c) Indique uma aplicação do composto n.º 3.

IX

A partir de um hidrocarboneto estudado na Química do Carbono, o etano, pode obter os seguintes compostos:

etanol; etanal; etanóico.

a) Escreva a fórmula de estrutura de cada um destes três compostos.

b) A que função química pertence cada um dos três compostos anteriormente referidos?

c) De que modo podia obter o etanóico a partir do etanol?

d) Escreva a equação química que traduz a reacção do etanóico com o etanol.

e) Dê o nome a cada um dos produtos da reacção referidos na alínea anterior.

X

Falámos há pouco de hidrocarbonetos, e, como se recorda os petróleos brutos são misturas destes compostos, que estudou na Geologia.

a) A que grupo de rochas pertencem os petróleos brutos?

b) As rochas são minerais. O que é, pois, um mineral?

ENSINO TÉCNICO PROFISSIONAL

SOLUÇÃO

Cursos de formação comercial

Ciências Físico-Naturais

1.ª chamada

I

a) Plana e horizontal.
b) Como a força de pressão é calculada por

$$F_p = s \times a \times \pi$$

em que s representa a área da superfície do fundo do vaso, a a altura da coluna líquida e π o peso específico do líquido, virá:

$$F_p = 0,618 \text{ kg} \\ = 618 \text{ g} \\ s = 30 \text{ cm}^2 \\ \pi = 1,03 \text{ g/cm}^3$$

e, por substituição,

$$618 = 30 \times a \times 1,03$$

e portanto:

$$a = \frac{618}{30 \times 1,03} \\ = 20 \text{ cm}$$

c) A força de pressão exercida no fundo da proveta seria também 0,618 kg, porque a força de pressão exercida por um líquido sobre o fundo do vaso em que está contido é independente da forma do vaso pois é igual ao peso de uma coluna cilíndrica de líquido que tem por base a superfície do fundo do vaso e por altura a distância que vai do fundo à superfície livre do líquido.

II

a) Ponto de ebulição de um líquido, a uma dada pressão, é a temperatura a que a ebulição desse líquido se realiza, supondo que a pressão exterior não varia.

Se a pressão exterior for a pressão atmosférica normal essa temperatura tem o nome de ponto de ebulição normal.

b) Encontraria 212° Fahrenheit (supondo, claro, que o ponto de ebulição do leite é 100°C, à pressão normal, como se indica).

c) Não, porque não se evapora com muita facilidade.

III

a) Uniformemente acelerado.

b) Significa que, na queda livre, a velocidade aumenta 9,8 m/s em cada segundo, visto que neste caso a aceleração representa o aumento constante de velocidade em cada unidade de tempo.

c) Como

$$e = \frac{1}{2} g t^2 \\ 2 \\ \text{será} \\ e = \frac{1}{2} \times 9,8 \times 1,5^2 \\ = 4,9 \times 2,25 \\ = 11,025 \text{ m}$$

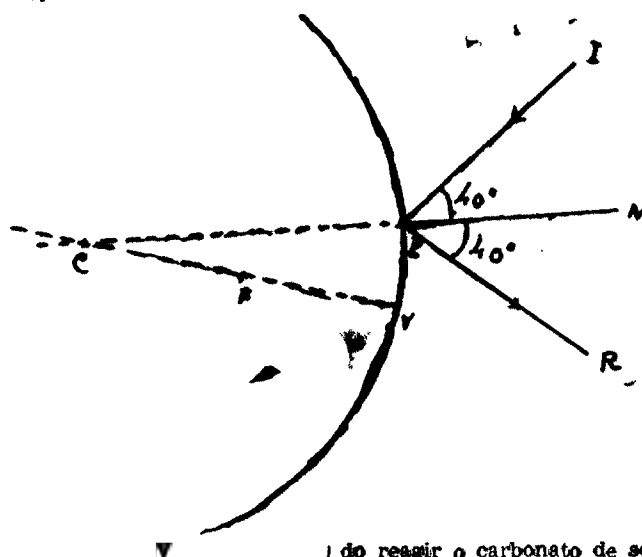
A janela encontra-se a 11,025 metros da rua.

IV

a) Trata-se de um espelho esférico convexo.

b) Porque se forma no cruzamento dos prolongamentos dos raios reflectidos correspondentes a raios incidentes paralelos ao eixo principal. Está situado, portanto, atrás do espelho.

c)



a) O electrodo E' é constituído por zinco e E é de carvão.

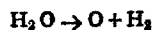
b) O electrolito é uma solução aquosa de cloreto de amónio a 25%.

c) Com o intuito de obter uma tensão mais elevada.

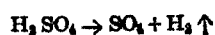
VI

a) A chamada «electrólise da água».

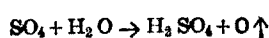
b) Tudo se passa como se a água tivesse sido decomposta nos seus elementos, oxigénio e hidrogénio. Isto é:



No entanto, temos de considerar, em primeiro lugar, a decomposição do ácido sulfúrico



O hidrogénio liberta-se junto do cátodo; no ânodo, o radical SO₄ dá lugar a uma reacção secundária de acordo com o esquema:



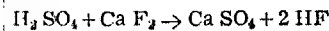
e é o oxigénio que se liberta no ânodo regenerando-se o ácido sulfúrico.

c) Em A liberta-se o oxigénio que é comburentes mas não combustível; em B liberta-se o hidrogénio que é combustível mas incomburentes.

VII

a) Ácido sulfúrico + fluoreto de cálcio → sulfato de cálcio + fluoreto de hidrogénio.

A equação química será:



b) O peso molecular do ácido sulfúrico é

$$p_m (H_2SO_4) = \\ = 2 \times 1 + 32 + 4 \times 16 = 98$$

Teremos então:

Com 98 g (H₂SO₄) preparam-se 2 x 22,4 l (HF).

Com 147 g (H₂SO₄) preparam-se 3 x 1 (HF).

ou

$$\frac{147 \times 44,8}{98} \\ = 67,2 \text{ litros de (HF)}$$

VIII

a)

n.º 1 — hidróxido de sódio (soda cáustica).

n.º 2 — ácido nítrico ou azótico.

n.º 3 — carbonato de sódio.

n.º 4 — dióxido de carbono (anidrido carbónico).

b) Significa que é capaz de ceder oxigénio a outras substâncias.

c) Aplica-se na preparação do hidróxido de sódio fazen-

Etanol — álcool
etanal — aldeído
etanóico — ácido orgânico.

c) Por oxidação.
d) CH₃COOH + C₂H₅OH → CH₃COOC₂H₅ + H₂O

e) CH₃COOC₂H₅ — etanoato de etilo
H₂O — água

X

a) Sedimentares de origem orgânica.

b) É um corpo inorgânico, natural, homogéneo, sólido ou líquido, que constitui a crosta terrestre.

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO TÉCNICO

(1.ª chamada)

(5 de Julho — sábado)

(Curso de Formação

Feminina

e Formação Comercial)

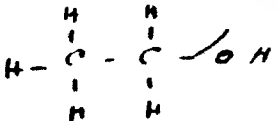
Português — 10 horas

Curso sobre organização e simplificação do trabalho administrativo

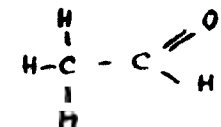
O interesse despertado pelo curso sobre «Organização e simplificação do trabalho administrativo», que decorreu no Hotel Florida, levou o Centro de Estudos de Organização de Escritórios do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa a encargar a sua repetição em Novembro.

Qualquer informação pode ser pedida para a secretaria do Centro, à Av. Duque de Loulé, 126-3.º ou pelo telefone 53 94 17.

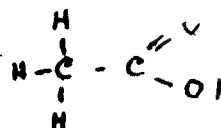
etanol



etanal



etanóico



LICEU-INSTITUTOS

1.º, 2.º e 3.º CICLOS

2.º CICLO POR SEC. E DISCIPLINAS

CURSOS DE LÍNGUAS

Francês ★ Inglês ★ Alemão

- Escola São Vicente:
— Rua do Paraíso, 28 — T. 86 59 04
- Externato Marques de Pombal:
— Rua Carrilho Videira, 10 — T. 83 46 58
— Rua Edith Cavel, 8-1.º — T. 82 02 24

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

BELOS VESTIDOS E PENTEADOS DO TEMPO DAS NOSSAS BISAVÓS NUMA PASSAGEM DE MODELOS



A bela atrás da fera — há uma centena de anos

PORTO, 4 — Em ambiente adequado — na Casa do Mosteiro, em Leça do Balio — desfilarão modelos dos séculos XVIII a XX.

Reunião mundana do mais requintado nível, teve brilho e esplendor, com a «Sala do Capitulo» (século XVII), os claustros e jardins a oferecer um ar de deslumbramento, na exuberância das flores de tons matizados e nos adornos escolhidos, em encarnado e vermelho.

Foi neste ambiente sumptuoso, perante os olhos extasiados de muitas dezenas de pessoas, que gentis meninas desfilaram, exibindo vestidos maravilhosos e raros (gentilmente cedidos para o efeito) que suas bisavós vestiram, em festas galantes, na pre-

sença de reis. E nem sequer o rodar dos anos lhes tirou o brilho intenso que tiveram outrora. E lá estavam o amarelo, rosa, cetim branco e verde, azul com folhos, preto e rosa, rosa velho, lilás de baile, o alvinente vestido de noiva a contrastar com o preto bonito de viúva, o fato de caça azul-escuro, todos a recordar tempos idos, desde Maria Antoniette, á «Belle Époque», ao tempo do «charleston». Para marcar bem a reconstituição, os modelos ostentavam penteados a rigor, todos eles concebidos e saídos das mãos hábeis dos cabeleiros Jorge Lima e Alcino, irmãos na carne e na arte, os quais, incansavelmente, desde manhã á noite, pentearam, graciosamente, mais de meia centena de bonitas cabeças.



Os dois irmãos, Jorge e Alcino, pentearam mais de meia centena de cabeleiras

Inauguradas em Guimarães novas e modelares instalações do Banco Português do Atlântico

● Oportuna afirmação de Arthur Cupertino de Miranda, Presidente do Conselho de Administração do B. P. A.

GUIMARÃES, 4 — No Largo do Toural, principal centro comercial de Guimarães, está a decorrer, á hora a que o nosso jornal entra em circulação, a cerimónia inaugural das novas e modelares instalações da Agência do Banco Português do Atlântico.

Melhoramento integrado, também, no ciclo de actos destinados a assinalar o cinquentenário daquela instituição de crédito, as novas instalações encontram-se apetrechadas com os mais modernos requisitos técnicos, numa harmónica conjugação de comodidade e eficiência, de modo a proporcionar aos utentes dos serviços o rápido expediente dos assuntos bancários.

Com amplas zonas que abrangem, também, as antigas instalações, a nova Agência ocupa quatro pisos e oferece as melhores condições para acompanhar o dos diversos sectores ligados ás actividades económicas da importante umbe vimaranesa e das zonas limítrofes.

Para assinalar o acto, a Administração do Banco Português do Atlântico ofereceu uma recepção nas novas instalações da Agência, á que estiveram presentes algumas das mais representativas individualidades do distrito dentre as quais referimos o governador civil, comendador António Maria dos Santos Cunha; o presidente do Município de Guimarães, dr. Manuel Bernardino de Araújo Albreu; deputado eng. Duarte Freitas do Amaral; presidente da Co-

missão Concelhia da União Nacional; prior da Real Colégia de Guimarães; comandantes das Secções da G. N. R. e P. S. P.; juiz corregedor do Circulo Judicial de Guimarães; presidentes das Juntas de Turismo da Penha e Vizela; reitor do Liceu; director da Escola Comercial e Industrial; delegados do Procurador da República; conservadores dos Registos Predial e Civil; juizes da Comarca; director da Biblioteca Nacional; chefe da Repartição de Finanças; tesoureiro da Fazenda Pública; provedor da Santa Casa da Misericórdia; presidentes das direcções dos Grêmios do Comércio, da Lavoura e dos Industriais de Cutelarias; gerente da Agência do Banco de Portugal, etc.

No decurso da recepção foram feitas oportunas afirmações sobre o papel da banca no desenvolvimento económico da região vimaranesa e do País em geral, tendo o sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico, acentuado o facto de as estruturas económicas nacionais necessitarem ser dinamizadas, tanto teórica como praticamente, de modo a alcançar para o País o lugar que lhe compete no concerto das nações economicamente mais desenvolvidas.

Para receber as numerosas individualidades que assistiram á inauguração da referida Agência, deslocaram-se especialmente a Guimarães, além do sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico, os srs. eng. João Meireles, vice-presidente; António Brandão Miranda, administrador; António Alberto Alves e dr. Oliveira Dias, directores. Presentes ainda o sr. José Lobo, gerente da Agência e funcionários superiores do Banco.

«DÁ LICEN

SETE MIL A PRESTAM E

Cerca de sete mil estudantes da Telescola começaram ontem (e continuarão hoje) os seus exames do segundo ano, correspondente ao ciclo preparatório tradicional. Em 43 pontos de exame, alunos de todas as idades submetem-se agora ás provas optativa e complementar ou descritiva. Os processos pedagógicos e de exame são, de acordo com as modernas técnicas de comunicação de massas e metodologia áudio visual, completamente insólitos.

A prova escrita é composta por duas partes, a primeira das quais é a heterodoxa, a inovadora; os examinandos escolhem algumas das perguntas que lhes são propostas e respondem, por sua vez, em folhas especiais passadas a cartão perfurado por um leitor óptico. Estas provas serão vistas e julgadas por um computador electrónico.

A segunda parte do exame escrito é tradicional e utiliza os meios naturais de descrição (pelo aluno) dos conhecimentos adquiridos. Ao contrário do que sucede nos exames normais, a oral efectuou-se primeiro e constou de perguntas formuladas ao candidato por um gravador, e respondidas por aquele para a fita do magnetofone...

Tudo o esquema do curso telescolar, de resto idiossincrático e pedagogicamente pioneiro (entre nós). Nenhuma das provas do exame é eliminatória, impedindo pelo seu resultado que o estudante se apresente á ou ás seguintes — a ordem das várias espécies de provas é, portanto, arbitrária, e como vimos, a oral foi mesmo este ano a primeira de entre elas (de meados de Maio a igual período de Junho).

Um novo conceito de exame

Entretanto, o próprio conceito de exame é desfocado,

e atenuado definitivamente quanto ao examinando apenas de umas poucas horas, dando ao aluno no exame conformidade que através do aluno produzindo das nos coordenadas tanto, de

Os métodos empregados flectidos, zagem co ao que p. sultados ano pass: que exam realizaram aprovação ramente li similares

Tendo novidade cessos d como a h respectivo predomin: rurais e adultas) pode rep fatória. M resse der didatos é xíssima d deste ano meira chu correr. l dos Santo zona de realizat cola, falta e hoje 1 Assinales da zona 555 aluno

Ter do A Tele preendim V. E. In dio-Visua em 1964, estudar, zir e pr das mode visuais

Encerrou-se o que decorreu

Com duas lições, proferidas pelos srs. Carvalho da Costa, técnico da I.B.M., sobre «Governo, planeamento e análise», e dr. Fernandes Costa, da U.N.I.V. A.C., acerca do «U. S. Bureau of Census», terminou, esta manhã, o Seminário sobre Informática, o qual decorreu durante duas semanas no Instituto Nacional de Estatística.

A iniciativa teve a colaboração de especialistas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, do Instituto Francês de Estatística e Estudos Económicos e das empresas especializadas estabelecidas em Portugal, U. N.I.V.A.C., I.B.M., B.U.L.L.-N.I.V.A.C., I.B.M. e N.C.R.

A O.C. sentar pe conheci Informa O Sem se num mação d do Insti Estatisti



No belo cenário dos claustros do mosteiro reconstituiu-se a época das nossas bisavós

Jóias antigas e modernas

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

PAPELARIA DA MODA

REABRE DENTRO DE DIAS



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

CENÇA, SR. COMPUTADOR?»

ALUNOS DA TELESOLA EXAME EM TODO O PAÍS

atenuado o seu significado definitivo. O veredicto final quanto ao aproveitamento do examinando é proferido, não apenas de acordo com as provas prestadas no fim do segundo ano lectivo do curso (no exame, em resumo), mas conformemente às provas que através desse par de anos o aluno foi constantemente produzindo e sendo apreciadas nos serviços centrais coordenadores. Trata-se, portanto, de um juízo global.

Os métodos audiovisuais empregados neste curso, reflectidos, tanto na aprendizagem como no exame, têm o que parece, adregado resultados razoáveis, pois no ano passado (primeiro em que exames deste género se realizaram) a percentagem de aprovações foi apenas ligeiramente inferior à dos graus similares do ensino normal.

Tendo em consideração a novidade dos serviços e processos deste ensino, assim como a heterogeneidade dos respectivos ensinados (com predominância de populações rurais e em grande parte adultas) aquela percentagem pode reputar-se como satisfatória. Mostruário do interesse demonstrado pelos candidatos é a percentagem baixíssima de faltas aos exames deste ano em Lisboa, na primeira chamada, agora a decorrer. Na Escola Eugénio dos Santos, uma das duas da zona de Lisboa em que se realizam as provas da Telescola, faltaram ontem só dois e hoje um único inscrito. Assinala-se que na mencionada zona estavam inscritos 555 alunos.

Temos que ser do nosso tempo

A Telescola é um dos empreendimentos do I. M. A. V. E., Instituto de Meios Audio-Visuais de Ensino, criado em 1964, e que se destina a estudar, desenvolver, produzir e promover a aplicação das modernas técnicas audiovisuais no ensino, visando

tanto a população escolarizada como considerando-a em geral.

Investigação e programação são os objectivos fundamentais do Instituto, que depende do Ministério da Educação, competindo a outros serviços deste departamento a eventual dotação e equipamento dos diversos estabelecimentos com os instrumentos de trabalho sugeridos pelos especialistas do I. M. A. V. E. A actividade desta organização divide-se em nove aspectos técnicos de penetração áudio-visual: televisão escolar, televisão educativa, rádio escolar, rádio educativa, cinema, fotografia, projecção fixa, gravação sonora e publicações.

Hoje em dia não há ensino rentável em termos técnicos sem o aproveitamento das

possibilidades de disseminação e criação de pólos de interesse que a imagem e o som permitem. Postergar aquelas técnicas e a metodologia que permitem seria menosprezar gravemente novos e renovados conceitos de cultura e de ensino, que, se não estão inseparavelmente associados com esses métodos, postulam-nos em grau importante.

A relação técnica-progresso, tão frequentemente posta em termos carrelistas e alienados, deve estar a ser permanentemente e criticamente reajustada, sem o que não passará de fachada. A Telescola e os seus programas, cujo âmbito ainda não é de molde a deles depender tudo, parece legitimar as considerações interrogativas que se fizeram.

Condenada em quatro anos por crime de infanticídio

Em audiência colectiva a que presidiu o corregedor dr. Alves Cortês, no 1.º Juízo Criminal, foi julgada a servil Carminda de Jesus Gaspar, de 19 anos, natural de Vala das Fontes (concelho de Vinhais) e residente em Freixial (Bucelas) acusada de um crime de infanticídio.

Com efeito, em Janeiro passado, a Carminda de Jesus estava a trabalhar numa casa particular na Amadora, encontrando-se, nessa altura, grávida de oito ou nove meses, quando, na noite do dia 10 daquele mês, cerca das 22 e 30, deu à luz, sem qualquer assistência, uma criança do sexo masculino.

Imediatamente a seguir ao parto, a arguida apertou-lhe o pescoço com a mão esquerda e, com a direita, tapou-lhe a boca, provocando-lhe a morte. Depois levou o pequeno cadáver para o seu

quarto, escondendo-o, mais tarde, num tanque de lavar roupa, onde foi descoberto.

Presá, a Carminda confessou o crime, relatando todos os actos preparatórios para a consumação do seu gesto. Durante a audiência, manteve a confissão, alegando a pobreza, e que tentava ocultar a perda da sua honra e o abandono pelo seu sedutor que lhe fizera promessas de casamento.

Inquiridas as testemunhas e concluídos os debates, o tribunal deu o crime como provado, com agravantes, e elevado numero de atenuantes, algumas de relevância. Assim, a Carminda de Jesus Gaspar foi condenada em 4 anos de prisão maior e dois mil escudos de imposto de justiça. Recolheu à cadeia para cumprimento da pena aplicada.

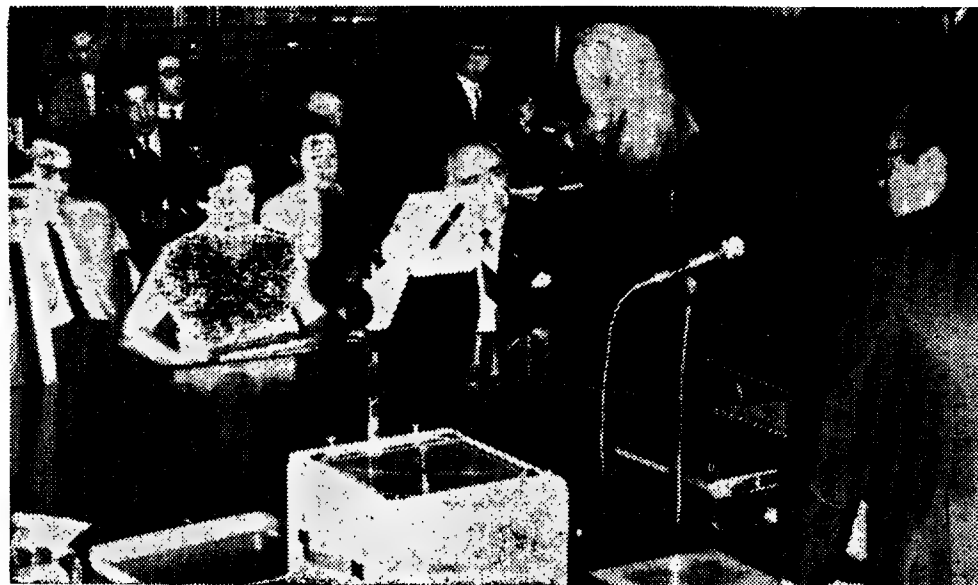
e o seminário sobre informática fez no Instituto de Estatística

A O.C.D.E. fez-se representar pelo sr. Albert Cohen conhecido especialista em informática.

O Seminário enquadrou-se num programa de formação de pessoal não só do Instituto Nacional de Estatística como também

de outros departamentos ligados àquele organismo. Dentro do mesmo programa, inicia-se na segunda-feira um seminário sobre Contabilidade Nacional, com a colaboração de vários técnicos estrangeiros. Na sessão de encerra-

mento do Seminário sobre Informática, o sr. dr. Paes de Moraes proferiu algumas palavras, em que salientou a utilidade da iniciativa.



Aspecto da sessão de encerramento do seminário sobre Informática.

DIALOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

AS PEDRADAS DO MESTRE DE AVIZ

A TÉ à data, como decerto se reparou, só um «literato» se sentou a esta mesa: eu. Tal não significa que outros companheiros meus de artes e letras não tenham aqui assento. Estão todos convidados!

Mas precisamente porque o diálogo visava o público em geral e não os especialistas de ideias e conceitos não me senti logrado com a situação. Todavia... todavia não me parece que o leitor comum (comum, comunidade, comunhão) tenha compreendido o alcance do meu propósito e daí talvez o motivo por que anda tudo tão calado! Persisto, porém. Persisto por saber que é atitude indispensável de quem se proponha acção relevante junto de uma comunidade, seja ela uma seita de presbíteros ou uma caravana em cata do Oregon. Depois de Constantino Pratas, entrou na dança a mesa-redonda de Leiria, representada por mestre Júlio Neves. Perceberam na intervenção destes leitores sinal de literatice aguda? Não? Então par a frente! Não é preciso escrever bem, mas sim pensar. Pensar, simplesmente. Repito o mote desde os primeiros «diálogos» de Março de 1968. Depois, estive calado durante um ano. E, em começos deste ano invernos, recomecei, com o mesmo fito: pensemos... O exercício de pensar não obriga ao emprego de formas impecáveis — trata-se, antes de mais, de procurar a nossa verdade possível, de ir ao encontro de perplexidades colectivas, criticar até ao lugar onde a nossa razão chega.

— Vê lá filho, não digas isso ao sr. professor que podes chumbar. Anda, querido, não fales desse modo ao pai, porque... Não respondas ao teu superior, não vá ele despromover-te. Não espanques o cão de fila, não te rasque ele as carnes e os ossos, etc. Tudo sem risco. Com almofadinhas nas ancas e «corzinhas» nas bochechas!

Ora aí está! Se me propus abrir neste local, com a aprovação do jornal, um centro de discussão e o animei, sobretudo a partir deste ano, foi porque me convenci que se ofereciam oportunidades. O que se publica aqui não obedece a regras de bom gosto literário — e um ou outro erro de ortografia e de sintaxe tem o seu cabimento.

O próximo diálogo transitivo será inteiramente escrito por Constantino Pratas. Tal não quer dizer que o aprove ou desaprove. Coloco-o à disposição da mesa redonda. Na qualidade de presidente (não honorário) limito-me a distribuir as vozes, a cortar a palavra quando julgo que a colectividade pode ficar prejudicada com excessos de entusiasmo, embora o pensar não denegue o deslumbramento em frente de Delfos, templo onde Édipo derrotou a Esfinge...

Algumas pessoas estão chocadas com o tom agreste de que muitas vezes sirvo ou recorro... A crítica nem sempre é mansa, nem construtiva. Destroi, envenena, castiga. Condena a moleza, a estupidez, o erro crasso. O nosso sentimentalismo oscila entre a pieguice e o «durismo». O meu termo entre a lágrima por tudo e por nada e a ira gratuita e imbecil constitui uma direcção válida para a educação do carácter colectivo. Por isso discordo de que as minhas formas verbais tenham necessariamente de transitar como as pedras. Em desacordo com o nosso mestre Júlio Neves. Ilustro o meu modo de ver com o episódio narrado por Fernão Lopes que antecede e prepara a execução do Conde João Fernandes. O futuro D. João I entra no paço da Rainha, armado até aos dentes, e ela, a medir-lhe a má catadura, foi-lhe argumentando como boa dona que era:

— Santa Maria vale! Como os ingleses têm muito bom costume, que quando estão no tempo de paz não trazem armas, nem cuidam de andar armados, mas boas roupas e luvas nas mãos como donzelas. E quando estão na guerra, então trazem as armas e usam delas como todo o Mundo sabe!

— Senhora — disse o Mestre — é meu grande verdade. Mas isso fazem eles porque têm mui amiude guerras, e poucas vezes paz, e podem-no mui bem fazer. Mas connosco é o contrário, porque temos mui amiude paz e poucas vezes guerra, e se no tempo de paz não usássemos as armas, quando viesse a guerra não as poderíamos suportar. (Veja «As Crónicas de Fernão Lopes», Portugália Editora).

Assim disse o mestre na crítica das armas.

AOS SÁBADOS ÀS 13 HORAS

encerram, também, até
30 de Setembro:
Discoteca do Carmo
e
Discoteca da Baixa

CHOCOLATES TAGUES

BARREIRO · LISBOA · QUELU

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por HENRIQUE DIAS GUERREIRO (Herdeiros) — Praça Marquês de Pombal, 21.

COM
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DOR
SEM IRRITAÇÃO

Actualidade internacional

OS DISTÚRBIOS EM TURIM

(Continuação da 1.ª página)

manifestantes bloquearam uma parte da cidade fora dos portões das grandes fábricas da Fiat. Gritando «mais salários, menos trabalho» e «blocaí a produção para vencer os patrões», os manifestantes pareceram ter tornado a Fiat, a maior companhia

privada de Itália e há muito conhecida pelas suas boas relações com o pessoal, o seu alvo principal. Foi a primeira vez que a firma, que fabricou 1 450 000 veículos no ano passado e exportou 540 000, foi gravemente afectada pelas greves que assolam a Itália desde o Outono passado.

A Fiat, ansiosa de se expandir, trouxe do sul 12 000 novos operários durante o ano passado. Contudo, embora anunciasse um programa sensacional de construção de casas, existe uma grave falta de habitações.

Novas paralisações na fábrica podiam prejudicar a posição da balança de pagamentos de Itália, que tem sobrevivido até agora à agitação entre as classes trabalhadoras, afirmaram círculos financeiros em Milão.



UM APOLONAUTA EM MOSCOVO — Francis Borman, cosmonauta norte-americano e caixeiro-viajante da boa-vontade dos E. U. A., assediado pelos jornalistas à chegada a Moscovo

ATAQUES A TERRITÓRIO DO CAMBODJA

— ADMITEM NORTE-AMERICANOS

SAIGÃO, 4 — (R.) — O comando militar dos Estados Unidos anunciou hoje que as forças norte-americanas não tinham diminuído as operações ofensivas, a despeito de uma pausa de 15 dias na luta.

«... Temos ainda fora o mesmo número de patrulhas. Apenas elas não estão a deparar com muita oposição», disse um informador

do comando. «O número de ataques inimigos diminuiu» — acrescentou.

O comando anunciou apenas nove ataques inimigos — dois contra acampamentos americanos — em todo o país durante a noite. Cinco deles, foram classificados como insignificantes porque não causaram vítimas ou estragos.

Bombardeiros americanos «B-52» efectuaram ontem 11 ataques contra bases norte-vietnamitas e da F. N. L., principalmente nas províncias de Phuoc Long e Tay Ninh, com fronteira com o Camboja.

O comando dos Estados Unidos admitiu pela primeira vez que artilharia e aviões americanos atacaram posições norte-vietnamitas em território cambodjano.

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS
Aos sábados na estação do Cais do Sodré, das 15 às 22 horas
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA
Todos os dias e em todas as estações.

LITÍGIO ENTRE SALVADOR E AS HONDURAS

TEGUCIGALPA, 4 — (F. P.) — O Governo das Honduras desmentiu categoricamente as informações de Salvador anunciando que aviões hondurianos teriam sobrevoado territórios salvadorianos e provocado assim um combate entre as aviações dos dois países. Governo das Honduras — Pelo contrário — diz o um avião comercial da Companhia hondureña é que foi atacado pelas forças salvadorianas e provocado a descolagem do aeroporto de Nueva-Ocotepeque, sito a 8 km da fronteira.

O ministro dos Estrangeiros enviou uma mensagem urgente ao secretário-geral da O. E. A. denunciando a atitude das autoridades salvadorianas, tentando encobrir aquela agressão com a falsa notícia de um avião militar hondurense ter violado o seu território.

«O nosso país» — disse Carlos Castillo a F. P. — «continua a estudar as propostas da Comissão Central Centro-Americana de Mediação, a fim de resolver pacificamente o nosso conflito com Salvador».

O ministro acrescentou que houve uma fusilaria de 20 minutos entre soldados das Honduras instalados nos montes vizinhos e os guardas fronteiriços de Salvador.

Finalmente, acusou as Honduras de quererem agravar o conflito com Salvador, a fim de impedirem

o inquérito da Comissão Interamericana dos Direitos do Homem quanto ao «genocídio» cometido contra os salvadorianos residentes nas Honduras. Consta terem sido mortos oito soldados das Honduras durante o tiroteio. Das baixas de Salvador nada se sabe.

ABERNATHY

SAIU DA PRISÃO

CHARLESTON (Carolina do Sul), 4 — (R.) — O reverendo Ralph Abernathy foi solto da cadeia e avisou imediatamente que poderia chefiar novas manifestações nas ruas como aquela que conduziu à sua prisão há duas semanas.

Os dirigentes da campanha dos direitos civis dos negros, que foi acolhido por cerca de cem partidários ao abandonar ontem a prisão, depositou uma fiança de cerca de 5000 dólares.

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO ESPECIAL PARA VIGO POR OCASIÃO DAS FESTAS DO SENHOR DOS AFLITOS E DA VITÓRIA

15 DE JULHO A 3 DE AGOSTO
BILHETES DE IDA E VOLTA A PREÇOS REDUZIDOS

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Afife, Ancora, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho, Monção, Porto (S. Bento), Valença e Viana do Castelo bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Vigo, por motivo das Festas do Senhor dos Aflitos e da Vitória.
Validade dos bilhetes: Ida: 10 de Julho a 3 de Agosto. Volta: 15 de Julho a 8 de Agosto

QUEIXA SALVADORIANA

S. SALVADOR, 4 — (F. P.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros de Salvador apresentou queixa às Nações Unidas contra a «agressão das Honduras» de ontem. Indica que um aparelho das Honduras, um C-47 violou o espaço aéreo de Salvador na região fronteiriça de El Poy, tendo metralhado a baixa altitude os guardas fronteiriços salvadorianos. Pouco depois dois aviões militares do tipo T-28 penetraram no espaço aéreo de Salvador, na mesma região, sendo porém postos em fuga pelos aparelhos salvadorianos.

HAROLD WILSON VISITA A SUÉCIA

AEINGELHOLM (Suécia), 4 — (A. N. I.) — O primeiro-ministro da Inglaterra, Harold Wilson, é aguardado esta manhã na base da força aérea de Aengelhalm para uma visita oficial de dois dias à Suécia e assistir a uma reunião privada dos líderes socialistas europeus. Na previsão de manifestações, derivadas do apoio que o Governo britânico tem dado à Nigéria na guerra com Biafra, a Polícia tomou precauções especiais à volta da base de Aengelhalm.

Wilson, que se faz acompanhar por sua mulher, almoça com o rei Gustavo, no palácio real de Verão em Soviero, nos estreitos de Gresund, seguindo à tarde de avião para Estocolmo. Na base aérea, o primeiro-ministro inglês será saudado pelo chefe do Governo sueco Tage Erlander com quem terá conversações políticas na capital.

MOÇÃO REJEITADA

LONDRES, 4 — (F. P.) — A moção de censura da oposição conservadora contra a política aprovada pelo Governo a propósito dos conflitos do trabalho na Grã-Bretanha foi rejeitada na Câmara dos Comuns, por 301 votos contra 242.

Depois da intervenção de Wilson, Edward Heath, chefe da oposição, tomou a palavra, acusando o primeiro-ministro de «ter colocado as responsabilidades do Governo nas mãos de grupos estranhos à Câmara dos Comuns» e de ter «renunciado» ao «exercício democrático do poder por um Governo livremente eleito».

Barbara Castle, ministro do Trabalho, concluiu o debate, defendendo o processo de arbitragem da inter-sindical para resolver as greves «não oficiais». «Fomos testemunhas», disse, «de uma verdadeira revolução».

Censura a Israel no Conselho de Segurança

NAÇÕES UNIDAS, 4 — (F. P.) — O Conselho de Segurança, por unanimidade, censurou as medidas tomadas por Israel para alterar o estatuto de Jerusalém, declarou-as nulas e pediu a Israel para as retirar imediatamente.

Os membros do Conselho de Segurança chegaram a acordo quanto ao texto revisado da resolução afro-asiática acerca de Jerusalém. Este texto «censura» em vez de «condenar» as medidas tomadas por Israel para mudar o estatuto de Jerusalém. Além disso, já não preconiza a aplicação de sanções a Israel no caso deste país se recusar a revogar as medidas já tomadas. Não pede também aos Estados membros para deixarem de fornecer armas a Israel nem é fixado um prazo limite de um mês para Israel se

conformar com estas disposições. Em contrapartida, o texto reafirma a inadmissibilidade de um país se apoderar de territórios pela conquista militar.

ISRAEL REJEITA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 4 — (R.) — Israel rejeitou a moção do Conselho de Segurança censurando-a em termos enérgicos por causa das suas medidas para anexar toda a cidade de Jerusalém.

O embaixador Yosef Teikoah afirmou que a moção não podia afectar a vida da cidade.

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA LIVROS DO BRASIL

A VIDA QUOTIDIANA DOS MARINHEIROS NO TEMPO DO REI SOL
por JEAN MESSIEN
A vida aventureira dos marinheiros numa época culminante da história francesa.
Col. V. Quotidiana — 60\$00

BOMBA H SOBRE LOS ANGELES
por ROBERT MOORE WILLIAMS
Um sensacional romance de F. C. que impugna colocar ao alcance dos leitores portugueses.
Col. Argonauta — 15\$00

O CASO DA DACTILOGRAFA ATERRADA
por ERLE STANLEY GARDNER
Um permanente «suspense» deste mestre da literatura policial.
Col. Vampiro — 15\$00

LIVROS DO BRASIL
R. Caetano, 22
Lisboa
Rua de Ceuta, 80
Porto

ÚLTIMO FIM-DE-SEMANA DA TRIPULAÇÃO DA APOLO 11 COM SUAS FAMÍLIAS

CAPE KENNEDY, 4 — (A. N. I. F. P. e R.) — Depois de terem realizado em Cape Kennedy, o ensaio final do lançamento da cápsula Apolo 11, que os levará à Lua, os astronautas Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin Aldrin devem seguir para Houston, no Texas, a fim de passarem o fim-de-semana com as famílias, o que não voltam a fazer antes da partida.

Os astronautas darão amanhã a sua primeira conferência de Imprensa. Descansam no domingo e na segunda-feira regressam ao centro espacial, para os últimos preparativos. **CINCO MINUTOS MAIS CEDO**

O homem dará o seu primeiro passo na Lua cinco minutos mais cedo do que estava previsto e duplicará a sua quota de espécimes do solo lunar para exame em terra, segundo anunciaram cientistas nesta cidade.

O astronauta Neil Armstrong da Apolo 11 deve agora pisar solo lunar às 5 e 12 horas (T.M.G.) em vez de às 5 e 17 de 21 de Julho, segundo revelaram a noite passada cientistas e representantes da Imprensa.

Nos termos do novo programa, a aterragem do «módulo lunar», será também adiantada em quatro minutos — para as 20 e 19 (T.M.G.) de 20 de Julho.

CONTAGEM
A contagem inversa para o lançamento da Apolo 11 começará, no próximo dia 10 — anunciou a N. A. S. A. — após uma repetição dos últimos momentos de uma contagem inversa.

Para esta repetição, Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin Aldrin, envergando o fato espacial e todo o material participaram num simulacro do lançamento numa cabina semelhante àquela em que partirão para a Lua no dia 16.

Durante a repetição, o

O corpo de Tchombé chegou a Bruxelas

BRUXELAS, 4 — (R.) — O corpo do antigo primeiro-ministro do Congo-Kinshasa, chegou às primeiras horas de hoje a esta capital, vindo de Argel, a bordo de um avião especial «Caravelle».

Fontes bem informadas disseram que Tchombé, de 49 anos, seria sepultado amanhã em Bruxelas, onde vivem sua mulher e nove filhos.

Vários amigos do falecido dirigente africano, que morreu no domingo passado na Argélia, vitimado por um ataque cardíaco, aguardavam no aeroporto o avião.

A senhora Tschombé, de 45 anos, viúva do falecido, e dois parentes chegados, que acompanharam o corpo desde Argel, seguiram de automóvel com esses amigos, presumivelmente para a sua residência nesta capital.

sistema de direcção do gundo declarou um infortúnio. O módulo lunar falhou um motor da N. A. S. A. Este tanto. Será substituído durante o fim-de-semana, se a data do lançamento.

UMA CIDADE DEIXA DE FUMAR

GREENFIELD (Iowa) — (A.N.I.) A população da cidade de Greenfield, no Iowa Central, vai deixar de fumar, em massa. Toda a cidade, por graça, deitará fora os cigarros que lhe restam. Até o próprio mayor da cidade, fumador in-

veterado de cigarros e charutos, anunciou que adere: vai abandonar o fumo.

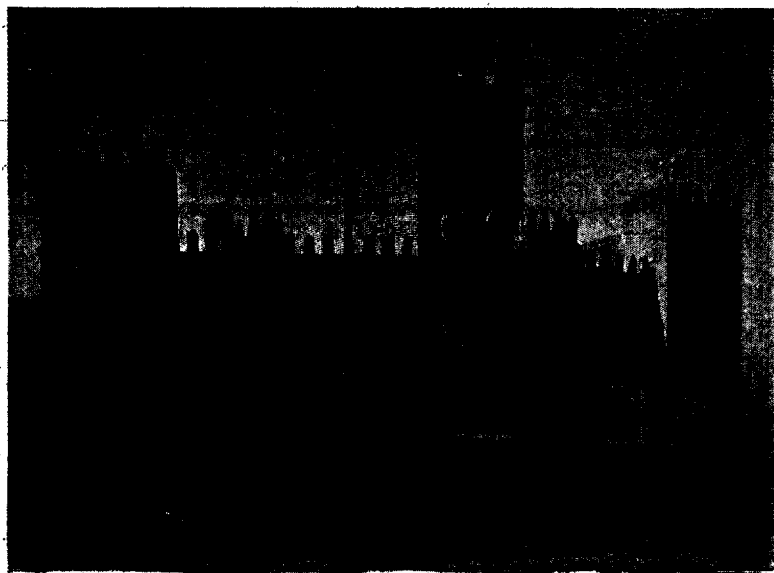
A prova começa em Agosto, queimando-se nesse dia, numa grande fogueira, todos os cigarros e charutos que haja na cidade. A partir daí, espera-se que

todos cumpram o compromisso que assumiram — e deixem de fumar.

A população mostra-se encantada com o facto de a sua minuscúla cidade ser falada na Imprensa internacional.

GUIMARÃES

16 de Setembro de 1967

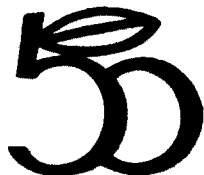


Antiquíssima cidade, com foral do Conde D. Henrique, dominada ainda hoje pelas oito torres do seu glorioso castelo, berço do Papa S. Dâmaso, do nosso primeiro rei e de tantos varões ilustres, mantém vivas nas qualidades dos seus habitantes, a certeza e a força que a projectarão também no futuro

E SERVIDA, A PARTIR DE AGORA,
POR UMA AGÊNCIA DO

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

dispondo, vinte e um meses volvidos,
de novas instalações no L. do Toural, 7 a 11



CINQUENTA ANOS DE PROGRESSO PARA O PROGRESSO NACIONAL

Diário de Lisboa

O COLÓQUIO DE HABITAÇÃO

(Continuação da 9.ª página)

homens já não sabem viver como homens, carecendo, portanto, de um período de transição.

É preciso coragem

Após o arquitecto Mata Antunes ter abordado o problema da degradação das zonas rurais, falando do êxodo de população para o estrangeiro e cidades de Lisboa e Porto, e precisando ser o problema mais socioeconómico do que habitacional, o dr. Mário de Azevedo dissertou sobre o planeamento físico. Afirmou, a dada altura, ser essencial que o Ministério onde os problemas habitacionais forem tratados reforme as suas estruturas de acordo com as exigências. O orador precisou que, se a tarefa couber ao Ministério das Obras Públicas, este terá de ter essa coragem.

O eng.º Jorge Mesquita, da Câmara Municipal de Lisboa, que se seguiu no uso da palavra, ocupou-se dos proble-

mas relativos aos Municípios no âmbito da política habitacional, afirmando que a execução deve continuar a pertencer aos mesmos. A dada altura acentuou a necessidade de se estancar o afluxo das populações rurais a Lisboa, para que não sejam criados mais problemas a administração — e disse haver toda a conveniência em fazer-se um esforço para que essas mesmas populações possam permanecer nas suas regiões. Apontou, depois, a não existência de uma ligação entre os poderes central e locais, alvitrando a criação de juntas de desenvolvimento regional.

Funcionário da Câmara Municipal do Porto, o eng.º Noronha e Távora começou por se referir a uma iniciativa em curso, cuja responsabilidade cabe ao Município daquela cidade — a construção de 9000 habitações. E, após abordar os problemas suscitados pelas populações realojadas, referiu que se devia à iniciativa privada a

construção, no Porto, em 1961, de 1731 fogos. O eng.º Noronha e Távora abordou, também, o problema da demolição de prédios ainda aproveitáveis e com rendas baratas, para nos respectivos terrenos serem construídos outros de aluguer dispendioso.

Falando sobre o papel dos órgãos de administração local, o dr. Maia Alves, que foi o orador seguinte, afirmou ser de toda a conveniência rever a posição dos Municípios em matéria de planeamento, mediante uma redução de funções em certos aspectos — isto em benefício de uma intervenção directa do Estado. As Câmaras Municipais — conforme acentuou — suportam hoje numerosos encargos e, por isso, a administração central deve chamar a si o que lhe compete.

Os esquemas traduzem opções políticas

A intervenção do eng.º Tomás Ritto, do Fundo de Fomento Habitacional, seguiu-se o sr. arquitecto Nuno Portas — último orador da sessão —, o qual, depois de precisar não ser sua ideia propor quaisquer reformas, disse reflectir nos sistemas de organização grandes opções de política. Apontou, em seguida, casos de países em determinadas épocas — a Itália, em que a reconstrução no pós-guerra foi confiada à Previdência; a Espanha, onde foi instituído um Ministério da Habitação; e Marrocos, onde se praticou, como solução de emergência, uma redistribuição de terrenos. Focou ainda o caso dos países do campo socialista, em que os problemas habitacionais são confiados a Ministérios da Construção. E depois de acentuar, de novo, que todos os esquemas traduziam opções políticas, afirmou que o problema excede o sector habitacional, para atingir a redistribuição das riquezas e outros.

O arquitecto Nunes Portas passou depois a explicação de um esquema que escreveu no quadro, afirmando que o mesmo não pretendia ser um organograma. Concedeu ser o seu esquema discutível e apenas destinado a interligar alguns pontos. Os pontos essenciais da dissertação deste orador foram: a política habitacional é decorrente e informadora da política social; a política habitacional é informadora na acção de aquisição e equipamento de solo urbano ou rural, levando a par e passo. E, dentro deste capítulo último, definiu a forma por que deverá fazer-se a ocupação territorial integrando habitação e equipamento em relação com transportes. A política habitacional, por seu turno — precisou — consigna ao Estado, ao nível governamental, uma função de planificação determinante, de opções prioritárias e «standards», e de preparação dos meios (financeiros, legais e de aquisição de terrenos) — que assegurem acção concentrada de variados promotores.

No respeitante à política de financiamento do equipamento territorial, o arquitecto Nuno Portas referiu-se à necessidade de intercomunicação dos fundos da Banca, administrações das receitas estaduais e mecanismos de bonificação ou subsídio. E apontou uma política recuperadora de base, informadora dos programas e animadora das autarquias locais, atentes e cooperativas.

Hóquei em patins Porto-Lisboa em juniores e seniores

As selecções de hóquei em patins do Porto e de Lisboa, em juniores e seniores, defrontam-se amanhã, no pavilhão do Palácio de Cristal, respectivamente às 21 e 23 horas, havendo patinagem artística entre um e outro jogo por filiados do Clube Português de Patinagem Artística, de Lisboa.

Notícias diversas

No pavilhão dos Bombeiros Voluntários do Porto em funcionamento na Feira Popular, decorreu o primeiro sorteio, cujos prémios couberam aos n.ºs 7754 e 8535, respectivamente, um fogão a gás e uma encerradora. A extracção foi feita pelo sr. Júlio Ferreira da Silva e assistiram ao acto, representando o director da Feira, os srs. Arnaldo Fernandes Guimarães e Franklin Barbosa de Araújo, chefe da P. S. P.

— Amanhã, às 18 e 30, no Cinema São João, será projectado o filme «O caso Iporeia» (para adultos), na 161.ª sessão do Cine Clube da Boavista.

Juramento de bandeira

No Centro de Instrução e Condução Auto n.º 1, decorreu, esta manhã, o juramento de bandeira pelos 195 soldados-recrutados do 1.º subturno do 2.º turno de 1969. Presidiu à cerimónia o comandante da unidade sr. tenente-coronel Esmeriz e a alocação aos recrutas foi feita pelo sr. aspirante miliciano Castro. Seguiu-se o desfile da força em formatura na parada.

Nova carreira de autocarros

No domingo, às 10 horas, será inaugurada uma carreira de transportes colectivos, que servirá o Monte da Virgem (Cimo do Monte), estabelecendo assim, rápida comunicação entre aquele Monte e a cidade.

Reunião científica

No Anfiteatro de Zoologia da Faculdade de Ciências haverá amanhã, às 18 horas, uma reunião científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia. Os srs. profs. Santos Junior e Carlos Bravedo, apresentam uma comunicação sobre «A Estação Arqueológica de Benficia (Luanda)».

Calendário desportivo

BILHAR — «Taça Francisco Carvalho»: A partir das 21 e 30, jogos no salão do Café Ceuta.

«Taça José Jaime»: Jogos a partir das 21 horas, no salão do Café As Órias.

TENIS DE MESA — «Taça Gratidão» (seniores): Jogos na sala do F. C. Porto, a partir das 21 e 15.

Ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P. a sr.ª D. Maria Gomes Teixeira, viúva, Rua Sá de Noronha, 43, 2.º, contra um indivíduo de nacionalidade espanhola, o qual pernottou na pensão que possui naquela morada, de onde furtou um rádio portátil, no valor de 2000\$00; e, na Polícia Judiciária, o sr. Joaquim de Oliveira, casado, comerciante, Rua Clemente Meneses 34, contra uma sua ex-empregada que furtou do estabelecimento que possui na sua residência a importância de 14 000\$00 e peças de mobiliário às quais atribui o valor de 7000\$00.

Recital de piano

O notável pianista húngaro Gyorgy Cziffra, que se distingue pela técnica e as notáveis qualidades interpretativas dá hoje, às 21 e 30, no Teatro Rivoli, um recital de piano.

O célebre artista veio a convite do Círculo de Cultura Musical, que fechará assim, com o maior brilho, a sua actual temporada. Gyorgy Cziffra interpretará a «Rapsódia Húngara» de Liszt e composições de Bach-Busoni, Beethoven, Chopin e Ravel.

Espectáculos para esta noite

TEATROS
RIVOLI — As 21 e 30: Recital de piano.

CINEMAS
SAO JOÃO — As 21 e 30: «A volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Assalto à cidade» (17 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «A maior balada do Mundo» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «No Sul do Pacífico» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Bonança & C.» (12 anos).
ESTÚDIO — As 21 e 30: «A chaves» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «Ódio por ódio» e «Os Cavaleiros da Távola Redonda» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Os filhos de ninguém» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «José do Telhado» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «O Corsário Lafite» (12 anos).

Amanhã, à tarde

SAO JOAO — As 21 e 30: «A volta ao Mundo em oitenta dias» (12 anos).
COLISEU — As 15 e 30: «Assalto à cidade» (17 anos).
RIVOLI — As 15 e 30: «Balada para um pistoleiro» (17 anos).
ESTÚDIO — As 15 e 30: «A chaves» (17 anos).
TRINDADE — As 15 e 30: «No Sul do Pacífico» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 15 e 30: «Bonança & C.» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Um punhado de golpes» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «A papoila também é uma flor» e «Musica ardente» (12 anos).
JULIO DINIS — As 15 e 30: «O Homem de Oklahoma» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 15 e 30: «José do Telhado» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (3.º turno)

ALMEIDA CUNHA, LDA — R. Formosa, 327 (Tel. 2-4874).
ANTAS, Av. de Magalhães, 1076 (Tel. 1-1158).
BARREIROS, Rua de Sampa Pinto, 8 (Tel. 4-0053).
CLARIGOS, Rua das Cláreas, 36 (Tel. 3-5394).
GOMES CARNEIRO, Rua de Cadefeta, 348 (Tel. 2-3420).
GUERRA, Rua Costa Cabral, 43 (Tel. 4-0470).
GUIMARÃES, R. de Francisco, 37 (Tel. 6-0103).
LIDADOR, Rua do Lidador, 171 (Tel. 58-3739).
LOUSADA, Largo do Campo Lindo, 62 (Tel. 4-0853).
ORIENTAL, Rua de Bonifácio, 127 (Tel. 2-7678).
ROQUE DA LAMEIRA, Rua de S. R. do Lameiro, 11 (Tel. 5-7391).
SOEIRO, R. de Santos Pousada, 71 (Tel. 5-3701).
VÁSQUEZ, Rua das Condições, 794. CAMPOS, R. P. L. Cabral, 943. Foz (Tel. 680113).

F. C. do Porto: encerramento das classes de ginástica

O F. C. Porto desenvolveu este ano intensa actividade na ginástica, culminada com o brilhante sarau anual que realizou recentemente.

Para encerramento das suas actividades nesta modalidade, aquele clube promove amanhã, com início às 15 horas, uma sessão de encerramento, através da qual serão distribuídos os prémios da época. A sessão efectua-se no ginásio da Rua Alexandre Herculano.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR					
FUNDOS DO ESTADO	Max.	Compra	Venda	Max.	Compra
Consolidado 2 3/4%	525	—	525	—	—
Consolidado 3%	548	546	548	—	—
Consolidado 3 1/2%	—	—	606	—	—
Centenários 4%	1.500	1.490	1.510	—	—
Obrigações 5%	1.010	—	—	—	—
Extremo 1.ª Série	—	—	—	—	—
Extremo 1.ª Série e	—	—	—	—	—
Extremo 3.ª Série	—	900	—	—	—
Extremo 3.ª Série e	—	—	200	—	—
Coutinho 3.ª Série	—	—	—	—	—
OBRIGAÇÕES	Max.	Compra	Venda	Max.	Compra
Agua Lisboa 5%	—	—	970	—	—
A. P. 1.ª 5%	—	—	965	—	—
A. P. 1.ª 5%	900	900	905	—	—
A. P. 1.ª 5%	1.000	997	1.003	—	—
C. P. 4 1/2% 65	—	1.005	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	1.018	—	—	—
C. U. F. 6%	—	1.025	—	—	—
C. U. F. 6% 68	—	—	—	—	—
Gás Elect. 4% 48	—	860	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	910	—	—	—	—
Gás Elect. 5% 52	—	910	925	—	—
Gás Elect. 5% 58	—	—	925	—	—
Gás Elect. 5% 59	—	—	926	—	—
Gás Elect. 5% 62	—	—	930	—	—
Gás Elect. 5% 63	—	—	911	—	—
Gás Elect. 5% 65	—	—	1.010	—	—
Gás Elect. 5% 67	—	—	—	—	—
H. E. A. Alentejo 5%	835	830	840	—	—
H. E. Cávado 5%	—	900	—	—	—
H. E. Cávado 6%	—	830	840	—	—
H. E. Douro 5%	994	992	995	—	—
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	850	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	1.005	1.010	—	—
Lisboa 6%	905	905	910	—	—
Metropolitano 4%	—	1.025	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	750	800	—	—
Moçambique 5%	850	850	855	—	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—	—	—
Nitrato 5%	—	—	—	—	—
Nitrato 5% 60	—	880	—	—	—
Petroquímica 5%	—	—	—	—	—
Port. Celulosa 5%	—	916	930	—	—
Sacar 5% 54	—	—	900	—	—
Sacar 5% 60	—	—	—	—	—
Siderurg. 5% 2.ª	—	—	—	—	—
Siderurg. 5% 3.ª	—	—	—	—	—
Siderurg. 5% 4.ª	—	—	—	—	—
Sonete 5%	—	—	—	—	—
T. A. P. 4%	—	—	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	83	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	83	85	—	—
U. E. P. 5%	—	—	—	—	—
U. E. P. 5% 60	—	—	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—	—	—
ACCÕES	Max.	Compra	Venda	Max.	Compra
Bancos	—	—	—	—	—
Agropecuária	1.190	1.180	1.200	—	—
Alentejo	735	734	737	—	—
Angola	—	—	2.400	—	—
Burnay	—	—	—	—	—
Créd. Predial	2.700	2.700	2.750	—	—
E. Santo	—	—	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—	—	—
Ferreira S. B.	3.600	3.550	3.650	—	—
L. & Agores p.	—	—	—	—	—
L. & Agores n.	—	—	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	—	—	—
Portugal n.	—	2.900	—	—	—
Portugal p.	—	—	3.750	—	—
Totta Afonso	6.750	6.710	6.800	—	—
Ultramarino n.	2.340	2.330	2.350	—	—
Ultramarino p.	2.650	2.630	2.750	—	—
Seguros	—	—	—	—	—
Alentejo	—	73	75	—	—
Douro	—	930	1.200	—	—
Mundial	520	525	525	—	—
Sagres	—	1.500	1.800	—	—
Tranquilidade	—	45.000	—	—	—
Ultramarina	—	15.000	30.000	—	—
ULTRAMARINAS	Max.	Compra	Venda	Max.	Compra
Agúcar de Angola	750	—	755	—	—
Ag. Casqueiro	705	705	710	—	—
Ag. Incomat	—	—	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	300	390	—	—
Borç	—	—	210	—	—
Buzi	—	75	79	—	—
Cabinda	—	—	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base Dez 65 100)			
	26/6/69	2/7/69	3/7/69
ULTRAM.	131,4	128,4	128,6
GERAL	129,5	126,2	126,4
METROPOL.	145,3	144,5	145,0

PAISES			Compras	Vendas
África do Sul:				
— Rands de 1 e 2...	34550	—	—	37500
— Rands de 5 e 20...	35550	—	—	38500
América:				
— Dollars de 1 e 2...	28525	—	—	28565
— Dollars de 5 e 1000	28540	—	—	28580
Canadá — Dollar	26520	—	—	26570
Alemanha — Marco	7505	—	—	7530
Austria — Schilling	1508	—	—	1515
Brasil — Cruzeiro Novo	5550	—	—	7550
Espanha — Peseta	340,2	—	—	341,7
Holanda — Florim	7575	—	—	8500
Inglaterra — Libra	67520	—	—	69520
Itália — Lira	304,45	—	—	304,65
Marrocos — Dirhan	4575	—	—	5525
Bélgica — Franco	52	—	—	55
Francia — Franco	5530	—	—	5585
Suiza — Franco	6555	—	—	6575
Dinamarca — Coroa	3570	—	—	4500
Noruega — Coroa	3590	—	—	4520
Suécia — Coroa	5540	—	—	5570
Outros:				
Inglaterra — Libra Isabel	345500	—	—	360500
Inglaterra — 1/2 Libra	255400	—	—	275500
Ouro fino — Barra	37570	—	—	39520

J. BURNAY, L. DA NETAS ESTRANGEIRAS
RUA DO OURO, 12. Papéis de crédito
Tel. 221278

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

DE CINEMA NOITE

A PARTIR das 22 e 05 exhibe-se o filme de grande metragem «O Homem Gordo», com Julie London, Rock Hudson, J. Scott Luvaert e Clinton Sanders.

Em resumo, temos uma história com um interessante enredo, difícil de encontrar o fio da meada, uma autêntica história policial.

Emmet Kelly, o famoso Clown, desempenha neste filme um papel dramático.

2. PROGRAMA

DUAS REPOSIÇÕES no Emissor Regional:

Pelas 21 e 30, exhibe-se o 2.º episódio do Folhetim «David Copperfield» de Charles Dickens, já exibido no Programa Nacional em 22 de Fevereiro do corrente ano.

Recordemos que Roberto Chevalier e Ana Vanda Guarnieri são os principais intérpretes.

As 21 e 35, Raul Solnado, ao lado de Fialho Gouveia e Carlos Cruz estarão presentes ao «vídeo» desta vez na repetição do Primeiro «Zip-Zip».

«Fomento de Obras Públicas e Construção Civil»

PELAS 20 e 35, perante as câmaras da RTP, o dr. Luís Sapateiro, falará sobre o Fomento de Obras Públicas e Construção Civil.

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — «Guadiana» de Mértola; 16 e 30: 451 m — 665 kc/s. — As 16: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Mar-

ques Pereira, 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma gota de sangue e renasce uma vida; — programa do Instituto Nacional de canção; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 36: 28.º episódio do folhetim «A Loja de Antiquidades»; 21: Jornal de atualidades; 21 e 30: Novidades em discos, texto e seleção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Flora Pereira e Carlos Anjos; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Folclore do Mundo — Cantos judeus-espanhóis originários do século XVII; 16 e 17: Música de piano; 16 e 25: Curiosidades musicais — Obras instrumentais de Carl Maria von Weber; 17 e 10: Música de câmara; 18: Música portuguesa — Oração «Fátima» (Rui Coelho); 18 e 39: Sonata para violino e piano (Ravel); 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solo de piano; 20 e 30: Música de câmara; 21: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto; 21 e 45: Música de piano; 22: Homenagem (Sturzenegger) — solistas; 22 e 22: Concerto Brandeburguês n.º 1, em fá maior (Bach); 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa M. F. 2 (Cultural) — 94,3 mc/s. — As 23: A ópera em quatro actos «O amor das três laranjeiras» (Prokofiev); 1: Fecho. Emissão esteriofónica — 95,7 mc/s. — Das 21 às 23: Música ligeira; Música sinfónica; Música coral; Solos.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Em foco... 21 e 02: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música tradicional e poetas religiosos; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 0 e 02: A noite é nossa; 6 e 03: Diário rural; 7 e 03: Talsmã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da G6-G6; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Bando sonoro; 2: FM-67 e fecho.

EMISSIONA DE MIRAMAR — 383,6 m — kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Os nossos artistas; 19 e 45: Canções para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia-a-dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 23 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música de Chopin; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22. Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2. Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30. Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.

canal da crítica

MUITA MONOTONIA, NENHUMA POESIA

«Os Jerónimos». «Os Jerónimos» são um dos mais importantes monumentos nacionais. Nos «Jerónimos» repousam as cinzas de alguns grandes sonetos do nosso País e lá se realizaram ontem os Jogos Florais da Emissora Nacional, após uma interrupção de 20 anos.

O seu nome de baptismo é «Mosteiro de Nossa Senhora de Belém». O povo simplifcou tudo para «Os Jerónimos» e assim todos o conhecemos desde o dia em que lá vamos pela mão dos nossos pais para cumprir dever de cidadania em que além dos «Jerónimos», colaboram o «Museu dos Coches», o «Aquário Vasco da Gama» e o Jardim Zoológico.

Como todos sabem, «Os Jerónimos» foram mandados construir por D. Manuel I, em plena euforia do descobrimento do caminho do mar para a Índia. Estávamos em 1500. Nadava-se em prosperidade. A pimenta corria a plenos alqueires. O uso da pimenta provocava enormes libações que faziam dormir esquecer, sonhar... Sonhar que a vida é boa, o futuro é risonho e a eternidade nos pertence. Assim nasceram «os Jerónimos»: embebado em manuelino com destino «ao ano dois mil», que era, naquele cândido tempo, o limite para a sobrevivência da espécie.

São inúmeros os motivos de Beleza dos «Jerónimos», mas os mais valiosos, os que não podem deixar de ser vistos, são a porta lateral, a abóbada sustentada por oito

elegantes colunas, e o claustro de pedra finamente lavrada. Etc.

A pedra lavrada dos Je-

rónimos foi o que de melhor nos deram as câmaras as ordens de Helder Mendes, a par da valiosa contribuição cultural da primeira parte do programa preenchida com música portuguesa.

O tom de monotonia do serão foi dado logo de início pela actuação do «arauto» que leu um longo, longo perseguido de retórica e lugar-comum. O tom de monotonia havia de manter-se com a leitura das poesias premiadas. É triste dizer que nos versos chamados ao galarim não aconteceu um, um único, relâmpago de originalidade, de novidade, de autenticidade, de emoção, ou resumindo: um único relâmpago.

go de poesia. Foi tudo lição aprendida, mastigação mecânica de métricas e gestos, palavras sem nervo, retórica, discursivismo tratado no conformismo do cursivo aprendido nos métodos escolares.

Nesse aspecto, precisando melhor: no aspecto da divulgação do amor pela poesia, a contribuição destes jogos florais da Emissora Nacional foi praticamente nula.

A emissão terminou já de madrugada com a actuação de Amália Rodrigues que se manteve perfeitamente enquadrada na monotonia do serão.

É tarde, muito tarde já.

para nos alongarmos em considerações a que este serão nos convidava. Alguns pormenores não podem, porém, ficar aditados.

Parece ter faltado a energia, mas isso não culpa toda a desorganização do espectáculo.

As mesmas informações foram exaustivamente repetidas por locutores, apresentadores e oradores — às vezes textualmente os intervalos alongaram-se cansativamente. A imagem não teve imaginação nem clareza. O som andou, do princípio ao fim, na corda bamba — e a

(Continua na página seguinte)

AGORA!

CRÉDITO A 24 MESES SEM PAGAMENTO INICIAL

FRIGORÍFICOS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA — CONSULTE-NOS

ASTROTECNICA Rua dos Anjos, 71 B

Lisboa Av. António Augusto de Aguiar, 58 B

PRÉDIO DAFUNDO

Construção em alvenaria, em muito bom estado, de conservação, composto de 6 inq., habitação, de 4 cas., coz., c. banho, desp., marg. e hall. Rendas baixas. Rende 51 840\$. Preço 800 contos.

MOSTRA E TRATA:

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3, 2.º — TELE. 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

BENARD

Brinquedos - Vestuário de Crianças

Lembra que inicia amanhã o encerramento aos sábados, às 13 horas, nos meses de Julho, Agosto e Setembro, como habitualmente.

Renovamos os nossos agradecimentos pela magnífica colaboração e compreensão dos nossos amigos e estimados clientes.

COMICHÃO IRRITANTE

A sua pele tem milhões de delicados poros, onde se esconde a causa da terrível Comichão, Grelas, Eczema, Escabiose, Ardores, Acne, Impetigo, Frieiras, Cravos, Borbulhas, Comichão nos pés e outras doenças de pele. Os tratamentos vulgares dão apenas alívio temporário, porque não eliminam a causa. A nova descoberta NIXODERM elimina-a dentro de 7 minutos e é positivo que lhe torna a pele suave, clara, atractiva e lisa dentro de uma semana. Compre NIXODERM ao seu farmacêutico hoje mesmo e afaste a verdadeira causa do seu mal de pele.

Nixoderm
Para Doenças De Pele

3.º SALÃO DE EXPOSIÇÃO

NSU

Todos os modelos NSU se encontram em exposição, das 9 às 24 horas

NOVO STAND

AV. DA REPÚBLICA, 84

(frente à feira popular)

TEL. 77 8073 - LISBOA

Dinheiro!...

Economia!...



J. PIMENTA, S. A. R. L.

**Do seu capital, aplicado em propriedades, sem qualquer preocupação
pode obter um**

**Rendimento ou Juro de 6 a 10 % garantido de 6 a 18 Anos
à escolha do cliente, por escritura pública**

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq.º — Tels. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22
AMADORA-REBOLEIRA — TEL. 933670

A Companhia Colonial

de Navegação

comemorou 47 anos

O 47. aniversário da Companhia Colonial de Navegação foi assinalado com um jantar realizado a bordo do «Vera Cruz» que reuniu todo o pessoal e onde estiveram presentes os srs. dr. Santos Júnior, presidente do conselho de administração, almirante Francisco Spínola, delegado do Governo, almirante Henrique Jorge, administrador por parte do Estado, Raul Sampaio Vieira, tenente-coronel Raposo Pessoa e dr. Joaquim Ribeiro da Cunha, administradores; e eng. Santos Fernandes, presidente do conselho fiscal.

Após o jantar, foram entregues medalhas de ouro a dezasseis funcionários que completaram trinta e cinco anos de serviço, e cem medalhas de prata aos que ultrapassaram os vinte e cinco anos. Em nome de todo o pessoal, usou da palavra o sr. Rogério Baptista de Oliveira Beja que recordou as fases mais importantes da vida da companhia e pôs em relevo a acção desenvolvida pelo seu actual conselho de administração.

O dr. Santos Júnior teve palavras de muito apreço para o comandante do «Vera Cruz» que tinha honrado as tradições de hospitalidade das unidades da companhia. O orador salientou o interesse de tornar mais ampla, extensiva a familiares, a reunião do pessoal, para uma verdadeira confraternização. Anunciou medidas em curso para melhoria de condições de trabalho e vencimento do pessoal e, também, ter entrada na fase de acabamento nos estaleiros de Viana do Castelo o navio «Malango» que importou em 170 mil contos. O dr. Santos Júnior terminou por evocar os fundadores da companhia, em especial Bernardino Correia, e todos os que têm estado à frente dos seus destinos.

DE COIMBRA

Exposição de trabalhos de doentes mentais

No Hospital Sobral Cid, foi inaugurada uma exposição de trabalhos efectuados, na Terapêutica Ocupacional, pelos doentes ali internados num total de 353.

Obras em artérias citadinas

Recomeçaram as obras na Rua Dr. António José de Almeida, que foram interrompidas em consequência do mau tempo. Assim, no troço que vai da Rua Nicolau Chanterene até à Travessa de Moura e Sá, preparase o pavimento para a aplicação do tapete betuminoso e arranjo dos respectivos passeios; e no troço da Travessa de Moura e Sá até à Rua Machado de Castro procede-se à preparação da respectiva caixa para o pavimento.

Estiveram presentes na cerimónia da abertura da interessante exposição os srs. dr. Machado Araújo, administrador; dr. Frederico Gomes, chefe dos serviços clínicos e pessoal superior daquele estabelecimento de assistência hospitalar a doentes mentais.

A exposição, que revela valores marcantes, mantém-se aberta ao público até ao dia 15.

Farmácias de serviço

MIRANDA — Praça do Comércio (Tel. 23261).

VIEGAS & COELHO — Rua da Sofia (Tel. 22080).

SANTA ISABEL — Avenida Sá da Bandeira (T. 24916).

SILVA SOARES — Rua Mouzinho de Albuquerque (Tel. 26554).

Reunião dos «Lions» Clubes

Mais de uma centena de componentes dos «Lions» Clubes de Coimbra, Cantanhede, Figueira da Foz, Matosinhos, Aveiro, Lisboa, Almada, Estoril e Funchal reuniram-se aqui amanhã, no Jardim da Manga. No decorrer da reunião será feita a transmissão de poderes ao novo governador do «distrito 115», ao qual pertencem aqueles clubes, sr. eng.º Francisco Alves Ferreira, e ao novo presidente do Clube de Coimbra, sr. eng.º Rui Garcia Reis.

Espectáculos para hoje

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A Festa» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Diabólicamente sua» (17 a.).

TIVOLI — Às 21 e 30: «L. S. D. — droga alucinante» (17 anos).

Comemoração militar

Uma deputação de oficiais, sargentos e praças da sucursal da Manutenção Militar desta cidade, acompanhada do capelão da diocese, rev.º padre António Salgueiro, vai hoje em romagem ao Mosteiro de Santa Clara, onde depositará flores no túmulo da Rainha Santa, comemorando assim o «Dia de Serviço da Manutenção Militar».

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

actuação do «arauto» sofreu perigosamente com as flutuações sonoras... O trabalho dos que se encontravam em contacto directo com o público tornou-se difícil, ia-se tornando dramático. Artur Agostinho, mais uma vez, soube tornar as dificuldades merecedoras de uma presen-

ça de espírito, da sua experiência de situações difíceis semelhantes, da sua capacidade de tirar, do nada, alguma coisa.

MC

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria do Carmo Barroso (Herdeiros), Av. Major Joaquim José Paiva, 10, 3.º-DL.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AUTOMOTORA ESPECIAL

A C. P. organiza semanalmente, até aviso em contrário, uma automotora especial de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro, e volta, em ligação com as carreiras normais entre Barreiro e Lisboa (Terreiro do Paço), com o seguinte

IDA	HORARIO	VOLTA
Sábados		Domingos
12.00 P.	Vila Real de Santo António-Guadiana	C. 5.41
12.11 P.	Vila Real de Santo António	C. 5.37
12.34 P.	Tavira	C. 5.15
12.51 P.	Olhão	C. 4.59
13.00 P.	Faro	C. 4.48
13.36 P.	Tunes	C. 4.17
16.55 C.	Setúbal	P. 0.59
17.25 C.	Barreiro	P. 0.35
18.10 C.	Lisboa (Terreiro do Paço)	P. 23.50

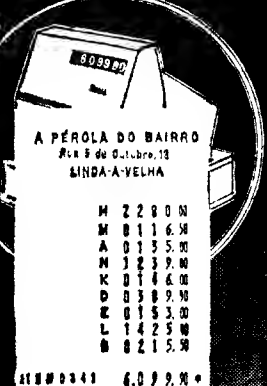
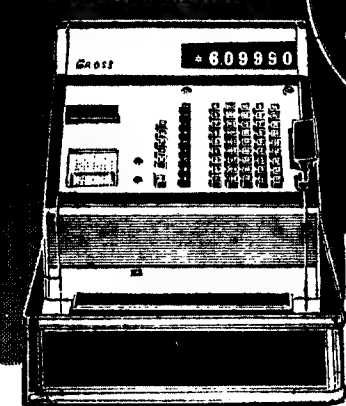
PREÇOS

— De Vila Real de Santo António — Guadiana até Olhão a Lisboa, e volta 120\$00
— De Faro e Tunes a Lisboa, e volta 110\$00

Bilhetes à venda nas estações de Vila Real de Santo António-Guadiana, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão, Faro e Tunes.

GROSS
Ambassador

A CAIXA REGISTRADORA
detalhadora
DE
CARACTERÍSTICAS
COMPLETAS



- Capacidade de registo 9.999\$90
- Fiada de iniciais
- Recebimentos, Créditos e Pagamentos
- Somadora independente

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 15-17 TEL. 369331 — LISBOA

MÉDICOS

**PRECISAM-SE, PARA IMPORTANTE EMPRESA
DE ANGOLA, SENDO UM CIRURGIÃO E OUTRO
DE CLÍNICA GERAL.**

**RESPOSTA COM ELEMENTOS DE APRECIÇÃO
A ESTE JORNAL, AO N.º 296.**



**ARMÉNIA MARQUES
PEREIRA ROLDÃO**

MISSA DO 7.º DIA

Maria da Piedade Roldão Fernandes e marido, Lucinda Marques Pereira Roldão, Mafalda Roldão de Carvalho, Jorge Roldão Fernandes e mulher, Amélia Maria Granda Sabino Pereira de Tovar de Faro e marido participam que amanhã, dia 5, às 12,30 horas, na Igreja de S. José (Largo da Anunciada), será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de sua muito querida irmã, cunhada, tia e madrinha, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

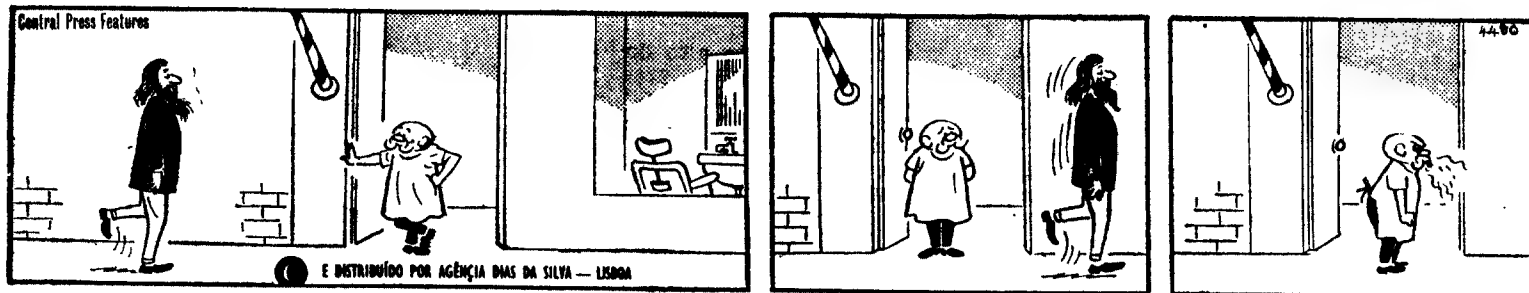
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Julho de 1939 publicava:

«DANTZIG — Eis a cidade «vedada», que detém o monopólio das curiosidades. Goebbels afirmou há poucos dias:

«— Dantzig tem de ser alemã, sob pena de acontecimentos graves.

«O coronel Beck, ministro dos Estrangeiros da Polónia não foi menos terminante:

«— Dantzig ficará cidade livre ou será cidade polaca.

«A França e a Inglaterra declararam o seguinte:

«— Um ataque da Alemanha contra Dantzig moverá imediatamente as forças anglo-francesas como aliadas que são da Polónia.

«Pergunta-se:

«— Teremos próxima a guerra?

«A guerra é certa, mas a hora incerta»

APERITIVO 115

(LICOR)

Pedir pelo telefone 67 99 65
Rua Poço dos Negros, 147
L I S B O A



LOPO LAUER

Missa do 1.º Aniversário

Será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 5, pelas 12 horas, na Basílica dos Mártires.

Sua viúva, filhas e genros, agradecem a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

Palavras cruzadas

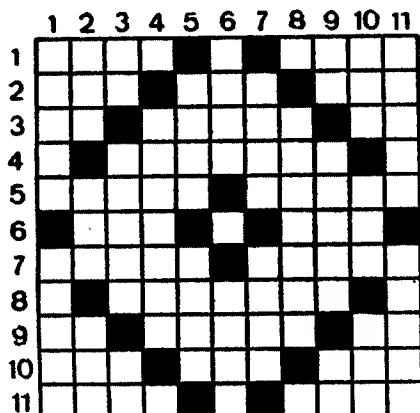
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5226

HORIZONTAIS: 1 — Aquele que Bola revestida de pele 2 — Aves galináceas do Brasil Rio da Suíça. Senhor em inglês 3 — Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Combinam. Pronome possessivo. 4 — Levantasse. 5 — Naípe de cartas de jogar. Ave trepadora. 6 — Caminha. Nome dum jogo 7 — Militar de categoria elevada entre os índios do Malabar, Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 8 — Investida 9 — Despido. Fora para fora. Crâmio (s. a.). 10 — Greda branca. Ecoe. Ilha inglesa no mar da Irlanda 11 — Entonete Sentinela

VERTICAIS: 1 — Tenciona Jamais 2 — Larva das feridas dos animais. Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Cantão da Suíça. 3 — Pronome pessoal. Lavrais. Érbio (s. a.). 4 — Torno-loiro 5 — Fileiras. Pronome pessoal (pl.) 6 — Em mais alta grau. Irmãos do pai. 7 — Rascuro. Oportunidade. 8 — Comprada. 9 — Pertences. Dá marradas. Pronome pessoal 10 — Lírio. Rote. Óxido de cálcio. 11 — Limpa metais Volta

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em seguinte passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5225

HORIZONTAIS: 1 — Máscara. Vãs. 2 — Ária Fica. 3 — Ramos. Faval. 4 — Troa. Colo. 5 — Ora. Morosa. 6 — Si. Pá. Ru. OS. 7 — Afínico. ANI. 8 — Arco. Ilda. 9 — Balão Deter. 10 — Anão. Bona. 11 — Som. Pesaria.

VERTICAIS: 1 — MORTOS. Abos. 2 — Arria. Ana. 3 — Samoa. FALAM. 4 — Croa. Pirão. 5 — Ais. Manco. 6 — Rã. Co. Co. Be. 7 — Forro. DOS. 8 — Falou. Iena. 9 — NIVOS. Altar. 10 — Aca. Aonde. 11 — Sala Salaria.

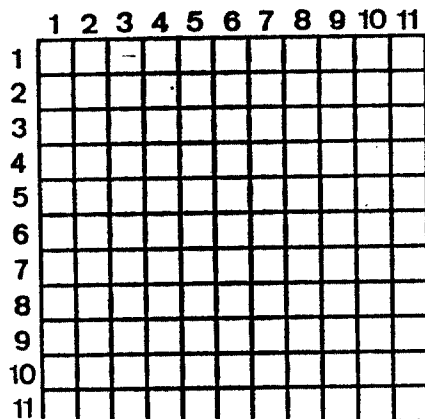
PROVERBIO: Os mortos falam dos vivos.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9069

HORIZONTAIS: 1 — Urde Pessoa que come pouco. 2 — Que é do ar. Sofre. 3 — Curar. Leitos. 4 — Rema para trás. Princípio. Agelido. 5 — Toste Grandes. 6 — Cinquenta e um em romano Níquel (s. a.). 7 — Tiro. Suga o leite materno 8 — Cólera. Ave pernalta Óxido de cálcio. 9 — Queimas. Unhas 10 — Bifar. Estive fortemente unido. 11 — Planta vivaz e medicinal Níveis

VERTICAIS: 1 — Toberna. Fechara as asas para descer mais depressa. 2 — Verdadeiros. Tempo forte, entre os Latinos. 3 — Rãs (pop.). Escamas da pele da cabeça ou de qualquer outra parte da epiderme. 4 — Mediana. Gayinha. Rio da Suíça. 5 — Ilha situada no Pequeno Belt. Cálculo aproximado ou o olho 6 — Fútil. Artigo indefinido 7 — Finjo. Mãe de Ismael 8 — Joeria. Instrumento para encruvar as calças das linhas férreas. Nome de mulher. 9 — Pôr em rumo uma embarcação. Picantes 10 — Ave trepadora. Dá marradas. 11 — Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto Icais



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9068

HORIZONTAIS: 1 — Repartiriam. 2 — Erada. Matas. 3 — Srs. Ora. 4 — Ta. Carta. Or 5 — Cadeado. 6 — Puma. Rido. 7 — Péra. Aira. 8 — Ara. Ara. ONU. 9 — Ir. Amura. Ar. 10 — Rasga. Amara. 11 — Asais. Lesas.

VERTICAIS: 1 — Resto. Pairo 2 — Erra. Perros. 3 — Pós. Curo. Sá. 4 — Ad. Cama. Agi. 5 — Ramada. Amas. 6 — Ré. Cru. 7 — Imitar. Ural 8 — Rã. Adia. Ame. 9 — Ito. Ódio. As. 10 — Aaro. Omara. 11 — Milara. Auras.

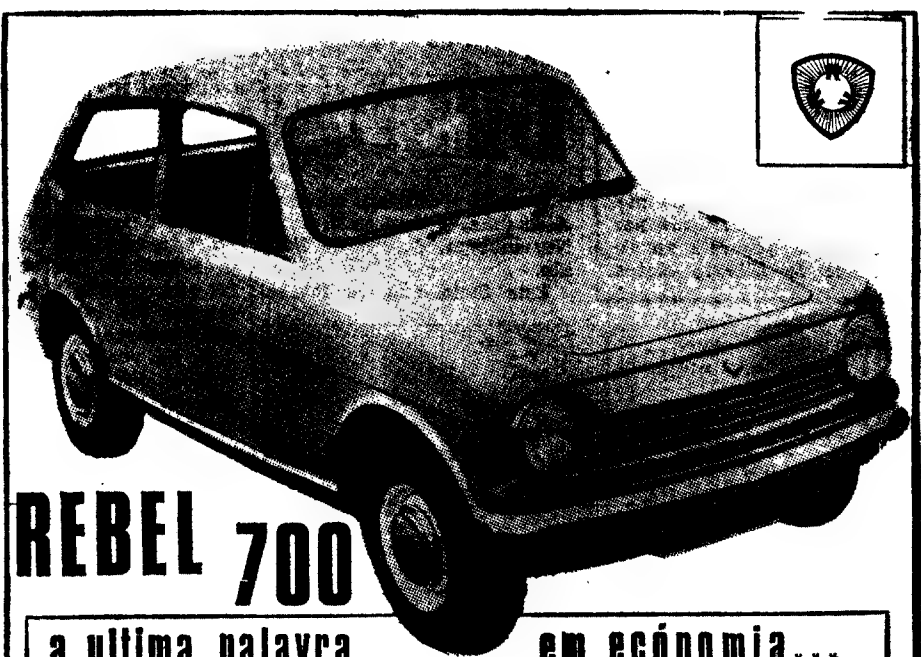
AUTOMOTORA RÁPIDA DA BEIRA BAIXA

Informa-nos a C. P. que a automotora rápida, actualmente circulando entre Covilhã-Lisboa-Covilhã, passa a circular entre Guarda-Lisboa-Guarda desde 1 do corrente mês, sendo constituída por uma composição FIAT, com ar condicionado.

Esta automotora dispõe de um serviço de bar, estando previsto o fornecimento de pequenos almoços e refeições ligeiras.

O horário é o seguinte:

7-50 p.	Guarda	c. 3-40
9-02 p.	Covilhã	c. 2-28
10-54 p.	Castelo Branco	c. 0-35
14-59 c.	Lisboa (St.ª Apolónia)	p. 20-22



REBEL 700

a ultima palavra

em ecónomia ***

*se 5,5 l. aos 100 kms, 115 kms/hora, carroçaria inerte à corrosão, e amplo espaço interior são para si pontos de interesse, REBEL 700 é a solução.

Garagem VICTÓRIA

Rua Nova da Moura, 3 - LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«VOLTA À FRANÇA», EM BICICLETA

JOAQUIM AGOSTINHO: A MAIS BELA LEGENDA DO CICLISMO PORTUGUÊS

• A vitória na etapa Nancy-Mulhouse
foi uma afirmação do valor, já reconhecido

MULHOUSE, França, 4 (Especial para o «Diário de Lisboa») — Joaquim Agostinho, o excelente estradista do Sporting, presentemente a disputar a «Volta à França» em bicicleta, defendendo as cores da «Frimatic-Viva», teve ontem a justa con-

sagração internacional das suas qualidades de ciclista.

Ao vencer a etapa entre Nancy e Mulhouse na distancia de 193,500 quilómetros, o corredor português viu coroado de êxito o seu esforço para vincular o nome á história do «Tour».



JOAQUIM AGOSTINHO

De resto, a vitória alcançada, já em terrenos montanhosos (onde a luta é mais dura) veio apenas dar uma expressão mais exata á valia alardeada por Joaquim Agostinho. Já em

tiradas anteriores o corredor português deixara antever uma capacidade de resistência ao esforço que causara admiração entre a caravana.

Ontem ao iniciar a fuga,

ainda a mais de sessenta quilómetros da linha de chegada, em companhia do gaulês Garly Gronkost, Joaquim Agostinho fê-lo de forma categórica e convincente, não se impressionando nem com as escaladas do percurso, nem com o piso escorregadio da estrada, consideravelmente perigoso.

A atestar a consideração em que é já tida na «Volta à França» a valia do estradista português realce-se o facto da perseguição ter sido desenvolvida pelos concorrentes de maior prestigio no mundo da velocidade, como são Rudi Altig, Gimondi e Eddie Merckx.

A uma velocidade infernal o pelotão tentou, nos ultimos quilómetros anular a fuga de Joaquim Agostinho. O «desespero» deste, contudo, e a sua estupefata estatura moral e força física, permitiu-lhe na ponta final acelerar ainda o ritmo da pedalada de forma

a ganhar a etapa com 18 segundos de vantagem sobre o grupo que lhe dava «caça» e que integrava muitos dos aspirantes á vitória no «Tour».

Vencedor da etapa e primeiro a passar no alto do First Plan, Joaquim Agostinho ocupa agora o 41.º lugar da classificação geral, situando-se no 3.º posto da tabela do «Prémio da Montanha».

As próximas etapas que se desenvolvem já nos percursos acidentados e difíceis da montanha constituem agora uma «esperança» para que se torne mais sólido e firme o prestigio de que Joaquim Agostinho começa a usufruir. A tirada de ontem pode ter sido o prólogo de uma acção ainda mais destacada do corredor português. Os seus méritos são já consideravelmente respeitados.

Seleccção de atletismo em Marrocos

Hora de partida retardada e algumas ausências de vulto

Retardada de algumas horas a partida da selecção nacional de atletismo para Marrocos. Desta forma depois da concentração prévia os atletas tiveram liberdade, para voltarem a encontrar-se, ao meio-dia, a fim de almoçarem no próprio Aeroporto.

Entretanto o professor Eduardo Cunha, responsável técnico pela equipa portuguesa informou-nos:

— Há algumas ausências de vulto na nossa equipa. Manuel Oliveira, A. Fonseca e Silva, Tavares Alves, Manuel dos Santos, por lesão ou devido a exames, não podem dar o seu concurso á equipa. O próprio Julio Fernandes faz a viagem sem estar completamente refeito de uma pequena mazela contraída no domingo.

— Mesmo assim acredito num bom resultado apesar de, com estas ausências, o equilibrio entre as duas selecções ser maior. O ano passado ganhámos á vontade. Agora vai ser mais complicado...

— E «records»? — Acredito na queda de alguns, sinceramente. O de 400 m barreiras, por exemplo, que está al alcance de Alberto Matos.

«DRAMA» NO FUTEBOL ALEMÃO

O I. F. C. NUREMBERGA DESCEU DE DIVISÃO

O mais prestigioso clube da Alemanha, o famoso I. F. C. Nuremberga, desceu de Divisão.

Este facto tem no futebol

alemão o mesmo impacto que teria a descida do Benfica ou do Sporting, em Portugal. O prestigio do Nuremberga é tal que, quando um adepto do futebol diz «O Clube» refere-se sempre a ele.

E, na verdade, o clube da cidade dos brinquedos é o que mais vezes conquistou o campeonato da Alemanha.

Foi campeão em 1920, 1921, 1924, 1925, 1927, 1936, 1948, 1961 e 1968. Venceu a «Taça da Alemanha» em 1935, 1939 e 1962.

O ano passado assumiu a «liderança» do campeonato na segunda jornada e não mais abandonou o primeiro lugar conservando-se á cabeça 31 domingos. Terminou a prova com 3 pontos de avanço sobre o segundo classificado, mas no fim da primeira volta tinha onze de vantagem.

A unica alteração de um ano para o outro foi a mudança de treinador. Max Merkel, o famoso engenheiro austriaco que «virou» treinador de futebol e que é, actualmente, responsável pela equipa do Sevilla, abandonou o Nuremberga. E assim a equipa que, o ano passado mar-

cou 71 golos e sofreu 37 obteria 47 pontos, este ano marcou 45, sofreu 55 e obteve apenas 29 pontos, que lhe valeram o 17.º lugar e a descida de Divisão.

E, todavia, a equipa base é quase a mesma. Em 1968 alinhavam: Wabra; Leupold, Popp; L. Muller, Wenauer e Ferchl; Cebinae; Strehl, Brungs, H. Muller e Volkert. Em 1969: Rynio; Leupold, L. Muller, Wenauer, Hensen; Zaczky, Kuppers, H. Muller, Nussing e Volkert.

Jogaram, também, vários jogos Wabra, Strehl e Beer.

Destas equipas fazem ainda parte alguns jogadores dos que em 1961 defrontaram o Benfica, para a «Taça dos Campeões Europeus».

São eles Strehl, Wenauer, Wabra e Leupold.

Mau grado a descida o I. F. C. Nuremberga não desanima. Para já, renovou o contrato com o seu actual treinador Kuno Klotzer, a quem pagará 6000 marcos por mês (43 200 escudos). E de esperar que a permanência do I. F. C. Nuremberga na II Divisão não seja prolongada.

NÓS

E
O DESPORTO

escreve

Lidia Faria



• ATLETISMO EM MARROCOS

Esta secção será, até certo ponto, uma tribuna de deusa e de expansão do desporto feminino português. Por isso o tom de relativo desânimo da minha última crónica, baseado no facto de se terem indicado em principio apenas oito raparigas para a representação nacional nos IV Jogos Luso-Brasileiros.

Hoje, no entanto, posso escrever com bem mais satisfação, por dois motivos. Primeiro porque, afinal, o atletismo femi-



Maria do Céu Lopes

nino sempre estará nos Jogos Luso-Brasileiros, representado, ao que parece, por três atletas. Ainda não está inteiramente decidido qual o número, e, consequentemente quais as praticantes que farão a viagem, embora se considere certo que uma delas será a excelente «sprinter» do Vitória de Setúbal, Amélia Carriço, que se encontra presentemente em grande forma. Sejam quantas forem e quais forem, porém, o que interessa é que o atletismo feminino não foi esquecido e que sempre haverá o tão necessário estímulo, não só para as que irão ao Brasil como para as mais novas, que encontrarão assim incentivo para uma valorização.

O outro motivo pelo qual esta crónica é mais alegre que a anterior está no facto de se terem incluído no Marrocos-Portugal, em atletismo, a realizar no próximo fim-de-semana, algumas provas femininas, a título de «extra». Assim, seguiram hoje para Rabat cinco atletas, cada uma das quais participará em duas provas. A Maria Adelaide Marques, do Vitória de Setúbal, concorrerá nos saltos em altura e comprimento; a Céu Lopes, do Sporting, entra nas provas de 400 e 800 metros; a Manuela Simões, do Benfica, no salto em comprimento e 100 metros-barreiras; a Adélia Simões, do Sporting, no peso e disco; e a benfiquista Umbelina Nunes, ainda juvenil, correrá os 100 e 200 metros.

Parece-me uma boa escolha, embora se note a falta da setubalense Amélia Carriço, que tem feito uma época magnífica e é actualmente a nossa melhor corredora de velocidade. Julgo, no entanto, que só terá sido preterida por já estar seleccionada para os Jogos Luso-Brasileiros.

Não deixa de ser grato verificar que o nosso atletismo feminino terá alguma actividade internacional neste mês de Julho, o que é fundamental para o progresso que se deseja. A Federação merece, portanto, os maiores aplausos.



Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

ESTÁ ACTUALIZADO EM PUBLICIDADE?

Então não deixe de inscrever um carro da sua firma na caravana publicitária da próxima VOLTA A PORTUGAL. Mais informações na R. Barros Queiroz, 39-1.º, E.



PROFISSIONAIS COM ESPÍRITO AMADOR

Após o jogo de Colónia que ditou a descida do Nuremberga-Ludwig Müller, muito hirtó, deixa as lágrimas correrem-lhe pela cara abaixo enquanto Leupold leva as mãos ao rosto. O treinador Klötzer conforta este último

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 44 - 8.ª época

RESUMO
CONCURSO N.º 44

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS	1	X	2	(a)
1.	Tirsense-Varzim	55	36	19	5	3	2		
2.	Braga-Salgueiros	90	15	5	8	1	1		
3.	Boavista-Leixões	11	21	78	1	2	8		
4.	Leça-Guimarães	26	36	48	2	3	5		
5.	Sanjoanense-A. Viseu	101	7	2	8	1	1		
6.	Beira Mar-Lamas	97	9	4	8	1	1		
7.	T. Novas-Tramagal	82	21	7	7	2	1		
8.	Oriental-Torrense	55	36	19	5	3	2		
9.	Belenenses-Alhandra	80	21	9	7	2	1		
10.	Atlético-Benfica	14	33	63	1	3	6		
11.	Portimonense-Setúbal	24	30	56	2	3	5		
12.	Lusitano-Seixal	93	16	1	8	1	1		
13.	Luso-Almada	71	26	13	7	2	1		

E o prognóstico lógico será: 112 211 111 2211

(a) - Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

na (VJT) - X12 211 111 2211; Notícias d'Évora (VD) - 11X X11 X21 X111; A Ordem - 112 211 1X1 2211; Passatempo - 11X X1X 1X1 2X1X; Penalti - 222 211 111 2211; Póvoa de Lanhoso (CA) - 212 211 1XX 2X11; Póvoa de Lanhoso - (Desp) - XX2 X11 1X1 2X11; Prog. Electro Mecânico - 11X X11 1X1 2211; A Rabeca - 112 X11 11X X212; Rádio Alitude - X11 211 11X XX11.

Brados do Alentejo - X11 2X1 XX1 2X11; Auto Rádio (RCP) - 112 211 111 2X11; Rádio Placard (ENR) - 112 111 X1X 111X; Rádio Placard (RCP) - 112 111 11X 1112; Rádio Sports - X12 X1X 111 2211; Repórter do Dia - 112 X11 1XX 2X11; Repórter do Dia (Angola) - 1X2 11X 11X 2212; O Sorriso da Hora do Almoço - 12X X21 2X1 X111; Terra Alta - 112 X11 11X X212; Mosaico - 11X 211 2X1 2211; Vamos á Bruxa - 112 111 1XX X21X; Flor do Tâmega - 112 X1X 12X X1X1; Correio do Douro - X12 X11 1X1 2211; Rádio Clube do Norte - 11X 211 211 2X1X; Programa Sem Nome - 11X 111 X21 211X; Resenha Desportiva - 112 211 X21 211X; Norte Desportivo - X12 211 111 2X11; Notícias da Amadora - 112 211 1X1 22XX; Diário de Lisboa - 112 X11 X12 X112; Notícias de Gouveia - 1X2 211 121 X212.

Diário - 112 X11 111 XX11; A Nossa Chave - X12 X11 111 2211; Diário de Moçambique - X12 211 XX1 X21X; Notícias da Beira - 1X2 X11 111 221X; Brado Africano - X2X X11 XX1 2211; Domingo Alegre - 21X 111 111 XX1X; Roteiro Sonoro - 1XX 211 111 2111; Relato F. Português - 221 X21 11X XX12; Relato F. Ronga - 111 211 1X1 2211; Bondiazinho - 1X2 11X 211 XX11; Cidade 69 - 21X 111 22X 2X12; A Tribuna - 212 2X1 XX1 22X1; Diário - 212 111 111 X111; Vamos Jogar no Totobola - 112 X11 X11 XX1X; Onda da Manhã - 11X 112 X12 112X.

Cavalgada do Ritmo - X1X 211 111 2211; Clube Asas do Atlântico (SD) - 112 111 11X 2XX2; Correio dos Açores - 11X 211 1X1 221X; Correio da Beira - XX2 111 111 X211; Comércio de Portimão - 211 211 211 2111; Correio do Vouga - 112 211 111 1111; O Distrito de Setúbal - X21 111 11X 1X11; Ecos de Cacia - 212 211 111 2211; Estrela da Manhã - X12 211 111 2211; Trito de Setúbal - X12 111 221X; Folha do Domingo - 112 211 1X1 X111; Folha de Tondela - 112 211 121 2211; Jornal das Aves - X1X 111 111 1211; Jornal da Lixa - 1X2 111 XX1 1211; Jornal de Sintra - X12 X11 1X2 2211; Jornal do Sporting - X1X 2X2 121 22X1; Lâmbas de Elvas - X12 21X X21 2X11; Notícias de Beja - 11X XX2 111 X211; Notícias de Chaves - 112 211 121 1211; Notícias de Guimarães - 2X2 211 1XX X1X1; Passatempo JJ - X12 XX1 X11 2X1X; Povo Algarvio - X12 211 X11 2211; Rádio Ribatejo - 22X 211 121 22XX; Reconquista - 112 111 111 XXX1; Renovação - X12 211 1X1 1211.

Mundo Desportivo - X12 211 112 1X12; Peça Que Não Maça - X12 X11 X12 XX11; O Telégrafo - 212 211 1X1 2211; O Templário - 1X2 211 121 1X11; A Voz - 212 211 XX1 211X; Voz de Lamego - 212 X11 111 2211; A Voz Desportiva - 111 211 X11 2212; A Voz do Domingo - 112 111 11X X11X; A Voz dos Rádios - 212 111 11X 2111; Aqui Salgueiros - 212 211 X21 X211; Beira Baixa - 112 2XX 211 2X11; Boletim Desportivo - 111 111 111 1111; Cantinho Ricardo Lemos - XX2 X11 1XX X21X; O Comércio de Gaia - 111 X11 1X1 21X1; O Comércio de Gondomar - 111 X11 1X1 21X1; O Comércio de Leixões (DTUP) - X12 X11 121 2211; O Comércio de Leixões (Desp) - 111 211 1X1 2211; O Comércio do Porto - X12 111 1X1 X11X; O Concelho de Estarreja - 111 X12 111 2X1X; Correio de Coimbra - 11X 211 221 1X11; Correio do Minho - X12 X11 111 2X1X; Defesa de Espinho - 112 111 122 X2X1; De Tudo Um Pouco - X12 111 1X1 2211; As Dez, Espere Por Nós - XX2 1X1 XX2 11X1; Diário de Coimbra - 112 X11 112 2X11.

Dos Fracos Não Reza a História - 212 11X X12 211X; Ideal Rádio - X12 X11 1XX XX1X; Jornal do Barreiro - X12 211 1X1 XX11; Jornal da Beira - 112 111 1X1 XX12; Jornal de Notícias - 2X2 X1X 121 1XX2; Jornal do Sul (AD) - 111 211 111 2211; Jornal do Sul (TL) - 11X 211 111 221X; Jornal de Viseu - 112 X11 111 X211; A Lição do Menino Quim - X12 211 1X1 22X1; Litoral - X12 111 121 221X; Momento do Totobola - X12 211 111 221X; Notícias do Douro - X12 211 111 X211; Notícias de Felgueiras (SD) - 1X2 X11 1XX 2211; Notícias de Felgueiras (Tot) - 1X2 211 121 2211; Novidades - 21X 211 11X X211; Notícias d'Évo-

A «CRUZ DE OURO» DO CASA PIA PARA DOIS DEDICADOS «GANSOS»

Dentro das cerimónias comemorativas do 49.º aniversário da colectividade, efectuou-se ontem uma sessão solene na sede do Casa Pia Atlético Clube, a que presidiu o dr. José Francisco Rodrigues, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Entre muitas figuras de relevo na vida casapiana, estavam presentes Joaquim Gama Alves e prof. Cruz Filipe, respectivamente, presidente da direcção e da assembleia geral do Casa Pia.

A Raul de Azevedo

(grande obreiro do «Estádio Pina Manique») e a Manuel de Jesus Arnaldo (actual vice-presidente da direcção) foram concedidas as mais altas distinções casapianas: «Cruzes de Ouro», que galardoam os meritórios serviços prestados ao prestigioso clube que abnegadamente servem.

Realce-se, ainda, a evocação de um belo discurso proferido há 55 anos por Joaquim de Almada, que, na voz actual de Paulo Renato, reeditou a emoção e o sentimento com que fora proferido há mais de meio século.

HOJE, À NOITE

BOXE — no pavilhão da Ajuda — Sessão dos Torneios de Preparação e de Iniciação, às 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — No ringue de Oeiras — Taça Rogério Fuschel: Paço de Arcos Cascais, às 22 horas. Sorteio do Campeonato da 11.ª Divisão, na Associação de Lisboa, às 21 e 15.

TÊNIS DE MESA — Fase final do Campeonato Individual de Juniores, nas mesas do Benfica, às 21.

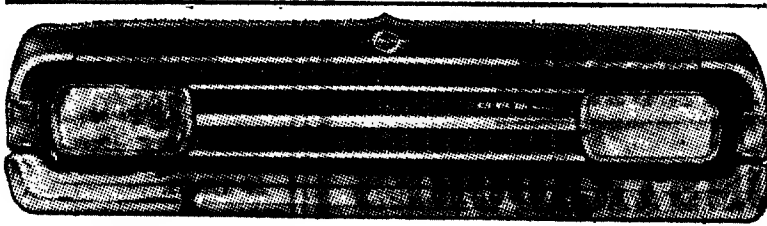
Fase final do Campeonato Individual de Infantis, as mesas do Sporting, às 21.

TIRO AOS PRATOS EM TALAÍDE

O Grupo de Solidariedade Musical e Desportiva, de Talaíde, promove amanhã a realização de um torneio de tiro aos pratos e para o qual foram instituídos valiosos prémios.



SEJA VOCÊ
O
JUIZ



Quando se diz de um carro que as suas características são a TÉCNICA e a ELEGÂNCIA, pode estar certo de que se fala do OPEL REKORD. De facto seria suficiente recordar as palavras de críticas europeias: contudo não é faremos. Preferimos que seja você o juiz do seu carro. Verá que há de encontrar as palavras exactas para definir o CONFORTO, a SEGURANÇA e a extraordinária ELEGÂNCIA do seu OPEL REKORD. A propulsores notou e ar sério e compenetrado dos miúdos quando «gulam» o seu carro?

A TÉCNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU



Um produto General Motors também opo Portugal com assistência técnica em todo o país.

REKORD
4 modelos — 2 portas / 4 portas / Rekord L / Coupé

Sábado desportivo

BASQUETEBOL — Grande Torneio Feminino da A. B. L. (começo da 2.ª volta): C. D. U. L.-Algés e Atlético-Internacional, às 21 e 30; Sintra-Encarnação, às 22 h. — todos nos recintos dos primeiros.

HÓQUEI EM PATINS — Festival da A. Patinagem do Porto, no pavilhão dos Desportos do Porto, incluindo os jogos Porto-Lisboa (em juniores e seniores).

Campeonatos de Lisboa (8.ª jornada) das categorias de infantis, iniciados, juvenis e juniores, nos rinquês de Oeiras, Paço de Arcos, Francisco Adriaes, Al-

valade e Gomes Pereira, a partir das 21 horas.

NATAÇÃO — Trofeu «Luís Alves Miguel» (entre clubes), na piscina do Pedrouços, às 21 horas.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional da Divisão de Honra, penúltima jornada: Sp. Espinho-Nun'Alvares, F. C. Porto-Técnico e Benfica-C. D. U. P. nos recintos dos primeiros, às 21 e 30 horas.

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Santo Tirso-Académica de Coimbra e Fiães-Lisboa Ginásio, nos recintos dos primeiros, às 21 e 30.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES PRÉDIO

EM ODIVELAS
Com 5 e 6 casas assoalh., em prédio de luxo, prontos a fazer escritura. Rua E, à Av. Prof. Dr. Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19.

TRATA:
F. FERNANDES & COSTA, LDA.
Av. Alm. Reis, 104-2.
Tel. 53611/2/3

A LUZAFRICA
Calç. Carmo, 6
Telef. 36 80 80

Contacto



PUBLICIDADE
Telef. 847260



PROPRIEDADES

ANDARES

NO LU-MIAR — 3 boas div. assoalh., excelente panorama, preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Amelxoeira, 47.

TRATA:
Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Telef. 32 00 40/32 81 43

PRÉDIO

POR 1.780 CONTOS: — A Algés, de 4 pisos, frente a evimel, hab. c/ 4 c. assoalh. e 2 c. de banho, 3 inq., rende 124.000\$00.

TRATA: A LUZAFRICA
Calç. do Carmo, 6-2.
Telef. 368080

Dinheiro

s/ prédios

EMPRESA — SK rápida e em boas condições, 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.º hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º Dt. — Telef. 325487 e 370618 (junto à P. da Figueira).

CASAS

para alugar

Procure v. Ex. nos a/cr.órios onde temos sempre variedades andares e to.los para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSI IN-VICTA — Rua do Ouro, 292, 1.º — Telef. 30259-34755

MORADIAS

NA LAPA

Próprias p/ Instalação de Entid. do Corpo Diplomático.

4.200 contos — 20 div. garagem e jardim grande.
12.000 contos — 60 divisões, garagem e grande jardim c/ área 2.000 m2. Bonita vista de mar.
18.300 contos — 56 div. Tipo apalaçado. Garagem. Grande jardim c/ 2.000 m2. Construção c/ 12 anos.

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, Esq. — Telef. 323172-367444

CAPITAIS

Colocam-se com todas as garantias e nas melhores condições hipotecárias

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

Praça da Alegria, 58-2.º — Telefones: 362228-366731-366812

O ANDAR

DA SEMANA

Em QUELUZ: belíssimos imóveis de 2, 3 e 4 boas assoalhadas, chelos de SOL, 2 assoalhadas desde 165 contos, 3 assoalhadas desde 215 contos e 4 assoalhadas desde 230 contos. — Rua Bastos Nunes, Lotes n.º 4, 5, e 7 — TRATA: Rua da Madalena, 182-1.º Telef. 86.75.46

Capitais

TEM CARRO? TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARA SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Visite-nos e depois compare n/ condições. Telef. 86.75.46.

HIPOTECAS

SOBRE PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rapidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

NA COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES



(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre 1.ª hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A maior organização do País

Capital social e reservas 25.000 contos

LISBOA — ROSSIO, 3.º ANDAR (ESQ. DA RUA AUGUSTA) — TELEF. 36 93 84/5/6
PORTO — R. PASSOS MANUEL, 14, 1.º — TELEF. 20344/5/6

PINTORES-

-DEMONSTRADORES

Importante empresa de tintas necessita admitir pintores com profundos conhecimentos de aplicação com o mínimo de 4.ª classe. Boa remuneração e regalias. Guarda-se sigilo. Resposta a este jornal ao n.º 295.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Automóveis

VENDAS:

Stand Patricio

Tem sempre um automóvel para si.
Av. de Berna, 48-A
Telef. 76 42 34

Contacto



ANÚNCIOS

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef. 44846.

Fiat 1500, 1967; Fiat 850 Coupé, 1967; Opel Kadett, 1967; M. G. 1100, 1966; Auto Union F. 102 de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700 de 4 portas, 1965 Simca 1000 G. L., 1965. Fac. troc. e pag.

Vende: MARCELO Av. João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis, Furgonetas e Utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita à nossa casa. Garage Boa Viagem, Lda. Rua Sampaio Pina, n.º 56/60, Lisboa. Telef. 683737.

ALUGUER:



SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50060 — Automóvel Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89.
- 534657 — L. St. Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — A v. Barbosa do Bocage, 1
- 42890 — Fátia Universo, Lda. — Av. República, 26.
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Azeiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539168 — 539345 — B R U-NAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553843 — Auto Argos — Praça Olegário Mariano, 6-D.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de ampliação e remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 6 (Domingo), das 8 às 13 horas, nas seguintes zonas:

Flumenga, Póvoa de Santo Adrião, Bairro dos Sete Castelos, Ponte da Póvoa, Olival Basto, Desvio de Odiveiras e toda a linha de A. T. entre Santo António dos Cavaleiros e Olival Basto.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 3 DE JULHO DE 1969.

O Presidente do Conselho de Administração

Joaquim Dias de Sousa Ribeiro

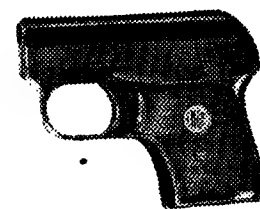
SERVIÇO INTERNACIONAL PORTO - SALAMANCA - MADRID

Horário dos comboios
Comunica-nos a C. P. que desde o dia 1 de Junho são feitas diversas alterações ao Horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

- Linha do Norte
- Linha da Beira Alta
- Linha da Beira Baixa
- Linha do Vouga
- Linha do Dão e Ramal de Aveiro a Sernada
- Ramal da Lousã e Linha de Coimbra a Figueira da Foz (via Pampilhosa)
- Tranvias — Figueira da Foz-Coimbra (via Alfaiões)
- Serviço Internacional — Lisboa - Paris e Porto - Paris
- Tranvias — Porto-Aveiro
- Ramal de Tomar

O pormenor destas alterações consta dos Cartazes-Horários afixados nas estações e nas Secções de Informações ao Público das estações de Lisboa (St.º Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

VIAJA DE FÉRIAS? E LEVA DINHEIRO? VÁ COM SEGURANÇA!



AUTOMÁTICA DE 6 TIROS POR SÓ 199\$00

COLE ESTE ANÚNCIO NUM POSTAL E ENVIE-NOS, OU ESCRIVA, ALÉM DA PISTOLA RECEBERÁ GRATIS 50 TIROS.

LEVA CONSIGO UMA PISTOLA DE ALARME EM-GE DE FABRICO ALEMÃO. ESTA PISTOLA PODE SER ADQUIRIDA À COBRANÇA, E COM SIGILO ABSOLUTO À

«REALMAIFE»

APARTADO 2959 — LISBOA EM ACO, COM 0,300 KG., É A MAIS PERFEITA IMITAÇÃO DA VERDADEIRA E ISENTA DE LICENÇA.

FARINHA, ex-colaborador da firma M. L. FERREIRA terá o maior prazer em receber todos os seus estimados amigos e clientes na



trifar

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 54-B

Telef. 41929 — LISBOA

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-23 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

António Peixinho não poderá correr



ANTÓNIO PEIXINHO

(240 contos) por cada viatura, importância coberta pela organização.

as «Seis Horas de Vila Real»

• Retidas na fronteira franco-espanhola 17 viaturas de concorrentes estrangeiros

VILA REAL, 4. — (Dos nossos enviados especiais Bandeira de Lima e Avelãs Coelho). — Da pacatez dos seus 362 dias de «Princesa do Marão» Vila Real passou para o bulício multicolor do fim-de-semana do seu «Circuito Internacional» e tornou-se na capital do desporto automóvel português.

Nas ruas da cidade e no circuito vive-se já o ambiente das grandes corridas, muito embora o programa de hoje inclua, apenas, treinos para todas as categorias, ou seja, turismo de série, fórmula V, turismo e especiais, G. T., desporto e protótipos (seis horas de Vila Real).

A maioria dos pilotos inscritos deverão estar presentes nas corridas de amanhã e depois, assinalando-se por enquanto apenas a ausência de alguns corredores de segundo plano dos quais o mais importante é Peter Taggart.

Dos portugueses inscritos nas «Seis Horas», António Peixinho não poderá correr

no «McLaren Chevrolet» juntamente com Pierre Siebenthal, já que o carro não pôde ser preparado a tempo, apresentando-se o seu motor com problemas de falta de pressão de óleo.

Por sua vez, na corrida de Turismo e Especiais, há a registar, também, a inscrição do francês J. P. Melleville, em «Porsche 911», da «escuderia» de José Lampreia.

Entretanto, o tempo apresenta-se quente, mas com grossas nuvens, não sendo de admirar que o clima estival se torne menos agradável.

Carros retidos na fronteira

Um incidente burocrático pôs em perigo a participação

ção de numerosos concorrentes estrangeiros, nas «Seis Horas de Vila Real».

Com efeito, por falta de documentação, foram retidos na fronteira de Hendaya, ontem, à tarde, 17 carros, en-

tre os quais se contavam os de algumas «vedetas» da grande prova.

Após várias «demarches», foi possível obter a necessária documentação mediante o depósito de 500 mil pesetas

Quase quinhentas toneladas de peixe e marisco rejeitadas em Abril

A Direcção dos Serviços de Abastecimento da C.M.L. rejeitou durante o mês de Abril, por impróprios para o consumo, quase quinhentas toneladas de peixe e marisco.

Os totais rejeitados em cada espécie foram os seguintes: carnes e produtos derivados, 177 kg; peixe e marisco, 494 057 kg; ovos, 2541; diversos, 10 kg, e criação e caça, 403 peças.

Do mesmo passo os Serviços Médico-Veterinários de Inspeção Sanitária daquela direcção inspecionaram e aprovaram 848 257 kg de carnes e produtos derivados; 4 795 532 kg de peixe e marisco; 359 259 ovos; 338 082 litros de leite; e 211 658 peças de criação e caça.

Fizeram-se 59 vistorias a estabelecimentos e outros locais de venda, preparação, fabrico e depósito de produtos alimentares, 2545 a mer-

cados e outros estabelecimentos e duas a estabelecimentos pela fiscalização móvel, com apreensão de produtos em trânsito transportados em veículos.

No Matadouro Municipal de Aves foram inspecionados e aprovados para consumo 167 466 frangos, galinhas, patos, perus e coelhos, com rejeição de 3997 peças. No Centro Municipal de Inspeção e Classificação de Ovos, a inspeção abrangiu, para consumo público, em fresco, 5 684 898 ovos, e para a indústria 806 024. As rejeições totalizaram 50 815 unidades.

No Matadouro Frigorífico foram abatidas e aprovadas para consumo: bovinos adultos, 5966; bovinos adolescentes, 324; suínos, 10 170; ovinos, 46 117; caprinos, 190; e equídeos, 356. Registaram-se as seguintes rejeições: bovinos adultos, 24; suínos,

19; ovinos, 79; equídeos, 4. Rejeitados parcialmente: 2637 kg.

A Central Pasteurizadora de Leite teve o seguinte movimento: leite pasteurizado para consumo público: em garrafas de litro, 2 388 913; em garrafas de meio litro, 834 484,5; em garrafas de um quarto de litro, 195 466; e em bilhas, 425 060.

Foram ainda feitas 443 visitas pela fiscalização sanitária a estabelecimentos de revenda, venda e consumo.

UM SINAL DE TRÂNSITO INJUSTIFICADO

Há cerca de dois meses, nestas colunas, chamamos a atenção de quem de direito para o facto de não se justificar a existência de um sinal de trânsito, em frente da estação ferroviária de Santos, o qual proíbe que os automóveis possam virar para a esquerda. Acontece que essa proibição não é extensiva aos eléctricos, ficando assim prejudicada a vantagem que adviria da existência desse sinal. Portanto, se o sinal não se justifica, já lá não devia existir.

COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ AOS DOMINGOS

Viaja menos apertado a partir das 11 horas. Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo e havia nevoeiro ou neblina no litoral oeste e em algumas regiões do interior. O vento era fraco.

TEMPERATURAS E EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 34°; mínima: Montalegre e Penhas da Saúde, 4°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 20°; Coimbra, 22°; Lisboa, 19°; Portalegre, 24°; Faro, 27°; Funchal, 19°.

TEMPERATURAS O B SERVIÇAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18°5; na água do mar: 15°8.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco. Condições favoráveis e ocorrência de neblina ou nevoeiro matinal no litoral oeste e nas terras baixas do interior.

Amorém
Nascer às 6 e 18
Ocaso às 21 e 5

Die 6 Die 14 Die 22 Die 29

MARIS:
PREIA-MAR: Die 4 — 7 e 43 (3,7 m); 19 e 58 (4,0 m); Die 5 — 8 e 33 (3,6 m); 20 e 48 (3,8 m); Die 6 — 9 e 27 (3,4 m); 21 e 50 (3,6 m). BAIXA-MAR: Die 4 — 1 e 34 (1,0 m); 13 e 14 (1,2 m); Die 5 — 1 e 56 (1,1 m); 14 e 06 (1,4 m); Die 6 — 2 e 35 (1,3 m); 15 e 08 (1,5 m).

O futuro da família depende dos filhos

Inscreva os seus filhos no Ciclo Preparatório TV, que tem a validade legal do Ciclo Preparatório Directo. Para que, depois da 4.ª classe, possam prosseguir os estudos. E ter um futuro melhor. As matrículas estão abertas até 15 de Setembro, nos postos de recepção. Para mais informações, consulte-nos.



IMAVE

INSTITUTO DE MEIOS ÁUDIO-VISUAIS DE EDUCAÇÃO
Rua Florbela Espinosa — Telef. 76 2865
Lisboa 3

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
EM COLABORAÇÃO COM
RÁDIO-TELEVISÃO PORTUGUESA, S.A.S.L.

MAFALDA SOFIA NO FESTIVAL DE ANDORRA

Na primeira edição do «Festival da Canção de Andorra» participa uma artista portuguesa: a jovem cançonetista Mafalda Sofia, escolhida pela organização do certame, representada no nosso País pelo empresário Artur Pereira.

Mafalda Sofia vai interpretar uma composição de Jorge Costa Pinto. O Festival decorrerá de 21 a 24 do próximo mês de Agosto.

CONVITE PARA O JAPÃO

(Continuação da 1.ª pág.)

terior a 1 de Setembro de 1951 e possuir a cidadania portuguesa pelo menos desde 1 de Março de 1969.

Depois da apreciação das fotografias enviadas, as concorrentes apresentadas ao jurado, em data e local que oportunamente anunciaremos. Será, então, escolhida a jovem que representará o nosso País no Concurso Internacional de Beleza, no Japão,

para selecção da Rainha Internacional de Beleza 1969.

Em Paris, a jovem portuguesa eleita pelo júri, juntar-se-á às representantes de outros países da Europa, seguindo todas num avião da Japan Airlines para a capital japonesa, onde irão permanecer de 28 de Agosto a 17 de Setembro.

Por iniciativa do «Diário de Lisboa», Portugal estará pela primeira vez representado no grande concurso de beleza que levará a Tóquio jo-

vens de todo o mundo para um encantador festival de juventude.

Se nasceu depois de 1 de Setembro de 1951, se é saudável, tem boa presença, personalidade, «charme», beleza de rosto e de figura, preencha, cuidadosamente, o cupão que hoje publicamos e remeta-o, com as fotos, para o «Diário de Lisboa». Quem sabe se será para si este convite para o Japão?

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19 _____
PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____



Recorte este cupão, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores, em formato grande), e envie para «DIÁRIO DE LISBOA» — Selecção da Rainha Internacional de Beleza - 1969 — Rua Luz Soriano, 44 — LISBOA - 2.

à venda nas livrarias
3.º volume
da ENCICLOPÉDIA
DA EMPRESA
MODERNA
Organização
da Produção
EDITORIAL INOVA □ PORTO

SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

MESA REDONDA

Concepções diferentes

JOSÉ MAGALHÃES GODINHO

Extensa comunicação foi feita à Nação, através da Rádio, da Televisão e da Imprensa, acerca das operações do recenseamento eleitoral, de candidaturas e de fiscalização das eleições que este ano se realizarão.

Há pontos dessa comunicação, que, por representarem concepções inteiramente diferentes das minhas, não podem merecer a minha concordância. São alguns desses que vou analisar sucintamente, na certeza de que essa análise é indispensável para que o problema seja conhecido em todas as suas facetas, e se possa, sobre ele, formar uma opinião, assente nas realidades.

Reconhece a comunicação que «nós não podemos fugir ao que somos. É visível a relutância com que os portugueses cumprem as suas pequenas obrigações para com a comunidade e o secreto prazer com que transgridem as regras que a sua dogmática ainda não incorporou».

Se se reconhece este facto como realidade, não se compreende que se não tivesse autorizado a actividade meramente cívica das Comissões promotoras do voto. É certo que se diz na comunicação que os que tivessem direito a voto não poderiam «era ser acorrentados, conduzidos, torçados, ontem à inscrição e amanhã às urnas». Ora, eis aqui uma concepção que se não admite nem se justifica.

Nunca tais comissões pensaram em acorrentar, ou conduzir, ou torçar fosse quem fosse. Elas visavam tão somente a actividade cívica de chamar os cidadãos ao dever de se inscreverem, de prestar esclarecimentos sobre o necessário para se ser inscrito e, depois, reclamar contra as inscrições indevidas ou a falta de inscrição.

Uma tal acção, eminentemente esclarecedora e manifestamente patriótica poderia ter levado maior número de cidadãos a inscrever-se e não tinha, como é por demais evidente, qualquer relação com política partidária. Mas, com esta velha mania de se quererem sempre ver mosquitos na outra banda, entendeu-se o contrário e não se deixou fazer a necessária propaganda cívica destinada a vencer aquela relutância que se reconhece existir nos portugueses.

Por outro lado, diz-se confiar total-

mente na acção das Comissões recenseadoras, quando afinal a comunicação agora feita reconhece que elas, sem a colaboração dos cidadãos, sem que muitos deles não fossem requerer a sua inscrição, não os poderia inscrever!

Apesar disso, apresentam-se números que mostram ter aumentado substancialmente a quantidade de recenseados. É verdade que assim é, mas, não se pode saber até que ponto esse aumento representa maior número de inscritos que o devam ser, pois que

uma vez que não foi autorizada a cópia dos cadernos, não era possível averiguar quem é que estaria inscrito sem o dever estar, já que não era possível saber se só estava inscrito quem tinha direito a estar.

E eis porque, neste aspecto, também a comunicação tem uma errada concepção sobre o autorizar, na fase das reclamações, a cópia dos cadernos.

Enfrenta a comunicação o problema da fiscalização do acto eleitoral afir-

Continua na pág. seguinte

Quatro opiniões sobre «A paz indesejável» de Galbraith



Ler na página 3
o artigo de
Faure da Rosa

EDUARDO PRADO COELHO

«Obra ambígua, que no entanto nos mostra a necessidade da guerra, para um sistema. Falta-lhe uma visão exterior a esse sistema. Assim, é uma obra que leva à apatia pessimista».

GILBERTO RAMOS

«O livro «La Paix Indésirable?» se nos pretendesse mostrar qual o papel que a guerra representa numa sociedade de tipo americano teria bastante interesse, pois não evita levar a sua análise até às últimas consequências. Na medida em que generaliza e nos apresenta as conclusões como se adaptando a qualquer tipo de sociedade torna-se extremamente negativo e anula por completo o efeito positivo que referimos».

JOSÉ ESTEVES

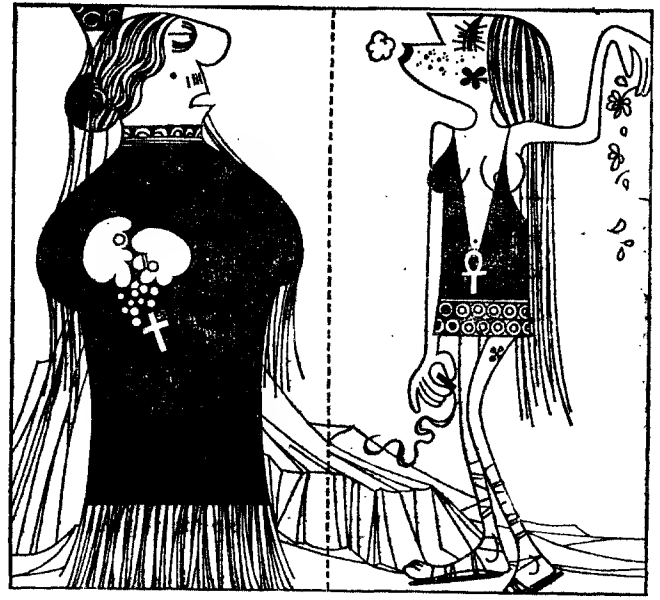
«É um livro terrível, mas deveras estimulante, e a ser considerado no conjunto da obra de Galbraith».

JOSÉ FERNANDES FAFE

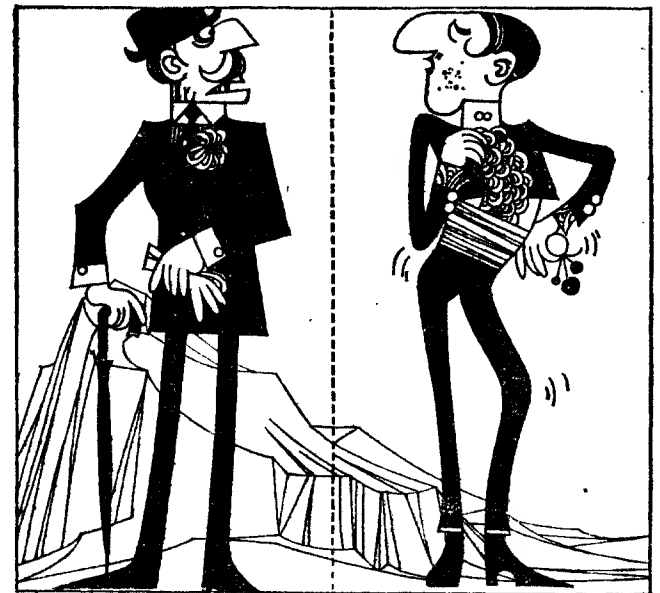
«É um livro que ressurta inteligência... e humor... Quem trata o problema da paz e da guerra não pode ignorá-lo. Mas penso também que generaliza indevidamente. Creio que há sociedades, embora «fundadas na guerra», que com júbilo se vejam livres da virtualidade sempre presente de conflito, por mais difícil que seja a reconversão à paz definitiva ou duradoura».

UM MUNDO FUNDADO SOBRE A GUERRA

DIÁLOGOS GIBRALTINOS



Cidadã espanhola: — Galdéria.
Cidadã britânica: — Val para a tua terra.



Cidadão britânico: — Maricas.
Cidadão espanhol: — Val para a tua terra.



Cidadã britânica: — Galdéria.
Cidadã espanhola: — Val para a tua terra.



Cidadão espanhol: — Maricas.
Cidadão britânico: — Val para a tua terra.

(Desenhos de João Abel)

ASSIM VAI MUNDO

Hora certa

A propósito do lançamento da nave espacial americana «Apolo 10», comentava Nicolas Vichney no «Monde»:

«Habituaamo-nos a tudo. Enquanto há alguns anos se teria considerado extraordinário que um engenheiro espacial partisse à hora marcada, ninguém hoje se espanta por ver o foguetão gigante «Saturno 5» — mais de 100 metros de altura — descolar exactamente no minuto previsto.»

Sim, a N.A.S.A. acertou os relógios, mas isto não quer dizer que não haja, ainda, muitos relógios atrasados.

Pasolini

Interrogado sobre como concilia a sua posição política e a sua afeição ao sagrado, Pasolini respondeu: «Se o meu ideário político é épico, não pode deixar de ser sagrado».

De facto, porque morrem os heróis, se não pelo que lhes é sagrado? A par da Ciência, há a relação vivida com o mundo, onde o sagrado nasce.



Perplexidade

A visita de Nixon à Roménia parece ter deixado surpreendidos muitos comentadores internacionais.

A notícia, além da surpresa, também provocou certo mal-estar e perplexidade nos que, a propósito da atitude romena na reunião comunista de Moscovo, interpretaram a sua atitude independente num sentido de simpatias pró-chinesas.

E é esclarecedor que o órgão jugoslavo «Borba» tenha interpretado o acontecimento como «a abertura de uma nova página no desenvolvimento da coexistência».

Polémica

Roger Garoudy, o conhecido filósofo francês, tem sido várias vezes acusado de direitismo. Pois bem, em recente artigo seu, manifesta-se em clara inflexão à esquerda do autor de «La Liberté».

Num artigo, publicado em «Nuestra Bandera», Garoudy defende uma aliança estratégica entre operários e intelectuais baseada na convergência das aspirações de outros grupos. Ao mesmo tempo, põe as suas dúvidas quanto à viabilidade do caminho parlamentar, constatando que o Parlamento — porque os monopólios necessitam hoje de uma planificação a longo prazo e de uma organização estatal da economia incompatíveis com os acidentes das discussões parlamentares e do controle popular através dos representantes da nação no Parlamento — mas desempenha já o papel importante que foi o seu até há pouco.

A luta eleitoral surge assim diminuída aos olhos de Garoudy, enquanto a luta de massas ganha valor na mais recente análise do filósofo.

Lua

«A guerra fria é hoje um componente do poder económico dos Estados. Schumpeter anunciava o declínio próximo do espírito pioneiro e do gosto da luta que tinha feito o vigor do capitalismo, mas a concorrência entre os regimes políticos veio juntar o seu agulhão ao avelhado regime da concorrência. Consagrando cerca de 10% do produto nacional às despesas militares, o governo americano garantiu à economia uma alavanca que desempenha um papel estabilizador na conjuntura».

Quanto a investigação nuclear deixou de realizar esta função, a corrida para a lua veio oportunamente substituí-lo. A economia americana não quer a guerra quente (todo o

indício de paz no Vietnam se traduz por uma alta em Wall-Street), mas tem necessidade da guerra fria para assegurar a uma fracção importante das suas indústrias encomendas. De certa maneira a América tem necessidade do comunismo, mas não tem necessidade de se bater contra ele.»

(Jan Boissonat, «Esprit»)

A aventura

Diz o escritor «aventureiro» Pierre Mac Orlan, numa entrevista ao «Monde»: «A aventura não existe. É a cenoura à frente do burro. Quando supomos que a vamos apanhar, ela recua um metro. A verdadeira aventura não é uma experiência, mas uma criação da inteligência».

ASSIM VAMOS NÓS

Afirmações

«O Governo tem permitido todas as reuniões políticas destinadas à preparação das candidaturas, em Lisboa, no Porto e na provincia, e concederá, oportunamente, aos candidatos as liberdades necessárias para a propagação das suas listas».

Em exposições chegadas ao Ministério do Interior e subscritas por pessoas responsáveis insistiu-se no dispositivo legal respeitante à fiscalização do acto eleitoral.

Quanto a essa fiscalização é intenção do Governo assegurar aos candidatos a justa fiscalização das operações eleitorais, fiscalização que a lei, de resto, assegura a todos os eleitores, dando as instruções convenientes e promulgando,



do, inclusivamente, as disposições que se julgarem indispensáveis para satisfação destes seus propósitos reiteradamente afirmados.»

(Palavras do sr. ministro do Interior, na sua comunicação ao País, de 27 de Junho último).

Opiniões

«O povo português tem perfeita consciência dos graves problemas internos e internacionais que a Nação defronta. Quer que o Governo os encare, mas não deseja aventuras. Preza a paz e a ordem. Muitas vezes confunde-se a conversa de umas centenas de intelectuais e de políticos com a opinião pública, a opinião profunda popular. E é um erro. O povo português quer, quer, renovação, mas também continuidade: eis tudo.»

(Palavras do sr. Presidente do Conselho, na entrevista concedida ao jornal «La Vanguardia», de Barcelona).

Concepções diferentes

Continuação da pág. anterior

mando que «é intenção do Governo assegurar aos candidatos a justa fiscalização das operações eleitorais, fiscalização que a lei de resto assegura a todos os eleitores, dando as instruções convenientes e promulgando, inclusivamente, as disposições que se julgarem indispensáveis para satisfação destes seus propósitos reiteradamente afirmados».

Muito bem. Simplesmente, as instruções que deverão ser muito úteis, não chegam. É de facto indispensável promulgar disposições legais assegurando a fiscalização. A que é concedida agora, e apenas aos leitores, não chega. Sei, por experiência própria, que, salvo raríssimas excepções, nas anteriores eleições não tem sido consentido aos eleitores fiscalizar o acto. Mais, nem sequer se lhes autoriza a permanência na assembleia eleitoral, depois de terem votado.

Por duas vezes, em 1953 e em 1958, quis permanecer na minha secção de voto — que funcionava no Liceu Camões — para fiscalizar o acto, pois a mesa não me consentiu ficar depois de ter votado, nem antes de o ter feito. O que aconteceu comigo, sei-o, aconteceu com centenas de eleitores por esse País fora. Só, pois, a existência de delegados eleitorais dos candidatos, devidamente credenciados, com imunidades e direitos próprios definidos e garantidos na lei — e não em simples instruções — poderá assegurar uma fiscalização capaz, justa, total. O resto é pura música celestial, que a nada de prático e concreto conduzirá.

De resto, a fiscalização não é um favor a conceder por qualquer Governo, é um direito de todos os candidatos, pelo que não pode estar ao arbitrio, ou entregue à boa vontade dos governos através das instruções que dêem, e que, como instruções a nada obrigam, mas tem de estar clara e completamente estabelecida e regulamentada na lei. A fiscalização só poderá ser convenientemente assegurada se se publicarem as disposições legais que desde 1949 venho reclamando — sem que ninguém até hoje fosse capaz de rebater os meus argumentos, e que se encontram indicados no meu livro de crítica à legislação eleitoral.

Diz ainda a comunicação que «se as oposições se contêm nos estritos limites dos círculos e se formam para pôr ao eleitorado uma simples opção de candidatura, o Governo não tem mais do que presidir, na plenitude da sua independência, ao acto eleitoral. Se, pelo contrário, a estratégia escolhida pela oposição conduzir à concentração de uma força unificada para a confrontação global das estruturas constitucionais ou da política do Governo, é evidente que o acto eleitoral será substancialmente transfigurado, sofisticado, revestindo o carácter plebiscitário do regime ou do executivo e desencadeando necessariamente a reacção indispensável para defesa da Constituição ou a contestação governamental das teses que afrontam a sua política. O modelo especial de oposição que pretende alterar a natureza do sufrágio comprometendo-se em actos simplesmente re-

vindicativos e estimulantes revolucionários, nunca considerará livres as eleições, pois a liberdade que realmente deseja essa oposição está prejudicada pelas regras do jogo e pelos textos legais que presidem ao funcionamento normal das instituições e à defesa da ordem».

Há aqui, salvo o devido respeito, muita e lamentável confusão. A circunstância de os círculos eleitorais serem tomados pelos distritos administrativos, não quer, não pode significar, que os deputados não sejam representantes da Nação. As suas atribuições não são — basta ler a Constituição para o saber — restritas aos problemas do seu distrito. As leis respeitam a todo o território e, como é óbvio, são acto político por excelência. Ora são os deputados, e só eles, quem faz as leis. São os deputados quem pode alterar a Constituição, e a próxima Assembleia Nacional a eleger, tem poderes constituintes. Logo, são problemas de estruturas políticas e de administração, de governo, pois, que os candidatos têm de mostrar estar aptos a tratar na Assembleia Nacional. Uma campanha eleitoral não pode, pois, circunscrever-se ao círculo e apenas para uma simples opção de candidatura que mais se assemelharia a uma opção de pessoa.

Não, a opção tem de ser de política geral e administrativa. E isto nada tem de revolucionário ou contra a Constituição. A Assembleia Nacional, depois da Constituição de 1933, já alterou esta mais de uma vez, e uma das mais significativas alterações foi a que modificou a eleição do Chefe

do Estado, que deixou de ser por sufrágio directo. Ora, julgo que ninguém poderá acusar a Assembleia que o fez de ter desrespeitado ou violado a Constituição, pois que ela agiu dentro dos seus poderes e, todavia, esse foi um dos actos políticos de maior transcendência.

A campanha eleitoral tem de que ser — como todas o devem ser — franca, honesta, digna. É um erro, que vem perdurando nestas últimas décadas, partir do princípio que preconiza modificações constitucionais e estruturas políticas ou económicas, é um acto revolucionário, de subversão, contrário à Constituição.

Pelo contrário é um acto cívico, é um acto político sim, mas pacífico, leal, honesto, pois mostra que é por meios constitucionais, e não de violência, que se pretende evoluir, modificar. Acto de subversão, acto contra a Constituição, acto revolucionário, praticam aqueles que proclamam que nada se poderá modificar, «nem com votos nem com tiros», como já houve quem o proclamasse um dia, esquecendo-se que os países devem ser governados pelas instituições que os seus filhos livremente escolherem e que, tal como Salazar mesmo o reconheceu em 1945, não se pode governar sistematicamente contra a vontade de um povo.

Esta matéria prestar-se-ia a largas considerações que não podem caber no âmbito dum artigo de jornal, por isso, ficamos por aqui.

JOSÉ M. GODINHO

Um mundo fundado sobre a guerra

FAURE DA ROSA

Discutido - discutível e com o seu quê de ambigüo, o livro «A Paz Indesejável», de Galbraith, levantou celeuma nos E. U. Trata-se do Relatório elaborado por um grupo especial de estudos que alguém — decerto ligado às entidades de Washington — teria encarregado de analisar o problema da paz e da guerra. É a paz possível? Se possível, desejável?

São anónimos os componentes do grupo. Um deles, John Doe — um pseudónimo — o responsável pela publicação, dá-nos a garantia da autenticidade. Já no-la o prefaciador, Galbraith, um economista de nome e prestígio incontestado que conta

entre os seus discípulos o presidente John F. Kennedy: «Da mesma forma como tomo pessoalmente a responsabilidade da autenticidade deste documento, posso testemunhar da justeza das suas conclusões.»

Também o rigor com que foram estabelecidos os critérios de estudo fundamentais nos prepara para aceitar a seriedade do texto: o da objectividade e da renúncia a toda e qualquer ideia ou hipótese preconcebida e o da extensão, isto é, onde se tome em consideração todos os factores, mesmo aqueles que transcendem os que podem ser medidos ou quantificados. «Nós não pretendemos ter descoberto o sistema infalível para medir esses factores — afirma John Doe — mas fizemo-los sair

da categoria dos elementos intangíveis... e transportámo-los para o mundo dos factos objectivos.»

Em contrapartida, não raro deparamos com o sarcasmo ou a ironia que poderão mergulhar o leitor numa certa perplexidade. Daremos, resumidamente, o contexto do livro que, a despeito de toda a crítica em que seja justo envolvê-lo — e não é uma crítica que nos propomos fazer — contém aspectos notoriamente esclarecedores.

IMPORTÂNCIA DA INDÚSTRIA DE GUERRA

A indústria de guerra do mundo representa 1/10 da produção total da economia mundial. Assim se compreenderá que a passagem para a

paz não seja um problema a ser resolvido de modo tão simples quanto o pretendem aqueles autores que até hoje apresentaram projectos de reconversão económica e cenários de desenvolvimento. Entre outros, o mais grave erro em que se enredam esses autores consiste em considerar que a guerra está subordinada ao sistema social que ela própria tem de defender. Ao contrário, «ela é a base da organização sobre a qual estão edificadas todas as sociedades modernas.» Ao invés do que se supõe, são os sistemas económicos e as filosofias políticas que se subordinam à guerra, e não esta àqueles. Só aparentemente as guerras representam pugna de interesses económicos ou ideológicos. São outras

as suas funções mais importantes e mais profundas. Uma sociedade fundada sobre a guerra, foi por ela dominada; não a conduz, por ela é conduzida e estruturada. Desconhecendo ou menosprezando estas realidades, os autores referidos circunscreveram-se, nos seus trabalhos, aos aspectos mecânicos da transição.

As funções não-militares da guerra coexistem 1) com a economia, 2) com a política, 3) com a sociologia, 4) com a ecologia e, por último, 5) com a Cultura e a Ciência.

1) É a economia de guerra que a indústria, a do aço em particular, deve os seus progressos. As despesas de guerra, «se as encarmos sob o ponto de vista pragmático, têm influído favoravelmente no crescimento do produto nacional bruto e bem assim no da produtividade nacional.» É significativo que durante a 2.ª Guerra Mundial o nível de vida se tenha elevado.

2) A realidade política de uma nação, em face de outra nação, funda-se na sua capacidade de fazer a guerra, isto é, no seu poder militar. É através dele que as nações asseguram internamente a sua autoridade.

3) A ameaça que a máquina de guerra de outras nações constitui, fortalece a coesão social indispensável à existência de cada nação. As instituições militares, por outro lado, como elemento repressor e de «controle», contrariam ou neutralizam as tentativas anti-sociais, ao mesmo tempo que, através das incorporações, constituem verdadeira válvula de escape por onde se escoam os elementos «inutilizáveis» da sociedade: «O Exército permanente da Europa de há 50 anos era formado por homens inaptos para qualquer profissão normal no comércio, na indústria ou na agricultura, conduzidos por oficiais inaptos para dirigir qualquer empresa.»

4) A tendência para matar o próximo é característica particular do homem — verificaram-no os etnólogos. Expressão social dessa tendência, a guerra procede a uma selecção ao contrário da natural, de efeitos genéticos regressivos, dando que, na guerra, é exactamente o mais forte quem morre. O uso das armas nucleares poria fim à destruição desproporcionada dos membros mais fortes da espécie (os guerreiros). Falta apenas ter em conta os efeitos da radioactividade pós-nuclear. A guerra garantirá o equilíbrio ecológico entre as populações humanas e os recursos de que dispõe.

5) Nas sociedades primitivas, as danças guerreiras constituem a expressão artística de maior



J. K. GALBRAITH
(Desenho de David Levine)

importância. É no tema da guerra, da exaltação das qualidades bélicas que a literatura, a música, a pintura e a escultura têm encontrado frequentemente as suas expressões mais significativas. Por outro lado, atente-se, provém já da antevisão de um mundo sem guerra a arte abstracta, a emoção gratuita.

A GUERRA IMPULSIONADORA DO PROGRESSO CIENTÍFICO

A guerra é também a grande impulsionadora do progresso científico, além de que, como estabilizador de conflitos entre gerações, permite às mais velhas manter o seu «controle» sobre as mais novas, destruindo-as se necessário.

Uma transição para a paz implica, portanto, a necessidade de encontrar substitutos para as funções não-militares da guerra.

São os seguintes os requisitos a que eles devem obedecer:

Na economia, um substituto da guerra exigirá um consumo de riqueza igual ao das despesas militares. E de tal maneira que lhe seja possível manter-se independente do tipo de economia normal da oferta e da procura.

Um substituto político deve encerrar a existência de uma ameaça externa que influa, sobre cada sociedade de tal forma que leve à aceitação da autoridade política.

No campo da sociologia, terão de ser criadas instituições capazes de controlar e dominar os grupos anti-sociais e de

Continua na pág. 9

Inquerito

Que entende por «esquerda» e «direita»?

Ao nosso inquérito, «Que entende por Esquerda e Direita?» — de que publicámos já depoimentos do prof. Cabral Moncada, dr. Nuni Rodrigues dos Santos, dr. Armando Bacelar e prof. Henrique Martins de Carvalho — respondem hoje três personalidades distintas e bem conhecidas: a dr.ª Esther de Lemos, escritora e deputada; a eng.ª Virginia Moura, figura política de destaque, e o prof. Adelino da Palma Carlos, antigo bastonário da Ordem dos Advogados e director da Faculdade de Direito de Lisboa.

Dr.ª Esther de Lemos

Há uma evidente baralhada. Mas saber o que essas palavras significam, isso ainda sabemos

A questão faz-me lembrar a velha anedota que o espirituoso Max contava com tanta graça:

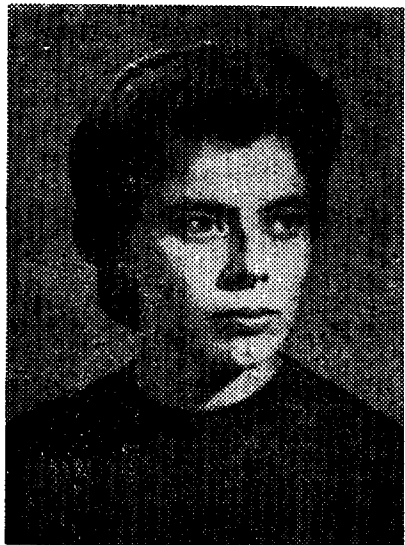
— O 31, qual é a tua mão direita? E como o recruta bisonho não atinasse com a resposta, o sargento, pegando-lhe alternadamente em cada uma das manípulas, repetia muitas vezes:

— A direita é esta, a esquerda é esta!

E acabada a explicação: — Ora diz lá agora, 31, qual é a tua mão direita?

Ao que o pobre rapaz respondia confuso: — Não sei... O meu sargento baralhava-as!

Eu julgo que nós sabemos o que é esquerda e o que é direita. Mas que tenhamos dúvidas a esse respeito e venhamos perguntar se os termos ainda conservam o mesmo valor que lhes conhecemos é caso na verdade para pensar e talvez para responder como o 31 da



anedota: Qual é a esquerda? Qual é a direita? Já não sei, o meu sargento baralhava-as.

Há, com efeito, uma evidente baralhada. Um sem-número de especiosas distinções casuísticas. Uma dança de concessões e cedências e restrições mentais que esbatem dia a dia as claras e escuras fronteiras que há vinte ou trinta anos separavam a esquerda e a direita. Mas saber o que essas pa-

São as seguintes as perguntas do inquérito:

I — A noção de Esquerda e Direita mantém ainda hoje a sua significação tradicional?

II — Terá ela o grau de rigor suficiente para continuar a ser utilizada na prática política?

Com estas perguntas quis o «Diário de Lisboa» esclarecer as noções de «esquerda» e «direita», recentemente consideradas pelo Presidente do Conselho «de sentido muito equívoco».

lavras significam, isso ainda sabemos.

Não se trata, é claro, do sentido original dos termos. Quando hoje dizemos esquerda e direita já não pensamos nos extremos de uma turbulenta assembleia — a esquerda marcando a oposição ao Governo, ao que está, a direita afirmando a sua fidelidade e apoio às instituições, às vezes inquinada ou suspeita de lisonja ao poder constituído.

As palavras têm destinos singulares. Da estreiteza semântica a que pareciam votadas, essas designações de posições relativas no espaço material, passando primeiro a rótulos de partido, chegaram a uma ampliação de significado que hoje para nós abarca uma perspectiva da sociedade, uma imagem do poder, e até já uma atitude moral e estética perante a vida.

Da prática política sei pouco ou nada. Mas creio na verdade que esquerda e direita já não servem, sem mais nada, para fins de recenseamento eleitoral ou divisão partidária. No fundo, estão talvez do mesmo lado todos os que acreditam serena e corajosamente na sua verdade, todos os que não transigem por comodismo — afinal todos os que aguentam a responsa-

Continua na 3 pág.

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL COM DEPARTAMENTOS EM LISBOA, PORTO E PROVÍNCIA

pretende admitir para a sua Direcção em Lisboa

DIRECTOR FINANCEIRO

1 — FUNÇÕES:

na dependência hierárquica directa da Administração e nos domínios CONTABILÍSTICOS E FINANCEIRO:

- 1.1 — definir as políticas a seguir;
- 1.2 — estabelecer e coordenar os processos de trabalho;
- 1.3 — determinar os meios necessários;
- 1.4 — controlar a aplicação das medidas estabelecidas;
- 1.5 — assumir actividade consultiva e de estudo, aos níveis a que for necessário.

2 — EXIGE-SE:

- 2.1 — licenciatura em Finanças ou em Ciências económicas e financeiras;
- 2.2 — sólida experiência financeira e contabilística empresarial;
- 2.3 — bons conhecimentos de questão geral empresarial;
- 2.4 — experiência anterior de chefia;
- 2.5 — alto grau de maturidade emocional;
- 2.6 — competência e gosto para o trabalho em equipa;
- 2.7 — idoneidade moral.

3 — PREFERE-SE:

- 3.1 — licenciatura em finanças.

4 — OFERECE-SE:

- 4.1 — vencimento anual de 221 a 260 contos, conforme «curriculum vitae».

5 — RESPOSTAS:

- 5.1 — em carta manuscrita pelo próprio;
- 5.2 — acompanhada de «curriculum vitae» muito bem detalhado;
- 5.3 — acompanhada de «referências profissionais»;
- 5.4 — a enviar a este jornal ao numero 294.

viagens ITT

A PREÇOS REDUZIDOS

Férias agradáveis e económicas, incluindo passagens aéreas de ida e volta, transporte ao Hotel, quartos com banho privativo e visita das cidades.
Mínimo — 7 dias Máximo — 30 dias

	Desde		Desde
AMSTERDAM	5.360\$00	FRANKFURT	5.300\$00
BASEL	4.660\$00	ISTAMBUL	7.475\$00
BEIRUTE	8.580\$00	LONDRES	3.860\$00
BRUXELAS	4.900\$00	MOSCOVO	11.220\$00
BUDAPEST	6.460\$00	PARIS	4.230\$00
CATANIA	5.740\$00	ROMA	4.920\$00
EDINBURGO	5.090\$00	VARSOVIA	7.570\$00
ESTOCOLMO	8.390\$00	ZURICH	4.810\$00

CONDIÇÕES IDÊNTICAS PARA 50 OUTROS DESTINOS
organizações MULTITUR

LISBOA	
AGÊNCIA DE TURISMO MOÇAMBIQUE Av. Ant.º Augusto de Aguiar, 9 Telef. 4 71 15/6 - 53 58 13	E. PINTO BASTO & C.ª, LDA. Praça Duque da Terceira, 20-26 Telef. 36 15 81 - 36 86 59
SOC. COMERCIAL GARLAND, LADLEY, S.A.R.L. Rua do Cais do Sodré, 24 Telef. 3 31 91/5 - 32 04 41/5	SOC. COMERCIAL GREY, ANTUNES & C.ª, LDA. Praça Duque da Terceira, 4 Telef. 32 22 71 - 33 25 55 - 36 93 46
PORTO	
GREY & BARRROS LEITE, LDA. Rua Infante D. Henrique, 83-1.º Telef. 2 89 06 - 3 30 50	TAIT & C.ª, LDA. Rua Infante D. Henrique, 19 Telef. 2 10 07 - 2 72 96

ou na sua Agência de Viagens

ANDAR

ALUGA-SE

Com 400 m2 em 2 grandes salões. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nas lojas) — Telef. 324350.

O preço do óleo de mendubi é o dobro da cotação internacional?

SOVENA: «DIFERENÇA MAIS APARENTE QUE REAL»

Na ultima reunião do Conselho Geral da Corporação da Pesca e Conservas foi feita a afirmação de que o óleo de mendubi é fornecido aos conserveiros pelo dobro da cotação internacional. Isso levou a «Sovenas», que praticamente detem o exclusivo dos fornecimentos do óleo de amendoim à indústria das conservas de peixe, a enviar uma circular aos seus clientes em que dá as seguintes explicações:

«1 — A relação de preço entre o óleo de mendubi nacional e o estrangeiro com a mesma garantia de genuidade, excelência de qualidade e embalagem, não é por forma nenhuma a de 2 para 1.

2 — Quem, desprevenidamente, analise as cotações internacionais poderá colher uma impressão errada; mas quem já alguma vez importou, sabe bem que o «óleo de mendubi» oferecido a essas cotações, é, em geral, uma mistura de óleos diversos, de qualidade discutível, não refinados ou apenas desacidificados, alguns dos quais

nem sequer são alimentares, em face da legislação portuguesa.

3 — Sabe-se também que tais cotações se referem a partidas em geral volumosas para óleo em tanque CIF portos Norte da Europa, o que é muito diferente do produto despachado posto à porta das fábricas de conservas, em tambor a devolver, como é oferecido pela indústria nacional, que toma sobre si todo o encargo da «estocagem» e «distribuição», e de tal forma que a entrega é feita tambor a tambor, à medida que os barcos chegam com pesca

4 — Se existir alguma diferença de preço entre o óleo nacional e estrangeiro, ela é de facto mais aparente que real, pois todas as vantagens que a indústria nacional oferece à conserva (qualidade irrepreensível, genuidade garantida, entrega pronta, à porta da fábrica e apenas à medida das necessidades do dia-a-dia, retoma das taras, facilidade de pagamento, e outras) também têm seu preço.»

«DIFERENÇA ENORME!» OPINIÃO DOS INDUSTRIAIS

A propósito desta circular entramos em contacto com elementos responsáveis da indústria conserveira, cuja opinião dominante pode sintetizar-se do seguinte modo:

Nenhum industrial de conserva tem importado óleo de amendoim desde há já muitos anos porque não lho têm permitido, uma vez que a Junta Nacional dos Azeites tem negado sistematicamente quaisquer licenças de importação, sob a alegação de que há produção nacional suficiente. Mas, fizeram-no noutros tempos e a qualidade do óleo que então importavam de várias proveniências era excelente e não deveria conter misturas pois e até, por imposição legal e com o objectivo da sua utilização nas conservas poder ser detectada, se lhe tinha de adicionar uma certa percentagem de óleo de germe, antes da sua saída da alfândega. Aliás, os fabricantes de conservas marroquinos e espanhóis, nossos concorrentes, não utilizam o óleo da «Sovenas» E concorrem...

Além disso, sabe-se que uma firma portuguesa não conserveira fez uma importação de óleo de mendubi sem curar de obter a licença prévia. Esta não lhe foi concedida e teve de entregar a mercadoria (para evitar maiores prejuízos) à «Sovenas». Ora, se esta

ficou com esse óleo, é porque se não tratava de mistura de óleos de qualidade discutível.

Relativamente aos outros aspectos da circular os conserveiros afirmam: que a diferença de preços é de tal ordem que o valor das taras perdidas não tem qualquer significado; que as facilidades de pagamento se resumem à entrega contra pronto pagamento com 1% de desconto, tendo o pagamento de ser efectuado dentro de três dias, prática aliás contrária aos hábitos comerciais; que a vantagem da entrega à medida das necessidades do dia-a-dia pode não interessar a todos porque alguns preferirão o inconveniente de uma imobilização que representará um bom emprego de capital; que a «Sovenas» não nega haver uma diferença de preços entre o óleo nacional e o óleo estrangeiro. Poderá ter havido um pequeno exagero na fórmula sintética utilizada pelo presidente da Corporação. Mas, ela é enorme. Um exemplo: os conserveiros espanhóis compram o óleo na base de esc. 9\$00/9\$50 CIF, enquanto aos conserveiros portugueses o pagam «à porta da fábrica» a esc. 15\$45.

Assim, o preço pelo qual os conserveiros espanhóis pagam o óleo corresponde a 62% do que se paga entre nós.

Meditações

Transcrevemos três de dezasseis «meditações sobre uma Mesa-Redonda...», editorial da revista bimestral «Óleos & Sabões», do Grémio Nacional dos Industriais de Óleos Vegetais, seus derivados e equiparados.

XIII

Completo oitenta anos, em 23 de Agosto, o nosso Código Comercial. «Reforme-se» o Código Comercial... Atingiu o limite de idade legal há dez anos! «Reforme-se» o Código Comercial. Uniformizem-se, pelo menos, os balanços e, através deles, cuja publicação deve ser obrigatória, analisem-se as empresas... Legisla! de forma a que o País progrida rumo ao futuro, mas rumo a um futuro próximo, um futuro que não demore quatro décadas!...

XIV

Em 1888, considerava-se «velho» o Código Comercial Português, em vigor desde 18 de Setembro de 1833! Tinha cinquenta e cinco anos. O actual, repetimos, tem oitenta... Alguém disse que os portugueses entram na vida de «marcha atrás». «Chelos» de um passado grandioso, mas «vazios» de um futuro melhor... Não esqueçamos que, a cantar os feitos heróicos dos varões ilustres, Camões, o Épico, morreu na miséria.

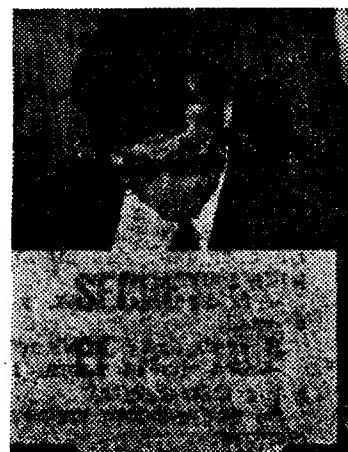
XV

Para que nós próprios não morramos na miséria, deixemos a «poesia do passado» e «colhemos com realismo» o futuro. Ajamos! Ajamos depressa!

«Efta-Tuc»

«EFTA-TUC» é a comissão sindical da zona europeia de trocas livres. Foi criada em Fevereiro de 1968. Em Abril de 1969 tomou parte, como observador, na reunião do comité consultivo da EFTA (Associação). O número dos seus membros é de cerca de 14 milhões, repartidos por 5 países da EFTA e organizados nas federações nacionais de sindicatos.

Os centros nacionais de «EFTA-TUC» consideram, para a defesa dos interesses que representam, não poder aguardar, tranquilamente, decisões políticas quanto à integração europeia mais larga. O seu secretariado instalou-se em Bruxelas, trabalhando em estreita ligação com a «confederação europeia dos sindicatos livres na Comunidade» (C. E. E. — mercado comum). Segundo M. I. Graham, secretário da «EFTA-TUC», esta é uma importante condição prévia para a realização concreta da integração europeia futura.



O DRAMA DA HABITAÇÃO EM LISBOA

Habitação económica... mas habitável

AQUILINO RIBEIRO MACHADO

Que o problema da habitação assume entre nós aspectos de particular gravidade, a pedir imediata atenção e solução, prova-o o colóquio que decorre actualmente na capital. E prova ainda a oportunidade da série «O Drama da Habitação em Lisboa», que iniciámos no número anterior, com um artigo introdutório do arquitecto Francisco Keil do Amaral. Hoje publicamos um estudo do eng. Aquilino Ribeiro Machado, que tem trabalhado em sectores da administração ligados a assuntos habitacionais, com que estabelece algumas coordenadas para a habitação económica.



O décimo censo gera da população data de 1960, já lá vão quase dez anos. Desde então, os problemas habitacionais que, «grosso modo», por seu intermédio, foram dimensionados não cessaram de se agravar. Os défices de carência nessa altura assinalados tudo indica que sejam hoje mais graves do que naquela época. No entanto construíram-se muitas casas, o Município de Lisboa levou a efeito um número apreciável de habitações para as classes mais desfavorecidas e certas entidades de carácter oficial ou semioficial deram o seu contributo para que os bairros de Olivais se efectivassem. Feito o cômputo de todos os fogos desta ou daquela maneira realizados, subsistem, porém, muitas dúvidas quanto a ter-se sequer atingido o défice de reposição, ou seja o quantitativo necessário a absorver o crescimento natural da população e o saldo migratório proveniente de outras regiões do País. O censo do próximo ano permitirá apurar, ao certo, a situação em que nos encontramos. Até lá os indicadores disponíveis não deixam grande margem para optimismos.

Uma medida justa em princípio mas condenável na aplicação

Tal como em 1960, a grande maioria dos que precisam de uma casa não se encontra em condições de pagar as rendas correntemente praticadas no mercado livre. A solução que melhor os poderia satisfazer seria a das habitações económicas se o contingente destas tornasse acessível a sua obtenção. Dado porém o estado de carência, compreende-se que as entidades por detrás da sua construção tentem satisfazer em primeiro lugar as situações consideradas mais urgentes. Regra geral, a preferência na escolha recal-

sobre as famílias numerosas. Se o princípio, em si, parece justificável, não deixa, no entanto, de revestir-se de alguns inconvenientes sérios. Por via dele assiste-se, com frequência, a uma sobreocupação dos fogos, que estariam bem longe de poder comportar, em condições satisfatórias, tão grande número de habitantes. Quando num bairro económico, uma percentagem considerável das casas se encontra nestas condições a estrutura da população que o constitui é manifestamente desequilibrada e daí surgirão, em cadeia, numerosas dificuldades de solução mais ou menos difíceis. Assim, por exemplo, o equipamento escolar será objecto de uma sobrecarga violenta durante os primeiros anos para, em seguida, com o envelhecimento da população se cair numa quase rareficação das salas de aula. O mesmo se passará, de certo modo, com

medores descerá conseqüentemente e as lojas entrarão numa fase de reajustamento e dificuldades.

Justa, por conseguinte, em princípio, a medida que tende a preferir as famílias com maior número de filhos, a sua aplicação exclusiva revela-se contraproducente e até condenável. Que mais não seja porque cerceia aos casais jovens, numa fase da vida em que mais precisariam de apoio, a ajuda apreciável de uma renda barata.

É evidente que a maior parte dos que contribuem para o elevado défice carencial da cidade não podem estar interessados noutro tipo de habitação que não seja a económica. Todos aqueles que vivem em casas de ocasião, em locais sem as indispensáveis condições de salubridade e segurança, ou em sublocações, apenas o fazem por não encontrarem outra forma de resolver o problema, compatível com as suas posses. — Mas não apenas com o défice carencial isto acontece.

Não é suficiente uma casa ser barata...

Uma percentagem predominante do défice de reposição situa-se também em termos equivalentes, já que uma boa quota-parte do saldo fisiológico saído do défice carencial e a quase totalidade do fluxo migratório interno não dispõem de meios para fazer frente às rendas do mercado.

De uma forma implícita admitiu o Governo através do Decreto-Lei 42 454 que as necessidades de habitação económica

— Um alargamento de área escolhida a locais mais periféricos, se os alugueres dentro da mesma excederem o estabelecido.

— A aceitação de um fogo de qualidade, já mais baixa, embora ainda com o número de divisões previamente fixado, se a extensão de área tornar os transportes aos centros de interesse e de trabalho demasiado longos ou onerosos.

— A resignação, por fim a um outro tipo de casa com menos divisões, se não obstante a última cedência não foi possível encontrar o que se pretendia.

— Este é «mutatis mutandis» o caminho habitual que todos seguem sujeito a variações de maior ou menor amplitude, consoante as peculiaridades de cada um. Sem grande margem para erro pode afirmar-se que a renda varia na razão directa do número de divisões e da qualidade do edifício e na razão inversa do seu afastamento aos principais centros urbanos.



o equipamento comercial. A medida que as camadas mais jovens vão abandonando as casas dos pais, a densidade do sítio decairá, aos poucos. O número de consu-

se cifrariam em 70 por cento de todos os fogos a construir. Este valor se por alguma coisa peca é por defeito. De facto, se se atender aos rendimentos médios dos grupos familiares que constituem a população de Lisboa e se se tiver em conta que, uma vez saldado o aluguer, o dinheiro remanescente deverá permitir fazer face às necessidades alimentares, aos transportes, etc. — verificar-se-á, sem sombra de dúvida, que tal relação se não confina aquele valor.

Não basta porém reconhecer este estado de coisas, há que assentar ideias quanto à natureza das casas económicas a construir. A simples condição de economia não lhes atribui, por si só, qualidades bastantes. Impõe-se dotá-las com os requisitos indispensáveis para que a sua utilização resolva efectivamente os problemas dos locatários que a elas se destinam.

O que se exige de uma casa: renda compatível e habitabilidade satisfatória

O que se exige pois, de uma casa? Em primeiro lugar que a sua renda seja compatível com as possibilidades de pagamento disponíveis e em segundo que permita uma habitabilidade satisfatória. Face a estas exigências de ordem tão elementar a procura de uma habitação obedece esquematicamente aos seguintes passos:

— Uma tentativa para descobrir em determinada zona da cidade uma casa com o número de divisões suficientes, para albergar a família, não ultrapassando um nível de renda compatível com os seus recursos

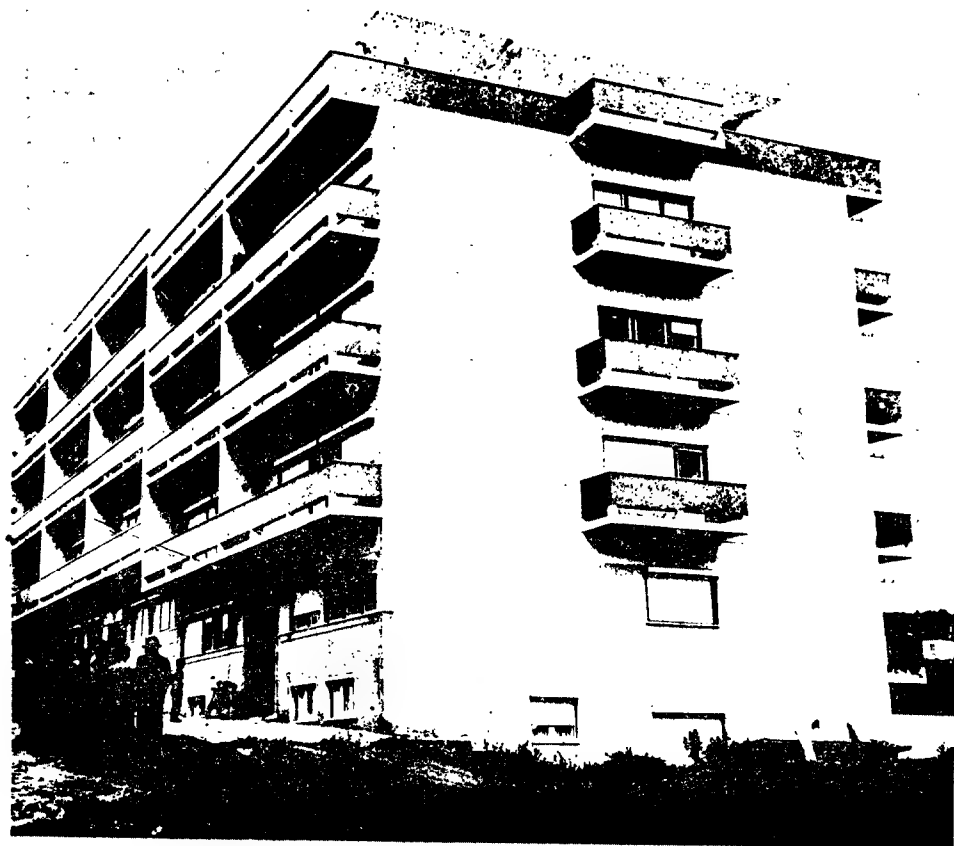
O fenómeno tende, de resto, a acentuar-se à medida que a cidade se satura.

Dai a elevada população flutuante — cerca de 90 000 — que todas as manhãs acorre dos arredores e que ao cair das tardes, findo o trabalho, retorna em massa aos pontos de partida.

Insensivelmente, excepto certas manchas onde a propriedade horizontal veio refrear este pendor, as habitações da cidade são cada vez mais exíguas, quer em áreas quer em número de divisões. Esta situação traduz um começo de esgotamento das possibilidades construtivas de Lisboa e revela também não terem os meios de retribuição da procura acompanhado a subida dos custos do sector.

Contribuindo, de certo modo, para este quadro e apenas no que toca à reedificação de zonas já urbanizadas, certas normas e regulamentações administrativas se, por um lado, impuseram alguma disciplina, por outro, mercê da rigidez como foram interpretadas, favoreceram também o predomínio dos fogos pequenos. E' por exemplo o caso da redução das profundidades de esplanada com vista ao desaparecimento dos quartos interiores. Os prédios muito fundos tinham geralmente saletrosa onde mal luzia a claridade e guão. Esse saguão era, na maioria dos casos, uma espécie de cisterna bafienta e onde nunca entrava o sol. Impunha-se acabar com ele tal como era uso até aí. E em nome disso proibiu-se a sua existência pura e simplesmente. Praticou-se assim uma daquelas curas que para vencer o mal começam por matar o doente. — Seria legítimo perguntar se, num clima mediterrânico como o nosso, com verões intensos e prolongados, o malfadado saguão, convenientemente dimensionado e

Continua na pág. 11



Sementes de liberdade

URBANO TAVARES RODRIGUES

A escola pode ser ou não ser para a criança e para o adolescente um meio de desabrochar.

Se for sentida como um duplo da família, contra a qual o jovem normalmente se revela, na crise quase inevitável dos doze, treze anos, representará um obstáculo, um travão à independência; se souber, porém, integrar os interesses extra-escolares, desenvolver harmonicamente no adolescente a reacção de imitação e a reacção de oposição, ambas necessárias à sua formação, enriquecendo-o a primeira por assimilação, a segunda pelo esforço de resistência e procura de originalidade, então tornar-se-á uma estrada de libertação.

São sobretudo as crianças pobres, os filhos das classes deserdadas que encontram na escola, quando o professor favorece tal euforia, uma emocionada satisfação, que os liberta da miséria do seu ambiente familiar. A escola pode então substituir a festa ritual de que tais crianças estão privadas.

Ocorrem-me estas considerações a propósito do maravilhoso pequeno grande livro-obra de Maria Rosa Colaço «A Criança e a Vida».

Diz-nos a autora, no seu luminoso, humilde e veemente prefácio:

«A escola que me deram não era um desses poéticos lugares, brancos e cheios de flores com que sonhamos no fim do curso: era um velho primeiro andar de uma rua suja de sal, pregões e humidade. Os rapazes que me deram também não tinham nada de comum com esses meninos de bata branca, normais nos primeiros dias de aula e que as mãezinhas nos entregam como se fossem porcelana (...) Vinham dos barcos ancorados no cais, do bairro da lata, de sabe-Deus-donde. Traziam nas mãos, em vez de mala e livros — não sei porquê, mas traziam — folhas de plátano e ramos de amendoeira florida. O Outono dourava-lhes os cabelos (...) Olhei-os também em silêncio. Um por um. Longamente. Depois peguei na régua que o director acabara de oferecer-me como apito e dei-a ao que me pareceu mais velho: Tomal! Vai atirar fora. E depois, não sei que lhes disse. Mas a fome de ternura era neles como o sol, a chuva e o desconforto. E como éramos primários, pobres e sózinhos, estabelecemos desde aquela hora um entendimento lucido e discreto.»

Maria Rosa Colaço, a vulgar pelos resultados quase prodigiosos da sua sementeira estética e humana, logrou, mercê de uma generosa ternura e de uma intuição raríssima, extrair da infância mais humilhada (mas ao mesmo tempo plétórica de seiva, desordenada, despreconceituosa, limpa de tabus) florações tão vivas, dolorosas, emocionadas e emocionantes como este poema, que se intitula «Dia de Natal»: «Tristeza vai-te embora/Tristeza pequena morte/Chega a noite vai-se o dia/ e assim há-de desaparecer este pobre diabo/ que sou/ com calças rotas/ camisola cosida/ Esperavas um milagre nesta gas não tas deram/ Bem feito/ para não acreditares em anjos.» Ou este milagre de encantação, de absoluta magia lírica: «Os meus passos são de flores/ Eu, uma vez pisei o sol: mas não o magoei/ porque os meus pés são pequeninos.»

Uma parte do livro consta de breves histórias contadas pelos meninos pobres desta Escola Fraternidade e transcritas pela pena diligente e comovida de Maria Rosa Colaço. É o caso da «História para uma Bolinha Amarela», de «A Terra e o Mar», etc. Porém, a maioria das composições são-nos apresentadas como originais. E não lhes falece a graça do verbo. Algumas seriam mesmo possíveis canções. Lindas como «Os Meninos Tristes»: «Não andem tristes/ Vamos passear pelo jardim/ No jardim das rosas/ eu sempre dou de comer aos pintainhos amarelos/ De olhos azuis/ penas brancas/ pés pretos/ São os meus irmãos/ andaremos alegres/ se formos ao jardim passear./ E depois lá foram/ brancos limpos e verdes/ Todos abraçados.» O nome da autora, tal como figura no livro, é Victor-do-sorriso-bom.

Põe-se, entretanto, naturalmente uma pergunta: mercê de que esforço, ou de que milagre, podem crianças e adolescentes, ricos embora de experiência, emocionalmente despertados, servir-se com desenvoltura certa de uma linguagem por vezes refinadamente poética, linguagem culta, flexível e de qualidade musical bem patente em versos como «Que sorriso débil o da criança!» ou «A sua linguagem é ainda despercebida/ mas o seu sorriso torna-se cada vez mais denso.» E ainda, por exemplo, em: «E dou-te este poema solitário/ numa noite de origem e de rosas.»

Surgem duas hipóteses: ou a de uma intervenção correctora (que seria menos leal para connosco, leitores) ou — e é esta a hipótese que prefiro e perfito, até por supor Maria Rosa Colaço incapaz de

uma contrafacção, ainda que movida pelo amor — a de uma espécie de lavagem do cérebro, à custa de sucessivas, insistentes, contínuas injeções de poesia, susceptíveis de criarem no auditório infantil não só um tecto com vocábulos e metáforas pendentes, ao alcance das suas mãos, mas ainda, e sobretudo, um estado poético conducente ao acto da criação. Esta hipótese francamente plausível, integra-se num género de experiências hoje largamente praticadas nos Estados Unidos em cursos de assimilação rápida e até utilizadas, como meio de doutrinação política acelerada, na China Popular.

Por sobre tudo isto o segredo maravilhosamente simples que foi por certo o da empresa vitoriosa de Maria Rosa Colaço adivinhamo-lo num entranhado e estimulante respeito, ou melhor, entusiasmo pela liberdade alheia.

Pode, à primeira vista, parecer quase incompatível esta afirmação de liberdade com a suspeita da prática que grosseiramente capitulámos de lavagem ao cérebro. Mas é que tal aprendizagem da poesia em doses maciças presume-se que tenha sido aceite, ou escolhida, por um grupo de jovens contagiados por aquele mesmo entusiasmo da mestra e para os quais a poesia, com o seu indispensável instrumental lógico e fónico, ia precisamente tornar-se uma via de liberdade.



A renovação pedagógica

JORGE CRESPO

O intenso desenvolvimento tecnológico dos últimos anos, determinando profundas transformações na sociedade, provocou, também, uma autêntica revolução cultural, que teve grande repercussão no sistema educativo, na organização escolar e nas finalidades da própria educação.

As exigências técnicas dessa rápida evolução, uma nova visão do mundo e diferentes concepções de vida não só exigiram a extensão da educação a um maior número de pessoas, como sugeriram a necessidade de adaptar a escola a um conceito de homem completamente diferente daquele que a pedagogia e a cultura tradicional tinham em consideração.

A juventude, a quem, em princípio, a educação se destina, sofreu uma mutação, tanto no aspecto qualitativo como a nível quantitativo, passando a apresentar características que põem em questão métodos de ensino que já se não coadunam com o momento actual.

Surgiram pois, inevitavelmente, vários esforços no sentido de uma renovação pedagógica mais de acordo com as exigências e as concepções referidas.

O prolongamento da escolaridade, a adaptação do conteúdo do ensino às particularidades do mundo moderno, a educação permanente, o equilíbrio entre os ensinamentos teórico e prático e novos métodos de formação de professores foram alguns dos aspectos encarrados para a pretendida adaptação.

A resolução destes problemas coincidiu com o aparecimento de novas técnicas de ensino, definindo outros objectivos pedagógicos e baseadas em princípios diferentes daqueles que apoiavam a chamada pedagogia tradicional.

O progresso visado com estas alterações não tem sido, no entanto, suficientemente visível porque obstáculos difíceis de transpor impossibilitam a realização de uma tal pedagogia. Continuamos, mesmo, a assistir, com uma certa amargura, à desvalorização do ensino. Porque, embora as novas

técnicas pedagógicas sejam muito atraentes e, em muitos casos, aplicáveis, as escolas continuam a ser os edifícios gigantescos e frios que conhecemos, percorridos por pessoas abstractas, vivendo um clima de impossível realização humana. Porque os professores perdem-se na escravidão de uma vida profissional, envenenada por uma máquina burocrática que tudo prevê, decide e controla.

No meio de tudo isto, os jovens vão existindo, decorando as suas lições, fazendo os seus exames, procurando libertar-se, o mais depressa possível, do pesadelo de ser aluno e, de vez em quando, gritando uma inadaptação que põe em causa todos os níveis de uma rígida hierarquia escolar, incluindo os próprios professores que, afinal, deveriam ser os companheiros mais assíduos e mais próximos dessa juventude.

Depara-se-nos, assim, uma escola cada vez mais longe de satisfazer os que, num momento fundamental da sua vida, dela esperam o melhor — um clima de relações humanas propício à solidariedade, ao desenvolvimento da personalidade, à livre iniciativa, à aprendizagem da participação e da responsabilidade, à aptidão para agir no sentido da transformação de uma sociedade conscientemente planeada, solidariamente construída.

A verdade é que as novas técnicas pedagógicas que homens, como Freinet conceberam não solucionaram o problema. No entanto, esta verificação não invalida, de modo algum, o valor e o alcance do trabalho desses pedagogos, mas foi um incitamento para novas buscas.

Foi, a partir desta preocupação que, por exemplo, surgiram as pesquisas de um grupo de professores — o grupo de «pedagogia institucional» — que definiram a impossibilidade da aplicação dessas modernas técnicas, com os resultados ambicionados, sem que determinadas relações continuassem falseadas. Nenhuma alteração da actividade educativa teria, efectivamente, significado se não

fosse encarada uma revisão muito profunda da atitude do professor, fundamentando, assim uma relação mestre/aluno vivida em moldes radicalmente opostos àquelles que têm sido aceites até agora.

Considera-se, na verdade, que a modificação desta relação constitui o passo mais importante para uma renovação pedagógica encetada com a devida profundidade.

Todavia, esta mudança implica uma revisão bastante lucida da própria posição do professor, que pouco terá a ver com o conhecimento de uma boa técnica, mas, sim muito, com uma forma verdadeira e corajosa de ele se assumir perante si e o mundo que o rodeia. Seria esta, a base da preconizada pedagogia não-directiva. Se acreditarmos que o professor se coloca, ainda hoje, numa posição de partida, de domínio sobre o aluno, baseado na sua idade, na sua experiência e na maior soma de conhecimentos, se pensarmos que ainda há a tendência do professor para julgar o aluno como alguém que nada tem, que precisa de saber como ele sabe e que, para a passagem de uma situação para a outra, ele é a ponte de «salvação», compreendemos como é difícil a alteração desta relação.

De facto, é preciso aceitar que o aluno traz, para a escola, algo mais do que o seu corpo e uma memória mais ou menos disponível para reter o que o mestre lhe vai dar. Ele leva consigo as suas aptidões, os seus desejos, os seus conhecimentos, os seus projectos, que precisam de ser confrontados com outros projectos, incluindo os do próprio professor. E será, através desta convivência de experiências, do confronto de personalidades, da reciprocidade destas relações que, uns e outros, professores e alunos, realizam as suas próprias experiências, minam essa incrível burocracia e constroem a sua vida.

Aguardemos, mas actuando, a prometedora contribuição desta ideia para a dignificação da função educativa.

A função social da crítica

MODERADOR — Natália Correia: o que pensa da crítica literária em Portugal?

NATÁLIA CORREIA — De um modo, não direi geral, mas bastante amplo para prejudicar a cultura, a nossa crítica parece, por vezes, mais empenhada na promoção de autores, ou na sua inscrição em listas negras, do que em participar lucidamente de uma produção literária cujos contrastes e variedades são exigidos por uma cultura dinâmica. Também me parece injusto considerar isto como efeito de uma estratégia da desonestidade, o tal intercâmbio de grupos, de capelas de que se fala. Penso que seria preferível que esse efeito que a nossa crítica reflecte fosse consequência de uma desonestidade, visto que esta é facilmente desmascarável, porque não tendo princípios nem escrúpulos não é sólida.

O crítico ideal

O pior é que tudo isto obedece a uma terrível honestidade. Refiro-me à honestidade do crítico em relação ao seu sistema, à sua verdade. Os autores que são captáveis pelos conceitos do crítico passam por ser génios, ao passo que obras com cujo valor a nossa cultura muito teria a lucrar são sistematicamente ignoradas. Claro que é inevitável o crítico ter o seu sistema. O crítico ideal seria o que podemos classificar de tridimensional, o que partisse de uma subjectividade aderente, que seria a simpatia moral de que fala o Prado Coelho, que depois dispusesse de instrumentos filológicos e científicos para uma análise da obra, e que finalmente dela extraísse um juízo. Como isto é impossível, teremos de encetar a hipótese de uma simultaneidade de sistemas diferentes. Em França, por exemplo, um Barthes não anula um Poulet e vice-versa. Mas acontece que dada a exiguidade do nosso meio literário, os sistemas são também bastante escassos. É talvez aqui que se geram os tais grupos de pressão. Isto leva a que comparem insistentemente perante o público os autores cujas obras são afilhadas da ideologia do crítico. Como os sistemas são poucos, os autores, assim, também são poucos...

As táticas restritivas de consciência extraliterária, que têm um rótulo, e que me são francamente antipáticas, juntam-se e essas pressões que se desenvolvem no próprio seio da actividade literária. O mais estranho de tudo é que as



peças que justissimamente repudiam essas táticas de pressão externa, são indiferentes àquelas que se produzem no próprio âmbito da literatura. Isto parece-me absurdo por uma razão: se, de facto, uma política errada pode afectar a cultura, esta não afecta menos a política. Não creio que de uma cultura que não subentenda a liberdade possa sair ideias que estructurem uma liberdade política.

Os perigos da ambiguidade

MODERADOR — Pergunto se algum dos presentes deseja acrescentar alguma coisa ao que disseram sobre a crítica literária — com os seus pontos de vista diferentes — o Eduardo Prado Coelho e a Natália Correia.

MÁRIO CASTRIM — Exactamente porque todos nós estamos mergulhados num clima que proporciona todos os perigos dessa armadilha, que é a ambiguidade, dado que estamos perfeitamente fartos das carapuças que constantemente nos põem, sem nos podermos defender delas, fardos de uma confusão, cuja destruição é a própria finalidade da crítica, peço à Natália Correia o favor de exemplificar, tanto quanto possível, as suas afirmações.

ALBERTO FERREIRA — Creio que o Eduardo Prado Coelho está certo quando diz que uma das razões pelas quais não é possível o exercício da crítica é o facto de os críticos não poderem ter um estatuto ontológico, quer dizer, a possibilidade da sua existência e não apenas, entendendo-se, no sentido profissional, estatutário. É necessário que a profissionalização do crítico seja acompanhada de condições de existência da crítica e do crítico. Não apenas condições pecuniárias; mas também de liberdade, de formação científica, de autonomia reflexiva, honestidade intelectual, coragem, meios de acção, etc. A tudo isto creio eu que se deva chamar *profissionalização*. Julgo ser este o conceito de Eduardo Prado Coelho.

Uma situação revoltante dos críticos

Relativamente à sua intervenção como crítico, falando da sua experiência, há um facto que me parece importante sublinhar: ali onde ele diz que a sua actividade depende de uma falta de tempo enervante e a crítica lhe aparece como um apontamento de fim do dia, e muitas vezes sente necessidade de exercer actividade criativa, mesmo no plano da crítica diária, quando, na verdade, essa tensão criadora deveria ser compensada em momentos de repouso em horas necessariamente consagradas à elaboração reflexiva. Este facto denuncia a situação muito concreta do crítico, contra a qual nos devemos revoltar. Outro aspecto da sua intervenção me parece significativo, e que eu gostaria que ele esclarecesse adequadamente:

Mesa-redonda (segunda parte) em que intervieram Alberto Ferreira, Eduardo Prado Coelho, Fernando Conduto, Mário Castrim, Natália Correia e Rocha de Sousa



O objectivo desta mesa-redonda — cuja primeira parte foi publicada no número anterior deste Suplemento — é esclarecer o papel da crítica no bom funcionamento de uma sociedade. O debate nas esferas da literatura e da arte visa a fazer um balanço à actividade crítica nesses domínios, nos quais há uma certa experiência, maior do que no domínio político e social, onde a actividade crítica se nos afigura, pelo menos, diminuta.



é o fenómeno da produção artística. Evidentemente que eu entendo o que seja produção artística e também compreendo o que seja o seu consumo. No entanto, tenho a convicção de que enquanto uma coca-cola, um maço de cigarros, etc., são mercadorias, o livro é um produto — mercadoria bem diferente do maço de cigarros ou da coca-cola. A produção literária e artística tem de se diferenciar necessariamente da produção industrial. Por outro lado, é evidente que tem de haver distinção entre produto e criação intelectual.

Ficou em mim alguma dúvida quando o Prado Coelho afirma que a preocupação estética se refere principalmente a aspectos técnicos da produção. Será que a crítica estética se reduz a uma análise técnica? Este termo «técnico» não estará aqui a subsumir alguma coisa de importante que escape à actividade do crítico? Creio que sim. Acerca da intervenção da Natália Correia, estou profundamente de acordo com o último aspecto que ela focou, ou seja o problema da liberdade. O problema da liberdade não é apenas um problema filosófico e um problema jurídico: é o problema do próprio ser do homem. Creio que o homem nasce dialécticamente livre, determinado, portanto, por condicionamentos que lhe são exteriores e por outros que lhe são internos, mas toda a sua acção é subjugada por essa condição de liberdade substancial. Se tal liberdade for iludida por pressupostos, por táticas, por excessiva fidelidade a concepções doutrinárias, é evi-

dente que o crítico deixará de ser livre ele próprio, esmagando a liberdade ao criticado.

M. CASTRIM — Se, como diz Alberto Ferreira, o homem nasce livre, eu proponho para já que se elimine o combate à sífilis...

Um «venerando» e um «neófito»

N. CORREIA — Respondendo a Mário Castrim, que me pediu para precisar o que disse há pouco. Existe uma crítica rigorosamente orientada por uma estética realista e daí saem valorizados os autores que se adaptam a esse conceito. Posso dar outros exemplos: o João Gaspar Simões valoriza aqueles autores que eu considero meramente literários ou literatos. Isto para me referir a um venerando. Para falar de um neófito, o Gastão Cruz: ele funciona entre marcos, o marco do autor magistral ou do autor detestável.

Todos os seus julgamentos obedecem a estes padrões. No meio só há silêncio. Isto são pequenos exemplos... Eu não nego o direito aos críticos de terem os seus ídolos, todos os têm. Mas é preciso tomar em conta toda uma complexidade dialéctica que se move dentro desses marcos do sublime e do detestável.

EDUARDO PRADO COELHO — Respondendo ao Alberto Ferreira, quero dizer que é muito complicado o problema da profissionalização. A profissionalização de pessoas ocupadas de actividades marginais e que não tenham uma função social reconhecida por determinadas sociedades é um problema muito vasto e com implicações muito grandes. Esta profissionalização tem um perigo: o da integração do crítico num sistema. No entanto, este perigo é o que todas as profissões correm. Já é um bom passo conseguirmos uma certa profissionalização, por agora, e vermos depois os problemas que daí advêm. Outro perigo é o da auto-institucionalização do crítico. Fazem-me muita impressão todas as pessoas que estão convencidas de que são aquilo que são. Em relação ao

tempo, citando, por exemplo, o caso do Oscar Lopes, os textos que ele publica no «Comércio do Porto» não são textos de ordem jornalística e têm uma função dentro do jornal que é inadequada, parece-me, dentro de qualquer jornal. Os meus próprios textos são por vezes, embora procure variar, o registo de tons, algo herméticos, de acesso difícil. Isso deriva precisamente de um problema de tempo.

Aspectos literários ou políticos?

Em relação ao problema estético, ideológico, técnico, isto para mim tem uma ordem mais geral, que está ligada a uma certa perspectiva pessoal. Para mim, toda a obra de arte estabelece uma passagem entre o reino da liberdade no interior do reino da necessidade, para empregar termos relativamente conhecidos. Essa passagem, ou melhor, a forma como a arte estabelece a necessidade dessa passagem, verifica-se simultaneamente ao nível político e ao nível



moral. Em diversos níveis, no nível estético, no nível erótico, no nível lúdico e no nível político, essa passagem verifica-se. Toda a minha crítica procura articular esse sistema de passagens e esse sistema de níveis. O estético aparece aqui precisamente a justificar a necessidade da passagem, que se verifica em determinado aspecto. Nesse sentido, todos os outros problemas que normalmente se consideram estéticos são para mim do tipo técnico.

nico, quer dizer, do tipo de promoção de formas, de articulação de formas, de estruturas. Quanto a mim, os aspectos literários que, por exemplo, João Gaspar Simões procura salientar nas suas críticas são apenas aspectos ideológicos, políticos, morais, etc., a que chama literatura, mas que correspondem a uma ideologia muito caracterizada. Há ainda um problema posto pela Natália Correia. Todos os críticos têm as suas obsessões inevitáveis. No entanto, parece abusivo dizer que a estética realista tem determinadas limitações, em relação à imaginação, por exemplo. Em relação ao Oscar Lopes parece-me que existe uma compreensão desses aspectos que valoriza, dentro do que considero e do que o Oscar Lopes considera uma estética realista, considerando, evidentemente, as divergências.

N. CORREIA — Estou inteiramente de acordo, se entendermos que uma estética realista é limitada. Eu referia-me mais a uma estética realista académica, que você sabe tão bem como eu qual é.

MODERADOR — Rocha de Sousa, uma pergunta paralela à que fizemos a Prado Coelho. Da sua actividade crítica no «Diário de Lisboa» que lições extrai quanto à necessidade da crítica e à dificuldade da missão do crítico?

O que deve ser a crítica

ROCHA DE SOUSA — Depois das intervenções dos presentes, de certo modo longas, tenho uma certa dificuldade em coordenar as próprias ideias.

Entre nós tem havido, da parte dos chamados críticos de arte, uma preocupação de reivindicar exaustivamente a sua profissionalização. Discordo fundamentalmente com essa atitude. Tem sido tomada, das suas incidências numa actividade que tem de ter uma função social bem definida. Falar da profissionalização da crítica de artes entre nós acho que é bastante difícil, na medida em que os próprios artistas ainda não encontraram a plataforma da sua própria actividade. *Cont. na pág. seguinte*

A crítica... criticada

Cont. da pág. anterior
pria profissionalização. Parte-se daqui para uma situação equívoca em que os críticos começam a dominar determinadas situações que os próprios artistas ainda não dominaram.

Quanto ao problema da técnica do escrever nos jornais, que também aqui foi focado, eu acho que a crítica de arte entre nós é feita sem possibilidade de uma prospeção histórica aprofundada e não é, por assim dizer, ensaística, é essencialmente jornalística no sentido imediato do ter-



mo. As rectificações que se lhe podem fazer já devem pertencer a uma assimilação no plano colectivo de que a própria crítica é agente. Esta necessidade do crítico se debruçar sobre os objectos, sobre a hora, em jornais que não órgãos específicos da matéria, tem muita importância, na medida que a crítica deve circunscrever-se a uma acção esclarecedora. A crítica deve ser, sobretudo, neste caso, informativa e formativa. Estas preocupações normalmente estão fora da acção das pessoas, que procuram exercer uma actividade pessoalista, buscando criar uma obra a partir dos pró-

prios objectos, alheando-se muitas vezes de um mergulho nas condições de existência dessas obras e do seu funcionamento mais complexo.

MODERADOR — Fernando Conduto, que pensa da crítica de artes plásticas em Portugal?

«Escolha de campeões»

FERNANDO CONDUTO — Há que duvidar seriamente de qualquer crítica que se pode definir por «meras afirmações não justificadas». A inexistência de plataformas que possibilitem uma série e adequada avaliação dos fenómenos artísticos, integrada no panorama geral da cultura portuguesa, tem vindo a favorecer um grupo, que pretende impor-se como classe. Embora se digam membros de uma associação internacional, tal afirmação não constitui «certificado de garantia», pois o facto de se situarem na frente de uma paisagem humana impreparada, possibilita-lhes criar as próprias regras do jogo, e de se imporem como dirigentes. Esse grupo de críticos (Rui Mário, Gonçalves, José-Augusto França, Fernando Pernes e um outro recém-aparecido, fortemente acelerado, F. Bronze) é produto do mesmo cadinho, escolheu a tarefa mais fácil: a promoção de autores, troca de galhardetes, e escolha de campeões. O que sai para o público com o rótulo de crítica de arte é sempre uma fórmula de auto-suficiência e de análise daquilo que não está implícito nem explícito no objecto que lhes serve de pretexto. Estranho comportamento.

Durante um certo tempo estabeleceu-se

uma troca viva de pontos de vista marginais ao tema, visando principalmente a responsabilidade dos que são simultaneamente professores, artistas e críticos, em que intervêm Fernando Conduto e Rocha de Sousa. Dada a segurança e «tecnicismo» da linguagem usada, pensamos que a transcrição de tal «momento de duelo», um tanto privado, não traria vantagens ao leitor. Em todo o caso, este e outros problemas poderão ter verdadeiro interesse quando devidamente debatidos em mesa-redonda adequada.

M. CASTRIM — Afastei-me-nos um bocadinho deste problema e voltemos a assuntos há pouco tratados. Quero referir-me à humilhação com que aqui se tratou da crítica e de seus vários aspectos. Essa humilhação chegou a ser franciscana. O Alberto Ferreira, e depois o Rocha de Sousa, condenaram a projecção do eu na crítica, considerando que era condenável na medida em que consistiria na utilização do objecto para construção pessoal.



Suponho que isto não estará talvez bem dentro das realidades humanas, na medida em que a crítica, para além de exercer uma função social, exerce também uma função de construção pessoal. É indubitável que a crítica permanece muitas vezes para além da morte do próprio objecto, e se é verdade que todos ainda hoje lemos com imenso gosto um Ramalho Ortigão, um Queirós, um Fialho de Almeida, etc., é porque eles souberam utilizar a crítica não só como uma função social, mas também como uma forma de construção pessoal.

O outro problema que queria focar era o da profissionalização da crítica. Parece-me que ela teria interesse na medida em que permitisse a exclusividade da acção do crítico.

Como deve ser entendida a TV

MODERADOR — A Mário Castrim vamos pedir que nos fale da sua experiência crítica no campo específico dessa importantíssima comunicação de massas que é a Televisão.

M. CASTRIM — Esta actividade é importante para mim na medida em que me possibilita um contacto de massas com milhares de pessoas, que a todo o momento são alvo dessa portentosa arma que é a Televisão. A função fundamental da crítica de televisão consistirá numa luta contra a evidência, ou seja, levar os tais espectadores a reagirem perante a sua passividade e considerarem a televisão como alguma coisa que tem de ser compreendida e não como alguma coisa que tem de ser engolida por inteiro. A crí-

tica funciona em relação às ideias como os preços dos produtos numa sociedade de consumo. Os preços são as avaliações dos produtos, as críticas são a avaliação das ideias expressas. O que se passa na Televisão não é bem o que lá está. Há uma outra realidade, a fé de daquela realidade superficial do pequeno «écran». Por exemplo, um pequeno apontamento de reportagem pode incluir uma intenção de propaganda de guerra-fria ou de determinada maneira de viver. Vejamos uma série em que o elemento intelectual e o escritor, o artista, o sábio, aparecem como tipos efeminados, complexados, enquanto que o bom é sempre o bonito, o fofoquinho, o saudável, o que não põe problemas mas que age. Há uma intenção de desvalorizar o artista, o que pensa, em função da valorização do herói e dos seus músculos.

Um outro problema que se põe em relação aos leitores é o de considerarem alguns a minha crítica destrutiva. Os que se referem à «crítica construtiva» querem com isso significar a crítica que aceita o sistema e comenta apenas os aspectos superficiais dentro desse mesmo sistema.

MODERADOR — Como esta intervenção de Mário Castrim é apenas a introdução a uma próxima mesa-redonda, que faremos sobre os problemas da Televisão, eu passaria a outro assunto, verificando que quer Natália Correia, quer Fernando Conduto se mostraram pouco contentes com a forma como é exercida a crítica, nos seus respectivos sectores, no nosso País. Eu pergunto se isto significa de algum modo, que eles estão contra a crítica, contra a actividade da crítica?

N. CORREIA — Eu não tenho nenhum menosprezo pela crítica, que é apreciável, quando não é uma sobreposição egotista à obra de arte, mas um receptáculo puro e livre que põe em causa todas as transformações dialécticas que a obra sofre no seu trânsito do autor para o leitor. A crítica é feita pela obra, é uma consequência desta. Mas em muitos casos completa-a. O que condeno — repito — não é a existência de sistemas, mas a exiguidade dos sistemas que não permite que a obra seja enriquecida por dela se extrair todas as linhas de força que impulsionam um cultura viva.

F. CONDUTO — Penso que uma actividade crítica é fundamental, mas isenta, diversificada, integrada no



no nosso contexto cultural, com fortes raízes na realidade sociológica. E, naturalmente, apoiada num sistema de carácter científico.

MODERADOR — Creio que chegámos ao fim da nossa mesa-redonda. Se mais nenhum dos presentes deseja usar da palavra, podemos encerrar aqui o debate.

(MODERADOR: JOSÉ FERNANDES FAPE).

Os direitos do cidadão português

DIREITO À INTEGRIDADE PESSOAL

Como vimos já, diz-se no artigo 8.º da Constituição Política da República Portuguesa:

«Constituem direitos, liberdades e garantias individuais dos cidadãos portugueses:

1.º — O direito à vida e integridade pessoal.»

A segunda parte deste preceito constitucional é ainda uma consequência do respeito pela dignidade humana. Aqui já não é só respeito pela vida, mas o respeito da integridade pessoal nos seus aspectos físico, psíquico e moral. Num sentido amplo, o respeito da integridade pessoal abrange todo o respeito pela personalidade e portanto contém em si outros direitos que são enumerados no artigo 8.º: direito ao bom nome e reputação, direito à liberdade física, etc., mas num sentido mais restrito o respeito pela integridade pessoal implica, fundamentalmente, a proibição de toda e qualquer espécie de violência física, psíquica ou moral. O artigo 70.º do nosso Código Civil preceitua que a lei protege os indivíduos contra qualquer ofensa ilícita ou ameaça de ofensa à sua personalidade física ou moral, podendo a pessoa ameaçada ou ofendida requerer as providências adequadas às circunstâncias do caso, com o fim de evitar a consumação da ameaça ou atenuar os efeitos de ofensa já cometida. Esta protecção legal abrange mesmo as pessoas já falecidas, cujos familiares poderão requerer as providências adequadas contra qualquer ofensa. E ainda segundo o artigo 255.º do Código Civil a coacção tem como consequência a nulidade dos actos praticados nessa situação.

A lei atribui aos pais o direito de corrigir moderadamente os seus filhos. Mas este direito pertence tão-só aos pais, daí que seja ilícita a aplicação de castigos corporais por quaisquer outros superiores.

O Código Penal pune os crimes de ofensas corporais, ameaças, violação, atentado ao pudor, estupro, etc., e ainda os crimes de prisão ilegal, captura irregular, rigor ilegítimo contra presos, impedimento do exercício dos direitos políticos, quer sejam cometidos por cidadãos quer por agentes da autoridade.

Daqui podemos tirar como conclusão geral que a utilização da força contra alguém raras vezes é lícita, e normalmente é punível criminalmente.

O respeito pela integridade pessoal tem de manter-se em todas as circunstâncias e particularmente nos momentos críticos em que por quaisquer razões se possa ser tentado a utilizar a força. O respeito pela legalidade deve obrigar-nos a respeitar a lei mesmo quando esta é incómoda para nós.

Pode por vezes perguntar-se: quando se tem a certeza que um indivíduo é culpado, não seria lícito dar-lhe uns «safanões» para o obrigar a confessar? Nem neste caso isso é lícito. Foi prevendo essa tentação que o art.º 270.º do Código do Processo Penal dispôs que é proibido a toda a autoridade, encarregada de efectuar qualquer prisão, maltratar ou dirigir qualquer insulto ou praticar violência aos presos.

Não pode, do mesmo modo, no interrogatório dos arguidos ser utilizada qualquer espécie de coacção. Ensina com a especial autoridade que lhe dá a sua antiga situação de ministro da Justiça o prof. Cavaleiro de Ferreira: «São actos irregulares todos os que se destinem a obter a confissão, pela violência física ou moral ou pela fraude».

Apesar disto acontece com frequência que os réus em tribunal recusam as confissões feitas durante a instrução dos processos. Esta atitude, mesmo quando infundamentada, deixa sempre a dúvida a pairar no espírito dos assistentes.

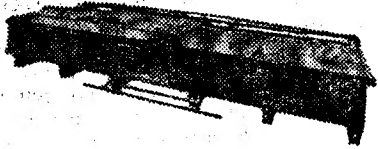
A lei porém estabelece uma regra que, a ser respeitada em todos os casos, afastaria esta dúvida e muito prestigiaria a administração da justiça; essa regra é a que impõe a assistência de defensor constituído ou oficioso em todos os interrogatórios do arguido. E é-nos grato citar aqui a doutrina de um dos nossos mais brilhantes e distintos magistrados, o Ex.º juiz-corregedor Pinheiro Farinha: «É ilegal e viciosa, atentória dos direitos da defesa e incompreensível, a prática por vezes seguida de o Ministério Público, durante a instrução preparatória, ouvir o arguido sem a presença do seu advogado ou, na falta deste, do defensor oficioso para o acto nomeado».

Esta doutrina é aplicável a todos os processos: assim, por exemplo, o primeiro dever do oficial da Polícia Judiciária Militar encarregado de um auto de corpo de delito é informar o presumido delinquentes de que pode nomear defensor para assistir a todos os seus interrogatórios.

O nosso sistema legal estabelece, pois, para os casos mais delicados, um sistema de garantia da integridade física. A presença do defensor durante as declarações será a prova indelével da autenticidade destas. E esta presença só servirá para prestigiar as autoridades e para conseguir um mais efectivo respeito pelos direitos dos cidadãos.

Na perspectiva de educação cívica em que se orientam estes artigos, parece-nos ser de salientar, em síntese, que os direitos humanos fundamentais, a dignidade e o valor da pessoa humana implicam que esta esteja ao abrigo de todas as agressões, quer das agressões por violência física ou moral, quer das agressões que resultam do medo, da miséria e da doença.

«MIDA»



UMA FABRICA A TAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- * SERRAÇÃO
- * CARPINTARIA
- * MARCENARIA

SERRA CIRCULAR AUTOMÁTICA Modelos 400.500.600

Fábrica: — TROFA (Tel. 94123)

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

FRIGORÍFICOS FIDES

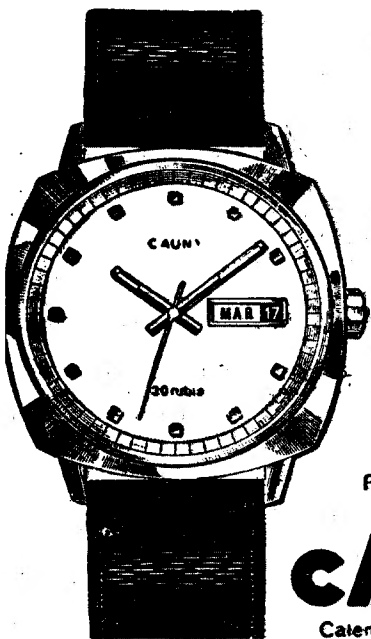
Interior em esmalte
Congelador a toda a largura

FRIGORÍFICOS DE QUALIDADE EXTRA NAS MELHORES CONDIÇÕES DE AQUISIÇÃO EM:

ELECTRODOMÉSTICOS LUSALVA

R. Andrade Corvo 4 A. Tel. 58884

VISITE-NOS: FICARÁ CLIENTE E AMIGO.



MELHOR QUALIDADE
MAIOR EXACTIDAO
MAIOR PERFEIÇÃO
MAIOR SELEZA

RELÓGIO SUIÇO
CAUNY
Calendário Automático

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARE
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8. 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEF. 727654-727665-713057



Carros e furgonetas
amplas facilidades
de pagamento,
peças legítimas,
estação de serviço
e oficinas

Um mundo fundado sobre a guerra

Continuação da pág. 3

engendrar um recio de destruição pessoal de uma evidência e amplitude tais que assegurem a adesão de todos os valores sociais.

Quanto à ecologia, o respectivo substituto deverá não só garantir a sobrevivência da espécie como melhorá-la no que se refere às relações com os recursos de que dispõe.

E, finalmente, quanto à Cultura e Ciências, um substituto de guerra que possa constituir elemento determinante de valores culturais, terá de criar um conflito equivalente, de equivalente extensão e força coactiva.

Como substituto das funções não-militares da guerra foram apreciadas pelo Grupo Especial de Estudos as seguintes instituições:

para a economia, um programa de bem-estar social com vistas a melhorar ao extremo as condições da vida humana; um programa, o mais extenso possível, de pesquisas espaciais, dirigido para alvos inacessíveis e um sistema de inspecção de desarmamento;

para a política, uma força internacional de polícia virtualmente onnipotente; uma ameaça extra-terrestre, poluição maciça do meio ambiente e inimigos fictícios;

para a sociologia, empresas copiadas do «Corpo de Paz» e uma forma evoluída de escravatura — como meio de «controle»; a poluição intensificada do meio ambiente, novas religiões e jogos sangrentos de utilidade social — como função criadora de móveis;

para a ecologia — programa extenso de medidas de eugénia.

Nenhuma substituição proposta em relação à Cultura.

para as Ciências necessidades secundárias apresentadas pela investigação espacial, pelos programas de bem-estar social ou pelos programas de engenharia.

Nas suas conclusões, o Relatório, ao analisar, alinea por alinea, cada um dos substitutos expostos, rejeita-os na generalidade, quer por os achar incompatíveis com a supressão do sistema fundado sobre a guerra (como seja a criação de uma força política internacional), quer por as julgar politicamente inaceitáveis ou impraticáveis. Insuficientes umas, comportando riscos outras, nenhuma responde às necessidades requeridas por um mundo sem guerra. Restrições estas, salientam-no, isentas de condicionalismo ético ou

religioso, todas de ordem prática ou técnica.

«Quando nós perguntamos quais são os meios de melhor nos prepararmos para o advento da paz — concluem os autores do Relatório — é-nos necessário responder com firmeza e com toda a convicção de que somos capazes que será impossível tomar a responsabilidade de fazer desaparecer o sistema fundado sobre a guerra: 1.º, até que conheçamos o que projectamos colocar em seu lugar, e 2.º até que estejamos bem seguros de que todas as instituições previstas como substitutas de guerra desempenharão bem o seu objectivo no sentido de assegurarem a existência e a estabilidade da sociedade... Não pode ser afirmado hoje com absoluta segurança, que a paz seja algum dia possível. O que ainda é mais discutível, porém, quando nos apolamos sobre o critério objectivo da existência das sociedades mais do que sobre um pacifismo sentimental, é uma questão de saber se ela é desejável.



vel no caso de estar demonstrado que se possa atingi-la verdadeiramente.

O SISTEMA FUNDADO SOBRE A GUERRA

São estas afirmações ratificadas e justificadas ao longo de algumas páginas.

O sistema fundado sobre a guerra demonstrou a sua eficácia desde o começo da História; alicerçou e desenvolveu numerosas civilizações, incluindo a actual. Aparte algumas limitações de que enferma, no que respeita à forma como desempenha as suas funções ecológicas, é perfeitamente satisfatória nas restantes, designadamente como controladora de economia e impulsora da coesão social. Além do mais, a guerra é um fenómeno conhecido, enquanto que o sistema fundado sobre a paz não deixaria de constituir uma aventura no desconhecido com os riscos inerentes... Por outro lado, o sistema fundado sobre a paz constitui factor de desequilíbrio.

Ainda assim não perfilham os autores a opinião de que se deve abandonar os programas de reconversão para a paz. É isto por algumas razões em que avulta a do atraso que sofreu a planificação do sistema fundado sobre a guerra que continua a agir segundo o princípio do laissez-faire.

De facto, nenhum estudo foi apresentado ainda que determinasse, por exemplo, «o nível de produção de armamento mais favorável ao «controle» económico, estudado numa série de momentos e em relação com a produção civil e os meios de consumo; que determinasse, também, os factores de correlação entre as diferentes políticas de conscrição militar e os desacordos sociais na medida em que podem ser considerados; e que determinasse, ainda, o mínimo de destruição da população necessário para manter a credibilidade de uma ameaça de guerra em condições políticas de naturezas diferentes.»

Como conclusão final, os autores do Relatório declaram-se convencidos de que o Governo dos Estados Unidos terá de se preparar para duas espécies de eventualidade. Como quem dissesse: tanto pode rebentar a guerra como a paz...

Transcrevendo: «A primeira (das eventualidades), que é, ao mesmo

tempo, a menos provável, é a de uma paz geral duradoura; a segunda é a continuação triunfante do sistema fundado sobre a guerra. Na nossa opinião, será necessário prepararmos-nos para a eventualidade da paz, não porque pensemos que o fim das guerras seja forçosamente desejável, se é que possível, mas porque nos poderia apenhar de surpresa.»

PARA A HIPÓTESE DA PAZ

Decorrente desta conclusão, e para fazer face às duas eventualidades, no capítulo final — «Recomendações» —, propõe-se a criação de uma Agência de Investigações sobre a Guerra e a Paz, cujas normas, objectivos, métodos e critérios de investigação são sucintamente indicados na parte que se refere à paz, com nitido desenvolvimento, porém, na que diz respeito à guerra.

A actividade da Agência, que deveria dispor de poder ilimitado e absoluta soberania, e, portanto, não sujeita a «controle», incidiria sobre uma série de alíneas, das quais referiremos as mais importantes:

Em relação à paz — criação e desenvolvimento de substitutos para as funções não-militares da guerra; exame e ensaio das instituições criadas com vista a verificar a sua viabilidade e validade; exame e estudo dos efeitos prováveis de uma

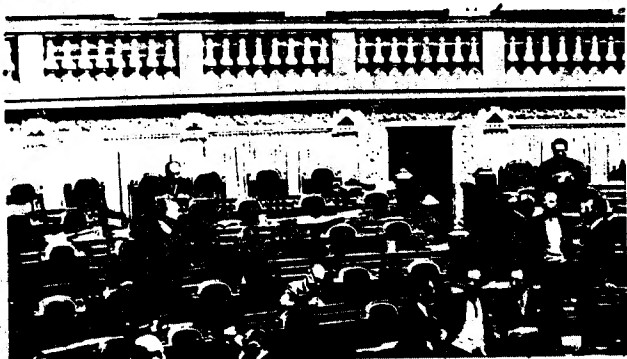
atrofia de certas funções para as quais se não tenha encontrado substitutos; e o estabelecimento de planos parciais, completos e extensivos, com o objectivo de prever e minorar os perigos que uma transição inesperada para a paz, e levada a efeito por motivo de força maior, acarretaria.

Em relação à guerra — a Agência competiria organizar uma investigação que assegurasse ao sistema fundado sobre a guerra a garantia de sobreviver cumprindo as suas funções não-militares por tanto tempo quanto fosse julgada desejável a manutenção desse sistema e da sobrevivência da sociedade. Para alcançar esse objectivo é fundamental: 1.º — medir as consequências não-militares determinando, com rigor, o total e proporção das despesas militares, desde a 2.ª Guerra Mundial, que se considerem como procedentes da necessidade da guerra como elemento de estabilidade económica, e de «controle» político e de coesão social; 2.º — definir critérios modernos para a execução das funções não-militares e, para tal, calcular níveis mínimo e máximo das despesas militares para preencher estas diferentes funções e calcular ainda níveis mínimo e máximo de destruição de vidas humanas necessários para constituir condição de credibilidade de ameaça externa; 3.º — Conciliar estes critérios com as limitações impostas nos domínios económico, político, sociológico e ecológico.

Ao fornecer estas normas e critérios o Grupo Especial de Estudos pretende ter racionalizado tudo o que até hoje tem sido elaborado sob imprevisto.

A actividade da Agência de Investigações prolongar-se-ia ilimitadamente, ou melhor, findaria quando se tivesse tornado inútil, isto é, quando a evolução histórica que ela própria, em parte, impulsiona, o hampusesse.

O livro levantou celeuma e controvérsia, como se disse. E não faltou quem o condenasse por ambíguo, pessimista e, até, perigoso sob certos aspectos ou quando lido por determinado sector do publico, o menos esclarecido ou culturalmente mal preparado. Haverá matéria bastante para justificar, em parte, as opiniões condenatórias. Assim mesmo há que ler o livro e discuti-lo. Alguma coisa o salva, ao que nos parece — e isso não deve ter sido levado em conta pelos que o condenaram — e é a ironia. Assim se saiba interpretá-la: é com a própria crueza da ironia que se vai condenando e denunciando, elo por elo, toda a cadeia em que se funda e processa a existência duma sociedade para a qual ela própria não descortina outra saída que não seja a repetição do que sempre foi: vítima e soberana dum sistema — o que se funda sobre a guerra.



Sabe para que serve e como funciona a Assembleia Nacional?

O NÚMERO DE DEPUTADOS

A Constituição de 1933 instituiu uma câmara deliberatória única, afastando-se deste modo «da tradição portuguesa que, salvo o caso episódico da Constituição de 1822, sempre adoptara o bicameralismo perfeito». Essa câmara, denominada Assembleia Nacional, é constituída presentemente por 130 deputados, eleitos por sufrágio directo e cujo mandato tem a duração normal de quatro anos.

Mas não foi sempre assim. Os deputados eram, inicialmente, 90, eleitos por uma lista única. Na revisão de 1945 os deputados passaram a ser 120, sendo actualmente 130, como se disse.

A eleição, a partir de 1945, faz-se por círculos eleitorais, correspondentes

na Metrópole aos distritos administrativos e no Ultramar às províncias ultramarinas. A votação, nesses círculos, incide em listas, «de maneira que não podem ser eleitos senão todos os componentes de certa lista».

A Assembleia Nacional subsistirá após a última sessão da legislatura até ao apuramento do resultado das novas eleições gerais. Mas poderá ser dissolvida «quando o exigirem os interesses superiores da Nação». Neste caso, as novas eleições devem efectuar-se conforme a lei vigente ao tempo da dissolução, dentro do prazo de 60 dias, se este não for constitucionalmente prorrogado.

A Assembleia realiza as suas sessões em Lisboa, no Palácio de S. Bento.

Continuação da pág. 3

bilidade e a incomodidade de serem da esquerda ou da direita.

Quando alguém se recusa a discutir Deus, a Pátria, as formas de vida inspiradas sem desvios no Evangelho; quando alguém aceita a autoridade irrecusável das «élites» morais e culturais, traduzida em privilégios que de modo algum atropelam a igualdade fundamental dos direitos; quando alguém crê no valor do sacrifício individual, que pode chamar-se heroísmo ou santidade, e na força de uma tradição que imprime carácter e se impõe como dever sagrado de continuar — hesitará esse alguém em dizer-se das direitas?

E aquele que, fazendo tábua rasa do passado e jogando na fatalidade do processo histórico, consente em sacrificar ou deixar sacrificar todos os valores morais e culturais à conquista de uma igualdade social e económica arvorada em ideal de vida; aquele que, decididamente, se opõe a tudo quanto possa entrar na marcha da revolução, e, de forma sistemática, se propõe derrubar aquilo que chama os mitos e os tabus das sociedades burguesas, embarcando, assim, na exaltante aventura da destruição total, para tudo começar de novo — esse negará que é das esquerdas?

Se um e outro o negam é porque nenhum deles está bem seguro do que é e do que pretende. E se, entendendo tudo, alguns declaram que já não há esquerda nem direita, é porque nesses as convicções cederam terreno ante um realismo oportunista, uma remordida e ruborizada ambição de estar bem com Deus e com o Diabo.

Mas lá porque o sargento baralhou as mãos do recruta, ele não deixou de ter uma destra e uma canhota. O que importa, afinal, é que saiba distingui-las.



Eng.ª Virginia Moura

O sentido de cada conceito depende da época, do país e das situações concretas a que são aplicáveis

I. As noções de Direita e Esquerda significam posições relativas dos movimentos políticos. Assim, no nosso entender, a noção de Direita marca um sentido de manutenção e a noção de Esquerda marca um sentido de transformação.

Concretamente, o sentido de cada conceito depende da época, do país e das situações concretas a que são aplicáveis, na medida em que essas circunstâncias variam.

Marcando posições relativas de agrupamentos políticos, a sua significação, quanto às características desses agrupamentos, depende:

- 1.º — dos próprios agrupamentos que se pretende classificar;
- 2.º — das circunstâncias históricas relativamente às quais esses agrupamentos representam uma tomada de atitude.

II. Num regime de autoridade serão de Esquerda todos os agrupamentos que pretendam derrubá-lo radicalmente, como serão de Direita os que pretendam mantê-lo.

Num regime democrático serão das Esquerdas os que pretendam tornar a Democracia efectiva, e da Direita os que pretendam mantê-la apenas no aspecto formal ou apenas parcialmente.

Numa época de transformação, são da Esquerda as forças que realmente actuam no sentido das transformações; serão da Direita as que procuram a imobilização, quer defendendo-a directamente, quer conduzindo-a ela por defesa de formas ou de processos inadequados de transformação.

Prof. A. da Palma Carlos

Esquerdas e direitas identificam-se por vezes nos seus métodos, nas aspirações que proclamam...

Direitas e esquerdas? Pois é evidente que no sentido tradicional das palavras há-de continuar a haver umas e outras. Os homens de ideias avançadas serão da esquerda; os conservadores ou reacçãoários serão da direita; os não extremistas serão do centro.

A grande dificuldade estará em determinar quem hoje pode dizer-se avançado ou conservador. Os avançados ainda não há muito surgiam como os paladinos extremistas das liberdades individuais e

das grandes transformações sociais e os conservadores como apologistas de sistemas políticos ultrapassados, em que o imobilismo seria a ideia dominante.

Mas não vimos nós regimes que se diziam conservadores igualados nos métodos políticos àqueles que se diziam avançados?

Não se sentiu, nuns e noutros, um totalitarismo execrável, em que só aos partidários do poder se concedia cidadania plena, relegando-se os discordantes a uma situação de inferioridade quase absoluta?

Não se viu, em países de organização aparentemente democrática, a concentração do mando nas mãos de um chefe conservador, muitas vezes determinado nas suas atitudes somente pelos caprichos do seu poder pessoal, mas avançando no sentido de uma «participação» que muito se aproximava de certas reivindicações extremistas?

Este panorama, que é dos nossos dias, gera, evidentemente, a confusão e torna difícil de preencher, com um conteúdo definido, as palavras que estão na base deste inquérito.

Esquerdas e direitas identificam-se por vezes nos seus métodos, nas aspirações que proclamam, nas finalidades que dizem prosseguir. Por isso são, como bem observou o sr. Presidente do Conselho, noções de «sentido muito equívocos».

Inequivocas me parecem, porém, duas atitudes fundamentais: a dos que vêem o homem como mero elemento da colectividade e restringem as suas actividades e liberdades ao que apresentam como interesse colectivo, bem ou mal definido pelos detentores do poder; e a dos que entendem que não sendo a colectividade mais que um agregado de homens, a estes se devem dar todas as possibilidades de expansão e de doutrinação das suas ideias políticas, económicas e so-



ciais, pois é da acção de cada um que pode resultar o progresso geral.

Gera-se assim o embate de colectivistas e individualistas.

Fiel aos princípios em que fui criado e que sempre propugnei, continuo a estar com os últimos. O mundo não é composto de rebANHOS. É composto de homens, a quem tem de reconhecer-se a eminente dignidade da pessoa humana, deixando que cada um se manifeste e actue livremente, desde que respeite a legalidade.

É da acção e da iniciativa de cada homem que resultam o progresso e o bem-estar social; não é da imposição de uma ordem social e económica pré-estabelecida e muitas vezes assente em bases fictícias, sem consideração das realidades, que pode resultar a felicidade dos homens.

Foram eles que estruturaram a colectividade. A fórmula ideal não pode portanto ser «a colectividade para os homens», mas sim «os homens para a colectividade».

Os meios e os fins, e os princípios

JOSÉ FERNANDES FAPE

«Os fins alcançam-se pelos meios». É um axioma, tão axioma que mais parece uma lapalissada. Atenção porém: o seu corolário não é o princípio (jesuita) segundo o qual os fins justificam os meios. Este é um princípio ilegítimo, um princípio tirano (em todos os sentidos inclusive o grego) que tomou o poder moral por uma espécie de *putsh* que redundou num principicídio.

O corolário que bem decorre do axioma citado, e de princípios, é outro: «quem quer os fins quer os meios», o qual, apresentando uma panóplia de meios, deixa a liberdade da escolha a critério nosso.

Objectar-se-á que a um fim corresponde um meio e um só? Com que base, se o mais determinista dos pensamentos, o estruturalista, sustenta que «a História realiza apenas algumas das transformações possíveis definidas pela estrutura». (V. o prefácio de Eduardo Prado Coelho à antologia de textos estruturalistas editada pela Portugália. Agora que o estruturalismo passou de moda, podemos discuti-lo mais à vontade.)

Um facto, por se dar, não nos garante que era necessário, limita-se a provar-nos (ainda que se trate da prova real) que era possível. A necessidade está no número limitado dos possíveis, de que a acção dos homens realizou um.

Ora factos — são tanto os fins atingidos como os meios postos em prática para os atingir. Portanto, o mais rigoroso dos pensamentos deterministas não cauciona a tese de um meio e só um correlativo do seu fim.

Temos pois o fim em vista e uma pluralidade de meios para o alcançar. Com que critério escolheremos? Com o dos princípios... e o dos fins.

Os princípios constituem (lógica mente) o primeiro elo da cadeia da acção. Os princípios, ou seja os valores, fundamento do dever.

Mas um princípio é abstracto... como uma ideia. Para concretizá-lo a sua projecção em fim, esboço do futuro que o imaginário traçou.

O fim a alcançar é pois imagem (projectão, reflexo não mecânico, do princípio.) E não é mais do que isto porquanto, se alcançado, o fim deixa de o ser. No exacto momento de o tocarmos... transforma-se em meio de novo fim a atingir. Ai dos que se instalaram nos fins que desejaram, porque se instalaram na morte! São as «almas mortas» de que fala Péguy.

Toda a realidade objectiva dos fins está nos meios. Porque um fim se constrói por uma série de meios postos em prática. Cada meio de um fim o edifica. E o fim é o resultado de todos os meios que se utilizaram para o obter.

Por isso a escolha dos meios é decisiva. Há meios melhores e meios piores para a construção dos fins. Em certas circunstâncias, o problema consistirá até em escolher o menos mau. Mesmo nesse caso porém, estaremos longe da jesuitica equivalência dos meios, que é licença de construir o fim com quaisquer meios, o que leva à escolha dos meios mais fáceis, quase sempre os piores, e o fim fica mal construído, correndo a obra o perigo de ruir.

Quase dicionário de conceitos económicos

Claro que não se pretende fazer «de escola». Só o que acontece é que algumas expressões são comuns sem ser comuns o esclarecimento sobre os conceitos. Quantas vezes se lê, fala, escreve, sobre rendimento, produto, despesa nacional, estatística, sem conhecimento ajustado do que se está lendo, falando, escrevendo?

De uma publicação do Instituto Nacional de Estatística — «O Rendimento Nacional Português» — extraímos uns trechos sobre a definição dos conceitos utilizados.

Parecem-nos muito claramente expostos e, embora fosse possível abrir um debate sobre os conceitos, eles, como estão expostos, servem para o esclarecimento do que vão sendo expressões habituais na nossa linguagem.

Por agora, publica-se o começo do que poderá ser — para quem interessar — o conhecimento de «instrumentos» para a análise sócio-económica.

O conjunto da actividade económica nacional pode ser observado por diversos ângulos. Justifica-se assim que a mesma realidade possa ser traduzida estatisticamente de modos diversos, consoante o conceito que se tenha adoptado.

Quando se considera o total da produção de bens e serviços resultantes da actividade económica realizada num dado período de tempo, a expressão numérica do valor desse total pode ser obtida tanto directamente dos dados estatísticos da produção como através dos rendimentos na mesma gerados ou ainda pelo exame da utilização final dos bens e serviços

produzidos. Definem-se deste modo três ópticas de observação, às quais se faz corresponder três conceitos distintos, embora coincidentes no seu significado final.

Na verdade, é evidente que tomar o valor global da produção final de um dado bem ou serviço equivale a adicionar os vários pagamentos efectuados aos factores produtivos que para ele concorreram ou ainda a tomar o total da despesa havida na sua aquisição.

Tome-se, como exemplo, o caso da produção de um bem de consumo vulgar: o pão. O valor final da produção de pão tanto pode obter-se somando o valor dos diferentes bens e serviços que entram na sua composição, até ser apresentado no mercado, como pode atingir-se pela adição dos ordenados e sa-

lários, lucros e outras formas de remuneração que foram pagos aos diferentes factores produtivos que concorreram para a sua produção. É evidente que, considerando a fase final da aplicação do bem, neste caso o consumo de pão, se poderá obter um valor análogo através das despesas dos consumidores em pão.

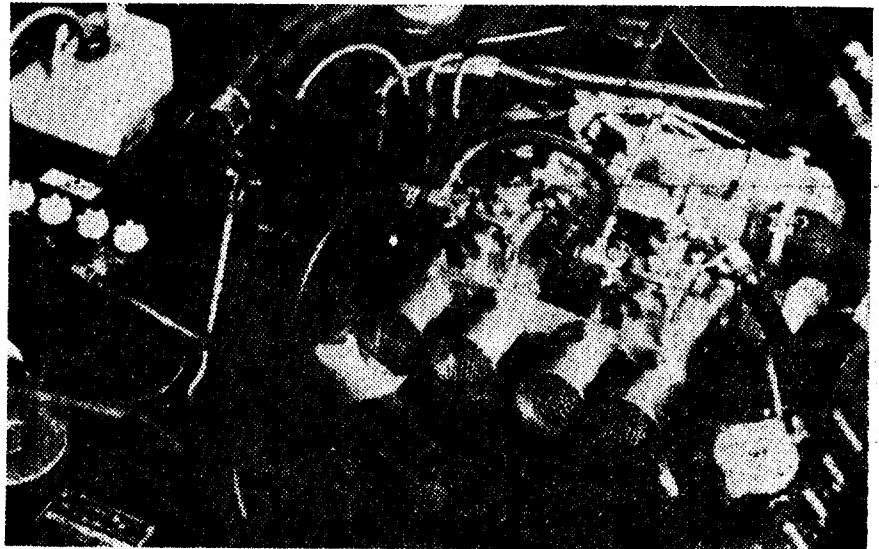
O valor final de um bem ou serviço é pois igual à soma dos salários, dos lucros e de

outros rendimentos a que a sua produção deu origem. Esta igualdade, generalizada para a totalidade da produção de bens e serviços do país, permite identificar os conceitos do produto e do rendimento, à parte pequenos ajustamentos decorrentes do processo de valorização.

Por outro lado, estes dois totais coincidirão com o valor global da despesa do país — fim último de toda a produção — considerado nas

suas duas grandes componentes de consumo e investimento.

Estes três conceitos — produto, rendimento e despesa — são definidos de modo tal que cada um tem o seu interesse próprio para efeitos de análise económica, mantendo-se ao mesmo tempo interligado de forma a que a transposição de um para outro, em termos globais, é apenas matéria de alguns ajustamentos decorrentes das definições adoptadas.



Um motor deve trabalhar como um motor

Não podemos deixar de concordar que o aspecto de sob o «capot» de quase qualquer automóvel actual é uma razoável confusão que de atraente, para o leigo, nada tem.

Não nos admira, portanto, que cada um faça os possíveis para não «destapar» o motor: o melhor é esquecê-lo, se isso for possível.

Talvez, mesmo, seja esta vontade de «esque-

cer» totalmente a máquina que conduz a «tristes» afinações, levadas a cabo com o fim exclusivo de evitar os ruídos da máquina.

Um dos pontos sobre o qual recai, invariavelmente, este tipo de afinações é a folga das válvulas, tantas vezes perigosamente diminuída com esta exclusiva finalidade. O outro ponto diz respeito à afinação do «ralenti», cujos valores mais baixos conseguidos dão à leveza de trabalho de um motor de automóvel a pesada regularidade da máquina de um cacilheiro.

Nunca entendemos o orgulho com que tantas pessoas exibem os seus motores com os regimes de «ralenti» afinados daquela maneira: um motor fez-se para trabalhar como motor e não com débeis ruídos de máquina de costura. Isto por um lado. E, quanto ao andamento, a tão anunciada economia do «ralenti» extremamente re-

duzido à utópica ou pouco menos. Também quanto ao andamento, o ganho é... zero. Ou, pior: a progressão do regime, no início da aceleração é mais lenta, e isto quando não existe uma verdadeira «poço» em que o motor não tem força entre duas gamas de regimes separadas apenas de alguns poucos centos de rotações por minuto.

B. de L.

Habitação económica...

Continuação de pág. 5

sujeito a ventilação interior não poderia desempenhar um papel bastante útil na climatização dos edifícios. — E quem fala de sacagão fala evidentemente de rabos de bacalhau que é como quem diz na burlada linguagem oficial — «corpos salientes de tardoz». — Tanto uma coisa como outra apenas teriam razão de ser nas zonas antigas onde se permite reedificar. Ninguém pensa hoje uma urbanização em termos de quarteirões bordejando os arruamentos. Feita esta ressalva não deixa de se reconhecer que mereça da sua profundidade as casas que, não há muito tempo ainda se faziam, embora com o inconveniente sério dos quartos interiores, tinham, pelo menos, a vantagem de possuir maior número de divisões. Este facto permitia desmultiplicar as actividades domésticas desconfinando-as a certos compartimentos, sem grande risco, por conseguinte, de se incompatibilizarem. Agora, dada a pequenez dos fogos, toda a vida familiar se processa na sala comum, desaguadouro para onde confluem indistintamente jovens e adultos. Alí o efeito obsessivo e absorvente do aparelho de televisão impede a coexistência de quaisquer actividades e chega a destruir o contacto entre as pessoas.

Um vício ampliado

Tornando-se difíceis, por falta de condições de isolamento, os trabalhos que exigam concentração, o impulso natural será sair para o exterior. Este o motivo que justifica, em parte, verem-se tantos estudantes debruçados sobre os livros nos cafés. Mas não são os que querem ler ou estudar os únicos afectados. As crianças precisam igualmente de recantos onde brinquem e onde disponham os seus pertences sem interferência dos mais velhos. Quando assim não sucede surgem frequentemente conflitos e estados de mutuo enervamento. Tudo isto se encontra analisado lá fora, por meio de laboriosos inquéritos sociológicos. Assim, segundo Chomart de Lauwe, verificou-se em Paris uma percentagem mais elevada de crianças instáveis, coléricas ou nervosas sempre que o número de pessoas por compartimento subia além de 2,5. De igual modo quando uma família dispunha de menos de 8 a 10 m² de superfície por pessoa, as relações entre os pais e os filhos, revelavam indícios de perturbação. Estes dados reportam-se a um caso francês e nada garante que sejam exactamente idênticos em Portugal. Constituem todavia uma referência importante a ter em conta numa altura em que a tendência prevalente é para casas mais pequenas. O limite mínimo, no que se refere a superfícies, encontra-se regularmente definido. Ele constitui uma salvaguarda para que se não desça aquém de determinadas condições, tidas por indesejáveis. Como porém os critérios de usura, cada vez mais, relegam as casas para as proximidades desse limite, cada vez também, haveria mais gente a viver nos limiares da habitabilidade.

Como a casa económica geralmente dá um baixo rendimento ao capital investido, os vícios de que padecem as outras construções encontram-se nela frequentemente ampliados. Assim, a preocupação de economia que as norteia conduz não apenas a extremas reduções no tamanho dos fogos, mas também ao abuso de acabamentos demasiado pobres. Orçando as despesas de conservação de um prédio vulgar, ao longo duma existência média, em cerca de 50 por cento do custo da sua construção, é evidente que este número tenderá a subir verticalmente se a qualidade dos materiais usados descer aos limites de indigência a que não raro se assiste. Nessas circunstâncias, com a acumulação a longo prazo dos encargos não deixa de ter cabimento perguntar onde reside a economia.

Mais casas? Melhores casas?

A contra-indicar, ainda, este critério tancanhado de reduzir a habitação económica ao estritamente essencial, descurando até qualquer ideia de resguardo térmico ou acústico, militam dois factores importantes. Um deles reporta-se à obsolescência rápida dos edifícios, o outro, à caducidade dos «standarts» que daquele modo são oferecidos aos ocupantes. — Um gradual aumento do nível de vida das populações desperta nelas o desejo de melhores condições de conforto. O acréscimo de poder de compra que correspondará a essa elevação irá, em primeiro lugar, ser canalizado para um empolamento nos gastos dos bens de consumo. A partir de certa altura, no entanto, começa a acentuar-se o distanciamento entre o género de vida que se leva e o local a que a mesma está circunscrita. A habitação passa a ser uma espécie de casulo demasiado estreito para a borboleta que lá cresceu.

O fenómeno será tanto mais rápido quanto maior o progresso no nível geral de vida e mais rudimentares as habitações de que se parte.

Se se atender porém a que um edifício deverá durar pelo menos 50 anos, não parecerão descabidas estas prevenções. Elas levam a que se condenem, a não ser em casos excepcionais — as habitações mínimas. Uma construção para durar e ser rendável terá de beneficiar de certas folgas. A determinação da margem de manobra é um problema difícil — tecnicamente falando — mas é sobretudo um problema político. Competirá aos governos, ante os grandes somatórios de necessidades a satisfazer, decidir se será preferível um maior número de casas de duração reduzida ou um número menor de duração mais longa. A escolha comporta inegavelmente os seus riscos. Nem sempre uma atitude prospectiva se identificará com a inquietação dinamizadora que deseja, a todo o custo, ver obra feita — mas nem sempre, também, os sucessos apressados duram muito mais do que o som das palmas que os vitoriam.

AQUILINO RIBEIRO MACHADO

correias para ventoinha

camions
automóveis
tractores

máquinas agrícolas
industriais

Fenner

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBerdade, 72-77 LISBOA

TRAVE COM Raybestos

Calços para travões
Discos para Embragem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho, 52, 1.º, B.

75% DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARAVANAS
SEGREGO DE UM GRANDE ÊXITO

MARCAMPO
A MAIOR ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE CARAVANISMO

VISITE OS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO:
AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 56-A, B, D • TEL. 72 67 76 • LISBOA 5

14 MODELOS A SUA ESCOLHA

ECCLES EUROPE FAIRHOLME SPRITE



Lumumba, a grande vítima da independência



Mobutu governa hoje o Congo com mão de ferro

A morte de Tchombé

ANTÓNIO VILLAVERDE CABRAL

«Tchombé ter-me-ia reembolsado. Ele tinha muito dinheiro nos bancos suíços», afirmou Hubert Julian — comerciante de armas, conhecido por «águia negra de Harlem» — depois de ter informado estar na posse de dez milhões de dólares destinados à compra da liberdade de Moisés Tchombé.

Segundo Julian, tudo estava preparado e a soma de dez milhões era o resultado de longas negociações. O acordo, porém, veio tarde. Tchombé morria num cárcere argelino, pondo fim à vida aventureira de um político venal.

Moisés Tchombé tornou-se mundialmente famoso quando serviu de «esteta de ferro» ao grupo financeiro que dominava a Union Minière, proclamando a independência do Katanga.

A independência do antigo Congo Belga, decidida com grande rapidez, sucedeu-se a secessão da mais rica região do novo país. Na prática o que se pretendeu foi dar de facto a independência à zona pobre do Congo e manter um apertado «controle» sobre a zona rica — o Katanga. Isso era tanto mais importante para o grupo europeu da Union Minière quanto era verdade que o primeiro-ministro eleito pretendia ensaiar um socialismo à africana.

A separação do Katanga provocou o inevitável — a guerra civil.

Depois de meses de luta, o secretário-geral das Nações Unidas Hammarskjöld, o presidente Kasavubu e o coronel Mobutu derrubaram o Governo de Patrice Lumumba. Mais tarde, a 17 de Janeiro de 1961, Lumumba foi enviado para a morte, para o Katanga.

Quatro dias antes, Kasavubu e Mobutu tinham conferenciado com Lumumba na prisão. Do que então se passou quase nada se sabe. Contudo, pensa-se que Lumumba tenha sido instado a anelar para os seus correligionários no sentido de abandonarem a luta que ainda moviam à «ellique» Mobutu-Kasavubu.

O antigo primeiro-ministro ter-se-ia recusado e, assim, provocado a decisão dos seus interlocutores de o enviar para as mãos de Tchombé e do seu ministro do interior, Munongo.

Esta foi uma das raras ocasiões em que as duas



Tchombé, exemplo do moderno Quisling

facções representadas por Mobutu e Tchombé se puseram de acordo. De aí em diante, salvo alguns episódios de guerra contra os «simbas», a luta feroz passou a travar-se exclusivamente entre o capital europeu da Union Minière (Tchombé) e o capital americano.

Tchombé conseguiu, depois de expulso do Katanga, uma breve vitória quando alcançou, em 1964, o poder central em Leopoldville, sendo nomeado primeiro-ministro da República Democrática do Congo.

Mas a força do dólar, apoiada segundo muitos observadores pela C. I. A., é muita e, em 1966, Mobutu aproveitou uma viagem de Tchombé pela Europa e destituiu-o, acusando-o de alta traição.

A figura de Moisés Tchombé é, sem dúvida, um dos exemplos mais completos dos modernos Quisling do terceiro mundo. Afirmando-se um defensor do povo negro do Katanga, não hesitou em recorrer a mercenários

que o conseguisse, a sua reentrada no Congo, a registar-se, não seria por certo das mais grandiosas. Mobutu governa hoje o Congo-Kinshasa com mão de ferro, armada por milhões de dólares e a Europa financeira não tem já esperanças de bater Wall Street no Congo.

Mobutu, desde que Tchombé ficou prisioneiro dos argelinos, tentou sempre obter de Boumedienne a extradição do «leader» katanguês. O Supremo Tribunal argelino encontrou suficientes provas da culpabilidade de Tchombé em muitos crimes justificativos de que se acedesse ao pedido de Kinshasa. Mas Boumedienne preferiu manter Tchombé em Argel, tirando a Mobutu a possibilidade de calar «um homem que sabia demais», fazendo propaganda ao mesmo tempo. «Sou vítima da C. I. A.», foi uma das últimas declarações públicas de Tchombé.

Grave lacuna da Universidade Portuguesa

A FALTA DE UM CURSO DE OCEANOLOGIA E LIMNOLOGIA

O doutor Falcão Paredes publicou no «Diário de Coimbra» recentemente um artigo intitulado «A Oceanologia e a Limnologia, lacuna da Universidade Portuguesa». Termina-o afirmando que não se lhe afigura difícil a inclusão do ensino de Oceanologia e Limnologia na Universidade, mesmo no caso de uma experiência imediata.

Esta afirmação despertou-nos o interesse de ver claramente equacionado um tão importante problema, pelo que nos propusemos pôr-lhe algumas questões:

— Poderia dizer-nos o que teve em mente com esta afirmação?

— Somos da opinião que não se poderá levar a cabo uma reestruturação da investigação oceanológica e limnológica básica e aplicada, sem se considerar o problema do ensino que pensamos dever fazer-se a vários escalões, visando a promoção técnica e dignificação, desde pescadores a mestres de pesca, dos capitães pescadores aos tecnólogos de pesca, dos cientistas aos planificadores e coordenadores de cooperativas artesanais, dos professores aos gerentes de empresas industriais de pesca. No caso de Portugal, a indústria pesqueira — admirável extraordinária expansão — garantirá futuro de francas possibilidades a qualquer técnico ou especialista.

Para uma experiência imediata há que ter em conta o aspecto económico. Por outro lado, o ensino aplicado deve desempenhar um papel de compromisso, relativamente ao ensino básico. Assim, achamos dever-se considerar: um curso ao nível de licenciatura, a que chamariamos, por exemplo, de Oceanologia e Limnologia, a entroncar-se no curso geral de Biologia, a partir do qual os estudantes que desejassem continuar teriam de optar por uma das duas licenciaturas; um outro curso universitário ao nível de bacharel, a que chamariamos de pilotos tecnólogos de pesca, que se entroncaria no curso da Escola Náutica, o que implicaria um compromisso de equivalência entre os Ministérios da Educação e da Marinha. Além disso, dispondose de recursos docentes criados pela Universidade, poder-se-ia pensar num outro curso para mestres de pesca, (cujo nível urge ser elevado), integrado no ensino técnico profissional.

— Quer dizer que, assim como «Agricultura vem dispondo de especialistas a vários níveis, dos quais destacamos o engenheiro-agrônomo e o regente agrícola, urge criar correspondentes especializações para os problemas respeitantes à Oceanologia e Limnologia...

— Exactamente e o assunto apresenta-se-nos com bastante acuidade. Achamos oportuno chamar a atenção para o seguinte aspecto: o de se dever desenvolver um esforço para estabelecer o colóquio e cooperação entre a Universidade e sectores económicos. A Universidade como vértice da pirâmide estrutural dos estados modernos numa tal atitude, forçosamente se tornaria mais actuante.

Gostaria de salientar que o assunto da Oceanologia não diz respeito somente à biologia básica e aplicada

(caso das pescas). É de indiscutível interesse que a Oceanologia nos campos da física, meteorológica, geológica e química apareçam como disciplinas das respectivas licenciaturas. Logo a Oceanologia é uma ciência que envolve toda a Faculdade de Ciências.

A Oceanografia geológica está assumindo grande interesse económico. Problemas de poluição radioactiva, química e biológica, assumem já aspectos alarmantes em determinadas áreas. Da Oceanografia física depende a conquista e domínio do espaço oceânico, onde o homem já começou a cultivar e a criar a semelhança do que fez no espaço continental, substituindo-as pelas capturas ou caça.

Como somos da opinião de que deve caber à Universidade um papel preponderante no campo da investigação, achamos que a estruturação dos cursos referidos deve ser levada a efeito por um Instituto Universitário numa das nossas Universidades, funcionando como piloto para aquele fim.

A Universidade que nos parece reunir melhores condições para uma tal experiência seria a Universidade de Luanda.

— E porquê a Universidade de Luanda e não qualquer outra Universidade?

— Tratando-se de uma primeira experiência, creio ser esta a atitude mais sensata. Há que ter em conta a pobreza de especialistas. Uns anos mais e o assunto deverá logicamente interessar outras Universidades que poderão então dispor de melhores recursos humanos, em numero e qualidade, e beneficiar dos resultados da primeira experiência.

Nessa primeira fase todos os organismos imediata ou futuramente interessados nos especialistas em Oceanologia e Limnologia, deveriam criar um sistema de bolsas de estudo para manter estudantes seleccionados para o efeito, frequentando a universidade-piloto. Parece-nos indiscutível o senso económico desta medida. Os organismos em causa serão: outras universidades, juntas de investigação, institutos ou centros de estudo da especialidade, estações de piscicultura, etc.

Várias circunstâncias influíram na sugestão da Universidade de Luanda:

1) A costa de Angola reveste-se de uma importância extraordinária; estão relativamente próximas dela os centros pesqueiros do Atlântico equatorial e sul, quer para efeito da pesca de pelágicos, quer para efeito da pesca de fundo.

2) Angola ocupa uma posição intermediária no espaço português.

3) As Universidades ultramarinas dispõem de maiores recursos financeiros.

4) Angola, devido à riqueza do seu património nerítico e oceânico, possui já um sector económico envolvido na exploração pesqueira de importância e em franca expansão admitindo ainda uma expansão sem limites.

5) O desenvolvimento das pescas em Angola é mais uma plataforma de fixação de colonos.

6) Além do mais, Angola dispõe de algumas instituições de investigação aplicada às pescas, que devem reunir o maior apetrechamento científico nacional, quer em meios materiais, quer em meios humanos, ao serviço da investigação oceanológica básica e aplicada. Basta referir a existência do único barco oceanográfico civil construído para o efeito.



MESA REDONDA